

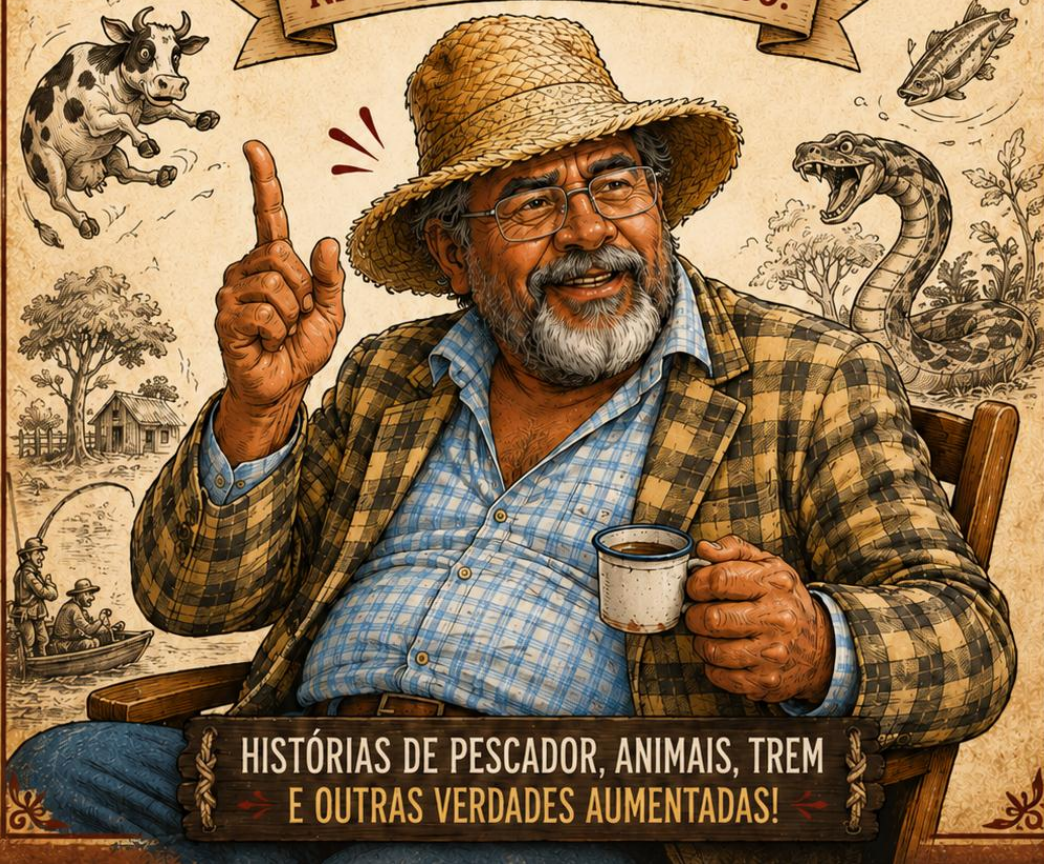
OS

CAUSOS

DO

VEIO OLEGÁRIO

NÃO É MENTIRA... É CAUSO!



HISTÓRIAS DE PESCADOR, ANIMAIS, TREM
E OUTRAS VERDADES AUMENTADAS!

Não se trata de um simples contador de causos, pois manter uma audiência constante durante quase vinte anos e de forma praticamente diária, em toda a região da Grande Dourados, em Mato Grosso do Sul, já demonstra que Edinaldo Mendes da Silva possui algo fora do comum. Sua criatividade, marcante em toda sua trajetória na arte, é o elemento principal que torna sua obra única.

Ao resgatar causos de domínio público, Edinaldo aproveita seu dom natural, enriquecendo as narrativas com detalhes e linguagem regional. Isso prende o leitor de forma singular: a riqueza de detalhes não apenas nos faz imaginar, mas também quase vivenciar os acontecimentos como se fosse possível observar *in loco* o desfecho de cada caso.

Mais do que uma simples leitura, a obra é um resgate da cultura, dos costumes, dos objetos e das características regionais por ele adaptadas e inseridas de forma cirúrgica, para não dizer mágica. Por fim, a linguagem coloquial é o que talvez mais se destaque e encante em toda a experiência.

Imperdível! Resta conferir.

Claudinê Mendes da Silva,
Professor, sociólogo e pedagogo, em São Paulo.





Edinaldo Mendes da Silva nasceu em Nova Guataporanga, em São Paulo, mas reside em Itaporã, no Mato Grosso do Sul, desde 1978. Foi diretor de cultura da Secretaria Municipal de Cultura de Itaporã, de 2000 a 2020. Além de artesão, é locutor da Rádio Coração 95.7 desde 2006. Há vinte anos dá vida ao personagem contador de causos, Veio Olegário.

OS CAUSOS DO VEIO OLEGÁRIO

NÃO É MENTIRA... É CAUSO!

Edinaldo Mendes da Silva (Org.)

OS CAUSOS DO VEIO OLEGÁRIO

NÃO É MENTIRA... É CAUSO!

Edinaldo Mendes da Silva (Org.)

© 2026 Edinaldo Mendes da Silva

© 2026 Editora EFMB

Todos os direitos desta edição reservados à Editora EFMB e ao organizador da obra.

Fica terminantemente proibida qualquer reprodução (total ou parcial) desta obra sem a devida permissão da editora e do organizador.

E-BOOK GRATUITO E DE LIVRE ACESSO.

Edição e diagramação: Eric Brito

Arte da capa: Edu Mendes



Dedico esta obra a todos meus familiares, amigos, aos ouvintes da Rádio Coração, em especial os do programa Coração Sertanejo, aos locutores, diretores e funcionários da rádio, e, por fim, aos freis e diáconos da Paróquia São José de Itaporã/MS.

Aos fãs do Veio Olegário, meu muito obrigado.

Edinaldo Mendes da Silva
Organizador

Edinaldo Mendes e velho Olegário: onde um está o outro também aparece, ambos acompanhados de alegria e de muita simplicidade com os causos deste bom velhinho que anima todo o ambiente.

Que Deus abençoe este lindo projeto. Um abraço de quem aprendeu admirá-los. De seu amigo Enio Teixeira locutor da Rádio, que tem o prazer de ter a sua companhia no programa Coração Sertanejo, nas manhãs de sábado, na Rádio Coração FM 95,7, de Itaporã MS.

Enio Teixeira

Locutor da Rádio Coração

"Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos!"
(Filipenses 4,4)

Com essa alegria pascal, apresento e recomendo com entusiasmo o livro "Os Causos do Veio Olegário", organizado pelo nosso querido amigo Edinaldo Mendes – paroquiano assíduo, atuante e sempre presente na vida de nossa comunidade.

Nas páginas desta obra, Edinaldo reúne os frutos de seu trabalho e missão como voluntário da Rádio Coração, da Diocese de Dourados – um serviço dedicado e fiel, realizado ao longo de vinte anos com alegria contagiante e um humor que encanta e aproxima.

A mensagem cristã e a missão evangelizadora pedem exatamente isso: convicção e alegria. Como diz o velho ditado popular, "atrai-se mais moscas com mel do que com vinagre". E a própria Regra da Ordem dos Frades Menores nos lembra: "Cuidem-se para não se mostrarem exteriormente tristes – mostrem-se alegres no Senhor."

Que o amigo Edinaldo continue levando, por meio da comunicação, sua alegria e seu humor a todos os ouvintes – porque onde há alegria verdadeira, há sempre um sopro do Espírito de Deus.

Que Deus os abençoe e os proteja sempre!
Fraternalmente,

Frei Roberto Miguel do Nascimento
Pároco da Paróquia São José – Itaporã/MS

No início da Rádio Coração em 2005, foi um dos grandes acontecimentos em nossa diocese de Dourados. Trabalhamos muito para construir uma grade de programação que agradasse a todos os nossos ouvintes.

Dentro desta grade apareceu um personagem maravilhoso que tem o nome de Veio Olegário, de Itaporã, especificamente da paróquia São José.

Porém eu comecei a prestar atenção nos causos e percebi que era tudo invenção, eram exageradas as piadas contadas. Aí resolvi fazer uma visita na rádio e achei o livrinho que o Veio Olegário usava. Qual foi a minha decisão? Esconder o livro, só assim os causos iam parar. Mas a pressão foi tão grande que resolvi devolver o livro, e o programa Coração Sertanejo, apresentado pelo Ênio Teixeira e pelo Veio Olegário, cada vez mais, conquistava uma grande audiência, batendo assim o recorde na madrugada de participação de ouvintes, se tornando muito amado.

Até hoje o Veio Olegário e o Ênio Teixeira fazem sucesso com os ouvintes.

Eu agradeço a Deus por fazer parte da Rádio Coração e da vida dos dois artistas de Deus, parabenizo pela perseverança, prometo que não vou mais esconder o livrinho.

Parabéns, Veio Olegário, e que este livro seja um grande sucesso como é o Veio nos microfones da Rádio Coração... Deus os abençoe, conte sempre comigo.

Ozair Dias Sanabria

Direção artística

Há mais de vinte anos, nos microfones da Rádio Coração, surgia um personagem simples, autêntico e cativante: o Veio Olegário. O que começou como uma participação descontraída logo conquistou o carinho dos ouvintes, tornando-se uma presença querida em milhares de lares.

Ao longo dessas décadas, suas histórias, anedotas e reflexões levaram não apenas momentos de alegria, mas também mensagens de sabedoria, valores humanos e fé. Com a simplicidade própria dos grandes comunicadores, o Veio Olegário soube transformar o cotidiano em ensinamentos que permaneceram na memória e no coração de seu público.

Como presidente fundador da Rádio Coração, sinto-me honrado por ter acompanhado o nascimento e a trajetória desse personagem que ajudou a escrever uma bela página da história de nossa emissora.

Que este livro perpetue sua voz, preserve seu legado e continue levando sorrisos, reflexões e esperança às futuras gerações de leitores.

Ao seu criador, minha admiração e meus sinceros parabéns por transformar vinte anos de inspiração em uma obra que certamente tocará muitos corações.

Gilmar Curioni

Presidente e fundador da Rádio Coração

PREFÁCIO

Aos sábados, bem cedo, ligo o rádio na Rádio Coração FM 95,7 para ouvir o programa *Coração Sertanejo*. As músicas sertanejas me fascinam, mas é nos causos do Veio Olegário (Edinaldo Mendes da Silva) que meu coração pulsa de alegria, dissipando qualquer tristeza. Esses causos, recolhidos da internet e transformados para a realidade sertaneja, ganham vida pela sensibilidade e talento de Edinaldo, que os organiza e os oferece ao público como quem partilha um tesouro cultural.

A tradição de contar histórias sempre foi um dos pilares da cultura popular.

Em uma roda de amigos, o causo é mais que entretenimento: é memória, ensinamento, sabedoria. Como lembra Walter Benjamin, o narrador é aquele que sabe dar conselhos porque viveu experiências, e delas extrai a substância da narrativa. O contador de causos é, portanto, guardião da sabedoria coletiva, capaz de transformar o cotidiano em epopeia.

Edinaldo Mendes da Silva, sob o codinome Veio Olegário, insere-se nessa linhagem de narradores que preservam e reinventam a cultura sertaneja.

Seus causos carregam humor, astúcia e persistência, elementos que fazem parte da alma do povo do interior.

Ao registrá-los em livro, ele garante que essa tradição não se perca diante das novas formas de comunicação que, muitas vezes, sufocam a oralidade.

Ler *Os Causos do Veio Olegário* é mais do que acompanhar histórias divertidas: é entrar em contato com um universo que resiste ao esquecimento, é sentir o calor da roda de conversa, é ouvir o riso que ecoa no terreiro.

É, sobretudo, reconhecer que a cultura sertaneja continua viva e pulsante, graças a narradores como Edinaldo, que sabem transformar memória em literatura.

Este livro é um convite à escuta e à partilha. Que cada leitor encontre, nas páginas que seguem, não apenas histórias, mas também pedaços de sua própria vida, lembranças de sua infância, ecos de sua comunidade.

Que os causos do Veio Olegário sejam, como sempre foram, fonte de alegria, reflexão e identidade.

Maria de Lourdes Struziati Rodrigues

Professora e especialista em educação aposentada.
Atualmente advogada do Escritório Struziati & Advogados

SUMÁRIO

01 - Boiadeiro Pescador.....	26
02 - A esperteza dos bichos	27
03 - Guaxinim comedor de galinha.....	28
04 - O Apagão de Antigamente	29
05 - Meia oito turbinado	30
06 - O Pedro esperto	32
07 - Venda de Mineiro.....	33
08 - O compadre mentiroso	34
09 - Tarrafa danada de Grande	36
10 - A bicicleta	37
11 - Vintedoizinho bão	38
12 - Um dia inesquecível.....	39
13 - Trairada.....	40
14 - Dois mentirosos	42
15 - Problemas no meu despertador	43
16 - A Raposa e o ovo	44
17 - A onça emplumada	46
18 - O sapo bom de "papo"	47
19 - Som do Além.....	49
20 - O caso da cobra viradeira.....	50
21 - O miserável	51

22 - Pescaria em Minas Gerais	52
23 - O porco do Ari.....	55
24 - Mentiroso EU?????	56
25 - A fuga dos porcos	57
26 - A caçada	59
27 - Jogando truco.....	59
28 - A sucuri	60
29 - Caçada de sorte.....	62
30 - O cachorro velho	63
31 - Veinho caçadô de onça	63
32 - Porco bem tratado	65
33 - Frangão di muntá im cima.....	67
34 - Pescando com guarda-chuva.....	68
35 - Medo de disco voador	69
36 - 2 gol.....	70
37 - Cachorro caçador	71
38 - A cobra cachaceira	72
39 - Cavalo pra montar ou assobiar.	73
40 - Tiro Certo	74
41 - A maior mentira	74
42 - Perda do nariz.....	75
43 - Pescaria do peixe cego	76
44 - Perereca de isca.....	77

45 - Alta Velocidade	79
46 - A onça	79
47 - Bicho voado	81
48 - Arapuá Explosiva	82
49 - A Galinha do Vovô	82
50 - Meu vô caçador de onça	83
51 - Os cumpade de Fátima do Sul	84
52 - O trem e o caipira	85
54 - Saída de mestre	88
55 - Em apuros com a onça	89
56 - O pé de chuchu	90
57 - A grande pescaria	91
58 - Mimosa	92
59 - O leiteiro	93
60 - O jipe e o cavalo	94
61 - Noite de sábado na fazenda	96
62 - O rato bitelo	97
63 - O tamanho do tatu	98
64 - Caçada de rã	99
65 - O administrador de fazenda e o "tar de trem"	100
66 - Caçador de onça	102
67 - A caminhonete de Frauzino	103
68 - Cavalo bão	104

69 - Os dois caipiras e a onça	105
70 - Veneno pra matar cupim	106
71 - Vaca atleta!	107
72 - Pescador pesca tamanduá e surubim	108
73 - Cachorro biguá	109
74 - Matei duas onça com um tiro só	110
75 - Caçada de pomba	112
76 - Mula zebrada	113
77 - Mentira de cumpadi	114
78 - Cachorro esperto	115
79 - A espingarda turbinada	116
80 - Rio Torto	117
81 - O melhor caçador	118
82 - A visita do secretário de educação	119
83 - Pescaria do barulho.....	120
84 - Relógio danado de bom	121
85 - Pescando com grão de milho.....	122
86 - Olhei para cima e.....	123
87 - Pasto meu	124
88 - As 10 onça	125
89 - Churrasco do Juvenal	126
90 - O muquirana.....	127
91 - O colecionador de cavalos	129

92 - O vendedor e os ovos	130
93 - O Corisco (trovão enroscado)	131
94 - O vento.....	132
95 - Pescando com pernilongos	133
96 - Dia de sorte	134
97 - Isso que é mandioca	135
98 - O pito do pescador	136
99 - O trem e o Rio Aquidauana	137
100 - A onça agradecida.....	139
101 - Papagaio esperto	140
102 - A caça	141
103 - O contrabando	142
104 - Plantando braquiária	143
105 - Pesqueiro tô à toa	144
106 - Frio de lascá.....	145
107 - Rio Santa Maria.....	146
108 - O jatobá seco	147
109 - Uma caçada sensacional.....	148
110 - Pescaria a laço	149
111 - Num consurto bêbado!.....	150
112 - Billy - o dalmata do betão.....	151
113 - A história do burro.....	152
114 - Pescador de tatu	154

115 - Caçando patos com cabaça	155
116 - O buraco do tatu.....	155
117 - A pata.....	156
118 - O tisil e a estaca	157
119 - Fato verídico acontecido mesmo.....	158
120 - Pescaria com o Ncreto	159
121 - O limoeiro assombrado	161
122 - Eta mandiocão!!!	162
123 - Rifa da mula.....	163
124 - Os 99 pardais	165
125 - A primeira bicicleta do veio.....	166
126 - Oração do matuto (Veio Olegário)	172
127 - Laquicho fixa-se em Dourados e toma carreirão de onça.....	175
128 - Uma plantação pitoresca.....	176
129 - Laquicho na ilha que foi a sua primeira morada	178
130 - ... Caçando na ilha	178
131 - ...Laquicho é salvo por Negrita	179
132 - Coleção de rabos de ratos	180
133 - ...Cobra encarangada	180
134 - ... e o Laquicho tenta a profissão de foguista	181
135 - Laquicho tenta a vida de boiadeiro	182
136 - Cobra falante do veneno forte	183
137 - Poço caipira	184

138 - Uma pescaria nesse rio estreito	185
139 - Peixe por encomenda.....	186
140 - No ninho da onça	186
141 - Mandioca com tatu galinha	188
142 - Gangorra e seus filhotes	189
143 - Umas férias para a pescaria	190
144 - Caça ao veado mais ligeiro que se viu.....	191
145 - Cana das grossas	192
146 - Bois de engenho.....	193
147 - Êta fumo forte	194
148 - Olho no carrascal	195
149 - Cachorro ovelheiro	196
150 - A fantástica traíra de Itahum.....	197
151 - Como Laquicho recuperou o seu revólver	198
152 - Peixe na lata.....	199
153 - Competição internacional de mergulho.....	200
154 - Receita para a cura de machucado.....	201
155 - A outra do relógio	202
156 - Duas onças com um tiro	203
157 - A caçada... com cachorros amarrados	204
158 - Briga de onça com sucuri	204
159 - A junta de bois Jacaré e Sucuri	205
160 - Galo músico.....	206

161 - Caçando e pescando ao mesmo tempo	207
162 - A onça e o gaúcho	208
163 - Laquicho perde-se no mato	210
164 - Continuando a caçada, Laquicho perdeu um veado muito rápido.....	211

01 - Boiadeiro Pescador

Esse causo aqui é verdadeiro, aconteceu lá no Rio Dourados, região de Fátima do Sul, aqui no Mato Grosso do Sul mesmo. Na época em que passavam muitas boiadas por aquelas bandas, quando tudo era estrada de chão batido. Certo dia, um boiadeiro parou a boiada pra fazer a pousada na beira do tal Rio Dourados. Quando tava clareando o dia, o boiadeiro viu que se aproximava um tamanduá-bandeira, aqueles bicho comedor de formiga. O boiadeiro logo pensou: "Vou laçar esse tamanduá e matar ele afogado." Mais que depressa, ele laçou o tal bicho e jogou no rio. O tamanduá afundou completamente.

Nisso, vinha chegando um caipira da região conhecido como "João Ligeiro". O caboclo perguntou pro boiadeiro:

— O que que o sinhô tá fazendo aí?

E o boiadeiro respondeu:

— Ué, tô pescando.

O caipira, assustado, perguntou:

— Mas com uma linha dessa grossura?

E o boiadeiro respondeu:

— Isso num é nada! Ocê precisa de vê o tamanho da isca que eu tô usando!

Nesse instante, o boiadeiro puxou o laço de dentro do rio. Qual foi o espanto? O tamanduá saiu abraçado com um dourado de 20 quilos!

Hehe! O caipira quase caiu de susto! Vai se pescador assim lá longe

02 - A esperteza dos bichos

Lá no meu sítio, no Canhadão, as coisas não são como nos outros lugares. Pra começar, o vento lá é danado de forte. Venta quase o tempo todo e, lá no sítio, todas as galinhas têm o rabo torto pro mesmo lado: o lado que o vento vai. E o pior do vento é que fica zunindo na orelha, parecendo um bando de abelha.

Me lembro que no nosso sítio tem também um burro muito esperto que atende pelo nome de Castelo. É um animal perfeito, mas ninguém se mete a besta de montar nele, pois o trote do danado tira o rim da gente do lugar e o sujeito ficava aleijado uns dois meses. Na carroça, ele é imbatível, parecendo até que a carroça faz parte do corpo dele. Nunca bateu com ela num mourão de cerca ou num esteio de porteira. Pode ser até em marcha a ré que o danado manobra com perfeição. Pra pulverizar café, então, é uma máquina perfeita. Saía de uma rua e entrava na outra sem esbarrar num pé e sem ninguém precisar falar nada.

Os dois únicos problemas do Castelo são os sustos que leva com qualquer papel ou vulto que aparecesse no seu caminho. Ele empaca e dá um trabalhão pra tirá-lo de lá. O outro problema é a preguiça do Castelo, o bichinho bardo! Quando o cumpade Frauzino, que trabalha lá comigo, sai pra pegá-lo no pasto, é outra complicação. Cada vez o danado se esconde em algum lugar diferente: uma hora no meio de uma moita de capim ou dentro de uma gruta. Não tem quem ache o burro.

Mas teve um dia que o Castelo fez o que parecia impossível. Bem no meio do pasto tinha uma árvore linda, enorme, com uma copa de uns trinta metros mais ou menos. Era um Óleo de Copaúva, com galhos que chegavam bem pertinho do chão. Naquele dia, o Frauzino, já pressentindo que o Castelo ia dar trabalho, levou umas

espigas de milho como atrativo. Andou por todo o pasto e nada. Bateu todas as cercas pra ver se tinha alguma arrombada e... cadê o Castelo?

Depois de horas de caminhada, resolveu descansar embaixo daquela árvore grande (o "olhão", que é como nós chama aquela árvore única). Meu cumpade Frauzino tirou o bernal com as espigas de milho, catou umas gabiobas pra adoçar a boca e sentou embaixo da árvore, encostando no seu tronco. Qual não foi o seu susto quando viu, a uns cinco ou sete metros de altura, na árvore, o danado do Castelo bem quietinho, se equilibrando em dois galhos que saíam desde o chão!

Não é que o danado do burro tinha aprendido a subir na árvore pra se esconder e não ir trabalhar? Ô bicho atoa esse tal de Castelo! É a pura verdade!

03 - Guaxinim comedor de galinha

Uma vez, lá na fazenda dum cumpade meu, aconteceu um fato interessante. Foi o seguinte: começou a sumir galinha todo dia, e só ficavam as penas. Então eu pensei: "Isso não é coisa de gente, senão não ficavam as penas. Isso deve ser arte de um guaxinim."

Aí eu resolvi sair pra caçar o bicho. Só que tem uma coisa interessante: existe o guaxinim preto e o branco. O preto só morre com duas balas, e o branco, com uma só.

Bom, eu saí bem cedinho com minha espingarda e me embrenhei no mato atrás do mardito. Foi quando eu vi o bicho: era um guaxinim preto, que só morre com dois tiros. Comecei a atirar, mas ele era tão esperto que foi desviando, desviando, até que fiquei com uma bala só.

O guaxinim parece que contou meus tiros, pois, de repente, ele virou e começou a me perseguir. Eu pensei que,

desta vez, eu tava frito, tava morto. Aí que eu tive aquela grande ideia! Lembrei: o branco morre com um tiro só, não é? Então, me escondi atrás de uma moita e, quando o guaxinim preto tava passando perto de mim, eu saí de trás da moita e dei um baita grito! Ele levou um susto tão grande que ficou branco de medo. Eu aproveitei e matei com a última bala que eu tinha.

Depois disso, acabou a comilança de galinha lá na minha região. He he! Mexe com quem tá quieto!

04 - O Apagão de Antigamente

Essa história quem contava era meu avô, que contou pra minha mãe, que, enfim, contou pra mim. Vamo então a ela!

Diz que certa vez um cumpadi foi visitá o seu cumpadi. Bateu na porta, foi recebido direitinho e convidado pra entrá.

– Ô, cumpadi, cumé que tá?

– Tá tudo bem, graças a Deus. I ocê, tá bão?

– Tamu indo, né? Entra, cumpadi.

Os dois entraram e o cumpadi dono da casa pediu desculpa, mas tinha que apagá a lamparina de querosene.

– O sinhô intende, né, cumpadi? Mas é preciso economizá a querosene. Tá tão caru né!

E ficaram os dois proseando no escuro. O cumpadi que veio visitá, depois de um tempo, tirou a calça e colocou no encosto da cadeira, ficando assim enquanto eles conversavam.

Aconteceu que, num certo momento, alguém bateu na porta.

— Ô, cumpadi, o sinhô me desculpa, mas preciso atendê a porta. — E já ia acendendo a lamparina (porque precisava pra ver quem era)...

— Pera só um pouco, cumpadi. Deixa eu vesti a minha carça.

— Ô, cumpadi, ocê tá sem caaaarça? Ora, mas por quê?

— O sinhô num apagô a lamparina pra economizá querosene? Pois então, eu tirei a carça pra economizá ela, ora essa!

05 - Meia oito turbinado

"Coisa de primeira... o melhor carro do mundo... não vendo, não empresto, dinheiro nenhum do mundo leva ele embora!" Essas eram frases comuns que meu tio Manezinho dizia a todos quando perguntavam sobre o seu Fusca meia-oito, do qual tinha orgulho de dizer: "Esse é motor 1300, bateria de seis vorti, coisa e tal..." E volta e meia contava façanhas e proezas realizadas por ele a bordo do seu possante meia-oito. Uma delas relato abaixo:

Mês de setembro... a pescaria no Mato Grosso, em plena safra. Tio Manezinho, juntamente com mais três amigos seus, rumam com o meia-oito para esse maravilhoso santuário, para passar alguns dias de tranquilidade e esfriar a cabeça. Na viagem, passando pela ponte da Usina de Jupiá, que divide os estados de São Paulo com o Mato Grosso do Sul, nossos heróis se deparam com uma jamanta parada no meio da ponte: 3 cavalos, 28 pneus, transportando turbinas, 25 toneladas de peso. Tio Manezinho se aproxima do motorista e, se mostrando muito prestativo e entendido no assunto, já que também era caminhoneiro, logo pergunta:

- Que aconteceu aí, companheiro?
- Não sei, simplesmente cortou o óleo e não pega de jeito maneira.
- Você já olhou a bomba injetora?
- Já. Está perfeita.
- E as baterias?
- Também estão ótimas.
- Já olhou o cano do flexível que joga o óleo do tanque para o motor?
- Já. Também está bom.
- Bem, nesse caso, só um mecânico mesmo.. Mas você não pode ficar parado aqui no meio da ponte, atrapalhando o trânsito. Me diga uma coisa: você tem aí um cabo de aço?
- Cabo de aço? Pra quê?
- Ora, pra que eu possa te rebocar pro outro lado da ponte.
- Rebocar com o quê?
- Com meu meia-oito, ora essa!
- Escuta aqui, amigo, até agora você se mostrou prestativo, pelo que agradeço, mas não me venha com gozação, que eu tô com a cabeça quente e não aceito esse tipo de gozação.
- Calma aí, companheiro, não pense que estou brincando, não. Você não conhece meu meia-oito. Me dê logo esse cabo de aço que você vai ver só!

O motorista da jamanta não teve outra alternativa, passou para tio Manezinho 10 metros de cabo de aço e começou a rir... "Esse sujeito deve ser louco!" Tio Manezinho, já foi posicionando o meia-oito à frente da jamanta, amarrou uma ponta do cabo de aço no eixo da jamanta e a outra ponta no para-choque do meia-oito (sabe... aquele fininho da grossura de um dedo), entrou no possante, engatou a primeira e acelerou fundo. Quando o

cabo de aço esticou, o meia-oito levantou os dois pneus da frente, e era fumaça pra tudo que é lado! A essa altura, o motorista da jamanta, bem como os três amigos do tio, que estavam encostado no corre-mão da ponte riam pra caramba. Mais depois de alguns minutos de fumaceira total, eles foram aos poucos parando de rir, não é que o comboio começava a se mover, devagarinho (meia-oito e jamanta), se encaminharam pro outro lado da ponte (6 quilômetros).

O motorista da jamanta não acreditava no que ele tava vendo e, muito admirado, falou pro tio Manezinho:

— Nunca vi nada igual! Esse seu automóvel é coisa de louco! Só que tem um problema: ele vai fundir o motor. Olhe só o tanto de fumaça!

— Não é possível — respondeu o tio. — Isso não é normal mesmo.

E foi examinar o fusquinha. Ao voltar, falou pro motorista da jamanta:

— Rapaz, não é que esqueci o freio de mão puxado! Ah, sobre como foi a pescaria... conto outro dia.

06 - O Pedro esperto

Dizem que a esperteza é uma coisa que nunca se acaba e anda sempre junto com o caipira. Que é sempre caipira, mesmo se mora na capital ou na roça, e sendo rico ou pobre. Bem, tinha um rapaz lá na minha terra que era o rei da esperteza. Por sinal, se chamava Pedro.

O Pedro cresceu no interior e lá ele andava sempre com três companheiro. Os quatro formavam uma turma que dava até gosto de ver tamanha a amizade. Eles combinavam em tudo, só que o Pedro era mais esperto que todos. Escuta só:

Eles tinham combinado que, quando um deles morresse, os outros três deviam jogar uma nota de cem reais na cova, antes de colocar a terra por cima. E morreu um da turma, mas não o Pedro.

Na hora do enterro, um dos amigos pegou uma nota de cem e jogou na cova. O outro fez a mesma coisa, como combinado. E quando chegou a vez do Pedro, o danado pegou as duas notas de cem reais e jogou um cheque de trezentos reais! É mole?

07 - Venda de Mineiro

Óia, eu vou contar uma história que aconteceu há muitos anos atrás, quando aqui não tinha nem energia elétrica ainda. Chegou aqui um bando de amigos meus, uns moços tudo estudante duma tal de faculdade, tudo eles se formando em uma tal de biologia. O grupo precisava fazer um trabalho de campo e vieram aqui pro interior do Mato Grosso do Sul.

Depois de uma semana colhendo amostra no meio do mato, eles voltaram aqui pra vilinha, onde nem energia elétrica tinha chegado ainda. Mortos de sede, chegaram numa vendinha — a única do povoado. Não sei se vocês já viram aquelas vendas com uma prateleira de madeira pregada na parede, no alto, atrás do balcão, onde ficam as bebidas, tudo muito empoeirado. Pois tinha uma daquelas aqui, com algumas cervejas exposta.

O grupo vacilou um pouco, pensou, pensou, mas acabou pedindo uma quase fervendo mesmo, pois a sede era medonha. O dono, um mineiro típico, bem cortês, serviu a bebida. E aí foi a primeira, a segunda, a terceira...

Quando pediram a sexta, o dono deu um sorriso amarelo e falou, constrangido:

— Óia, cumpañheiros, ocês vão me adesculpar, mas agora só tem gelada...

Não é que o buteco tinha gerador próprio e uma geladeira lotadinha de cerveja trincando? Mas os moços pediram da quente... Bem feito!

08 - O compadre mentiroso

— Óia, cumpade Tonho, tem certas coisas que a gente conta pras pessoas e elas acham que a gente é mentiroso.

— É mesmo! — respondeu o cumpade Tonho, sem saber direito o porquê daquela conversa.

— Semana passada comprei um fumo de corda que veio da capital, e vou te dizer uma coisa: fumo forte igual àquele, tô pra vê!

— Não brinca, cumpade! É bom mesmo?

— Pois tô te falando! E ocê não vai acreditar! Enrolei um cigarro de palha com esse fumo e sentei ali na beirada do rio pra mode pensar na vida. E enquanto puxava uns pensamento lá do fundo da cachola, peguei meu canivete e comecei a picar uns graveto, só pra me distrair. De repente, o canivete escapou da minha mão e caiu dentro d'água. Não tive dúvida, pulei atrás e mergulhei lá no fundão!

— Não brinca, cumpade Bastião! E o sinhô achou o canivete?

— Acha, achei, mas precisei de uns nove ou dez mergulho. Depois de quase meia hora dentro d'água, naquele sobe e desce danado, finalmente consegui encontra o canivete.

— Uai, cumpade? E o que tem demais nisso pra pessoa pensar que é mentira?

— Acontece que, quando me empichei na água, esqueci que tava com o cigarro aceso na boca. E depois de quase meia hora de mergulho, assim que encontrei meu canivete, saí da água e só então me dei conta que o cigarro ainda tava aceso!

O cumpade Tonho olhou meio torto com o canto dos olhos e preferiu ficar calado. Ficou pensativo por um tempão, matutando, pra lembra de uma mentira à altura só pra dar o troco naquela conversa fiada do cumpade Bastião.

Enquanto o cumpade Bastião dava suas baforadas, o Piloto, um cachorrinho guaipeca do cumpade, acompanhava com seu olhar preguiçoso a fumaça que subia de mansinho e se perdia no ar. Até que cumpade Tonho reiniciou a conversa:

— Ê, cumpade, eu vi dizer que essas coisas acontecem mesmo... Mas é verdade, viu, cumpade! A gente, às vezes, vivencia certas coisas que é até melhor ficar quieto pra não ser chamado de mentiroso!

— E não é? — respondeu o cumpade Bastião.

— Pois então, viu, cumpade Bastião, dias desses apareceu uns caboclos lá de São Paulo, dessa turma de baloeiro. Não sei se o sinhô já ouviu falar?

— Óia!!! Pessoalmente, não conheço, não. Já vi pela televisão. Eles soltam aqueles balão enorme, com umas fogueteira pendurada, que, quando começa a explodir, é uma barulheira danada.

— Exatamente, cumpade! É esse pessoal mesmo! Pois eles apareceram ali pelas bandas do meu sítio, há uns quinze dias atrás, e me pediram permissão pra soltar um balão perto do meu roçado. Eu permiti, pois nunca tinha visto um danado desse de perto e, é lógico, não ia perder a oportunidade.

— É claro, cumpade Tonho! Eu, no seu lugar, teria feito o mesmo.

— E vou te falar uma coisa: o danado era grande, viu! Só pra encher o bicho, eles levaram dois dias!

— Não brinca! Então o danado era grande mesmo?

— Se era grande? Depois de cheio, ficou do tamanho de um prédio de mais ou menos uns oitenta andares!

— Virgem Santa, mas que mentira cumpade, que raio de balão era esse? Do tamanho dum prédio de 80 andar?

— Uai sê tá duvidano? Apaga o seu cigarro da historia que eu diminuo o tamanho do meu prédio.

09 - Tarrafa danada de Grande

Antigamente, quando eu pescava muito, eu tinha uma tarrafa boa... A bicha era grande, tão grande que pesava uns 10 quilos de chumbo. Um dia, fui tarrafiar num rio lá pras bandas de Jardim, no rio Miranda. Quando cheguei lá, preparei minha tarrafa e, ao balançar a canoa, joguei em cima do cardume. Como a tarrafa era grande demais, bateu nas galhadas de uma árvore, mas continuei assim mesmo. Quando arremessei, fui deixando a tarrafa assentar calmamente afundando na água.

Daí a pouco, comecei a puxar, mas com certeza os peixes tinham fugido. Mesmo assim, fui puxando, mas fiquei foi surpreso quando puxava a tarrafa. Porque, nos meus tantos anos de pescador, nunca tinha visto um peixe puxar a tarrafa daquele jeito, como se fosse outra pessoa embaixo d'água. Continuei puxando, e dava uma puxada, e era respondido com outra puxada ao contrário.

Fiquei até com medo, pois peixe não fazia aquele movimento. Quando puxei toda a tarrafa pra fora da água,

imagina o que eu peguei? Era um macaco! No arremesso da tarrafa, ela tinha pegado o macaco nas galhadas das árvores.

Pode acreditar, pois sou pescador e não minto nunca.

10 - A bicicleta

Essa é uma história da minha segunda bicicleta, que eu comprei dum amigo meu, o Zé Ligeirinho. O nome dele já dizia por quê: quando ele montava nessa bicicleta, ninguém pegava o home, ele era rápido mesmo.

Certa vez, ele resolveu vender a bicicleta, e eu me interessei com a proposta dele. Com o dinheiro no bolso, resolvi comprar. Ela era uma Barra Forte, bonita, bem incrementada, com luz, fita, adesivo pra todo lado. Foi quando resolvi dar uma volta com a minha bicicleta lá pras bandas do sítio do meu avô. E sobe ladeira, e desce ladeira, passa mata-burro, quando me dei conta já tava eu lá na casa do meu avô. E olha que era uns 5 km de distância da minha casa até lá! A bicicleta era coisa de doido. E prosa vai, e prosa vem daqui e dali com meu avô, quando olhei pro céu e vi o tempo fechando, fechando, daqueles tempos de temporal mesmo. A coisa tava ficando feia, e eu pensei comigo:

"Eu vou embora logo antes da chuva."

Foi quando resolvi ir embora, mas meu avô, preocupado, disse:

"Num vai, não, que a chuva que vem é das brabas e você vai se molhar tudo."

Mas como eu sabia que a minha bicicleta era das boas, resolvi encarar e saí num carreirão só. E desce morro, sobe morro, passa mata-burro, e a chuva atrás caindo feio.

Quando avistei minha casa a uns 500 metros, olhei pra trás e reparei que o pneu da minha bicicleta de trás fazia uma barrela danada, e o da frente levantava aquele poeirão. Cheguei em casa, fui olhar: só o pneu de trás tinha molhado, e eu tava sequinho, graças à minha bicicleta. E essa é a mais pura verdade! Pode perguntar aí pro Frauzino, que eu tenho certeza que ele vai dizer que foi acontecido mesmo.

11 - Vintedoizinho bão

Essa é uma história verdadeira, mas como ninguém acredita, ela passa batido. Bem, eu tenho um cumpadi que se chama Amarildo e mora lá no Mato Grosso em Cuiabá. Ele toma conta de umas fazendas e, como eu gosto muito de roça, daí eu fui passar uma temporada com ele. Passamos alguns dias a cavalo, fui com ele fechar uns negócios na cidade, fomos no casamento de uma prima...

Até que chegou o dia de nós ir caçar, dia que eu já tava ansioso esperando. Ah, esqueci de falar: antes de eu viajar, preparei uma espingarda véia que ganhei do meu pai e levei.

Bem, acordamos cedo, antes de romper a manhã, e saímos pra tão esperada caçada. Meu cumpadi, muito prevenido, levou uns 130 cartuchos. Eu perguntei pra que tanto cartucho assim, já que voce diz que não erra tiro, que não perde munição à toa, e ele respondeu que fazia parte do ritual de caça e outras coisas.

Quando carregamos toda a traia, eu fui mostrar com orgulho a minha espingarda, e ele me respondeu com deboche: "Esse teu vintedoizinho não mata nada!"

Daí saímos pra tão esperada caçada, e o cumpadi só falava mal do meu vintedoizinho, explicava por que a

cartucheira dele era melhor e tal e coisa. Resumindo, meu cumpadi deu os 130 tiros que levou e não acertou nada.

E como ele era muito falastrão, pegou a espingarda da minha mão e falou: "Presta atenção cumo é que se faz!" e deu mais um tiro... errou também. Peguei de vorta a minha espingardinha, e como o cumpadi já tinha espantado tudo quanto foi perdiz com aqueles tiros todos, foi quando eu avistei lá no alto um gavião carcará e atirei. O cumpadi falô: "Errou!" Foi quando o gavião deu uma fechada na asa e perdeu altura. Meu cumpadi falou: "É parece que oce acertô...!"

E o gavião foi caindo, caindo, e corremos pro lugar onde ele ia cair. Ele caiu e bateu forte numa árvore que tinha um casal de pomba, que morreu com a queda do gavião. E um galho da árvore caiu em cima de uma capivara.

E como essa árvore tava numa encosta, a capivara desceu rolando a barranca do rio. E não é que tinha um veadinho tomando água? A capivara empurrou o veado pra dentro, matando ele. Quando tiramos o veadinho da água, não é que tinha dois lambaris na boca dele! Resumino: um gavião, um casal de pomba, uma capivara, um viadinho e dois lambari....

É, vintedoizinho bão, sô!

12 - Um dia inesquecível

Acordei um certo dia com uma preguiça danada. Fui lá no meu quartinho, ajeitei minhas tralhas de pesca, passei a mão numa espingarda e chamei o Totó, meu cachorro. E saímos mata adentro à procura de um lugar bom pra pescar e caçar.

Aí resolvi pescar primeiro. Chegemos num riozinho que tinha lá, joguei a linha na água e ali fiquei pelo menos uns 50 minutos sem sequer dar uma fisdada. De repente, o Totó me olhou com um desprezo tão grande e mergulhou dentro d'água. Demorou um pouco e ele voltou com um peixe na boca! Fiquei todo feliz, passei a mão na cabecinha dele e falei: "Totó, agora vamo caçar!" E entramos mata adentro.

Rodei, rodei e nenhuma presa apareceu. Então resolvi ir embora. Quando ouvi um canto de paturi, olhei pra cima e vi o bando, que tava a uns 300 metros de altura. Tava alto demais, mas pra não perder a viagem, dei um tiro pra cima assim mesmo.

Rapaz! Quando cheguei em casa e abri o portão, não é que caíram dois paturis mortos? Isso é que é sorte! Acontecido mesmo!

13 - Trairada

Esse causo é dos bão! Certa vez, eu e meu cumpadi Frauzino tava na beira do rio, pescando traíra, mas não pegava nada, nem mesmo um beliscãozinho! Tentava mudar de isca e nada, mudava de lado do rio e nada, mudava de vara e nada. Daí, falei pro cumpadi:

"Vamo embora, porque aqui não tem peixe nenhum, não!"

E o Frauzino falou:

"Calma! Vamo pescá do outro lado, que lá tá dando uns pulo meio brabo!"

"Então, rumbora!" falei.

Fomos até o outro lado do rio, mas tava um pouquinho só pior, porque as muriçoca e as beronha não

dava paz pra nós. Toda hora era uma picada. Aí eu perdi a paciência e falei pro cumpadi Frauzino:

"Ora, vamo embora, senão eu vô sozinho!"

O cumpadi Frauzino já gritou bem alto:

"Meu Deus, Jesus, Maria, José! Acho que peguei uma baleia! Óia como a linha tá esticada! Acho que vai quebrá!"

Daí então, eis que meu cumpadi tira da água uma traíra de mais ou menos uns 130 kg, do tamanho de um homem, mais preta do que o asfalto da cidade! Pois é, assim nossa pescaria já tava feita. Tiramos a traíra da água com muito custo, é claro! Quando olhei na água, tava vindo um toco boiando e eu disse pro cumpadi:

"Vamo levá esse toco pra minha véia podê cozinhá a traíra pra nós, né? Porque vai mais ou menos uma carroça de lenha pra cozinhá esse bicho!"

O Frauzino disse:

"Tá bão, mas vai ocê pegá, porque eu tô muito cansado."

Aí peguei o toco e fomos embora! Chegando em casa, mostramos a traíra pra minha véia e ela ficou feliz por demais, né? E pediu pra eu cortá o toco pra começar a cozinhá a traíra. Era até engraçado ver minha véia encima da traira pra limpá com a enxada! Dava um trabalhão, mas ela acabou limpando. O mais engraçado foi quando eu fui rachá o toco: quando dei a primeira machadada e o toco rachou, saíram de dentro dele mais quatorze traírinhas, mais ou menos um kilo meio cada uma! Que sorte, né?! O problema maior é quando nós fala esse causo: além do pessoal dar muita risada, eles ainda chama nós de mentiroso! É mole?!

14 - Dois mentirosos

Eram dois mentirosos, e um tinha que confirmar a mentira do outro. Saíram viajando. Um na frente, outro atrás. Numa fazenda, um fazendeiro perguntou as novidades do mundo. O primeiro, que era um mentiroso de chapa batida, falou:

— Coronel, numa cidade eu vi um menino com sete braços!

O coronel não quis acreditar, mas pediu pra ele não contar essa história pra mulher dele, que tava grávida, pra não quebrar o resguardo.

O primeiro mentiroso foi embora. No outro dia chegou o outro. Começaram a conversar, e o fazendeiro perguntou:

— É verdade que nasceu um menino com sete braços? Um homem me contou isso aqui ontem e já foi embora.

— Sabe, meu amigo, vou te dizer uma coisa: eu não vi o menino, não, mas passei no quintal duma casa e vi uma camisa estendida com sete braços, com sete mangas!

— Você viu a camisa com sete mangas? — perguntou o fazendeiro.

— Vi.

— Ah! — falou o fazendeiro, arrependido. — Pois então aquele homem não mentiu não, é verdade! Só pode ser do menino! Uma camisa com sete mangas... é do menino de sete braços!

— É, isso é verdade! — falou o mentiroso. — Ô, homem pra contar verdade é aquele! Aquele homem não mente, não!

E assim o outro chegava noutra fazenda, depois do primeiro. Chegou, se hospedou, conversa vai, conversa vem, aí perguntaram:

— E as novidades por aí?

— Meu amigo, eu vi um pássaro tão grande! Tava numa cidade aqui, esse pássaro passou dois dias pra atravessar a cidade! No primeiro dia passou o bico e as asas, no segundo dia passou o rabo, fez sombra na terra! E dizem que é uma maldição: onde ele passa, vai comendo tudo, devorando tudo, deixando a maldição maior do mundo!

— Vigel!!! — falavam. — Meu amigo, eu não vi isso aqui, não! Vigel!

Um homem ficou apavorado com aquela história extravagante. E o mentiroso falou:

— Pois é, o pássaro vem voando aí! Já vem fugindo! Já vem fugindo!

E assim viajou, saiu, continuou a viagem. O outro chegava. Aí perguntaram:

— Meu amigo, como é a história de um pássaro que vem voando aí?

Ele respondeu:

— O pássaro eu não vi, não, mas passando uma lagoa, eu vi cem homens tombando um ovo da lagoa!

— Ah! — então deve ser verdade mesmo — Só pode ser do pássaro!

15 - Problemas no meu despertador

Sábado passado, perdi a hora de levantar. Tudo por culpa do meu galo, que nesse dia não cantou. E como sou dos tempos antigos, não tenho despertador. Acabei acordando assustado com o sol na minha janela. Logo perguntei pra minha véia: "Uai... parece que o galo não cantou?" Ela disse que não. Corri pro galinheiro e vi que o galo tava quietinho lá no puleiro. Bom, fiquei mais

tranquilo, porque pensei que o galo tinha morrido ou alguém tinha roubado ele. Então saí pra trabalhar.

De tarde, voltando do trabalho, minha véia falô pra eu ir lá ver o galo, pois ele tava ali em cima do puleiro, no mesmo lugar o dia inteiro. Nem desceu nem pra tomar água. Ela disse: "O galo deve tá doente".

Mas como o dia de trabalho foi muito cansativo, resolvi só no domingo verificar o que tinha acontecido. E pra minha maior surpresa, quando cheguei no galinheiro, vi uns marimbondos rodeando o galo. E pra minha maior surpresa ainda, descobri por que o galo nem se mexia.

Rapaz! Não é que tinha uma cachopa de marimbondo debaixo da asa do galo? O bicho nem piscava os olhos! Fiquei foi com dó do bichinho.

16 - A Raposa e o ovo

Frauzino era um homem magro, alto, tinha um cabelinho crespo e duro, já bem grisalho, apesar de não ser tão velho. Era neto de italianos, mas como a família nunca tinha saído do sítio, ainda conservava um forte sotaque. Não fumava e nem bebia nada que tivesse álcool. Contava suas histórias e nunca levava prejuízo nos causos dele; ele sempre saía ganhando. Certo dia, fui visitá-lo no seu sítio, lá na estrada do Canhadão, e ele já me recebeu com uma história. Quando me viu, foi se lavar na torneira do lado do galpão e, já perto de mim, passando as mãos calejadas no rosto, arregalou os olhos e, com ar solene, disparou:

— Rapaiz, ocê não sabe o que me aconteceu essa semana! Uma raposa começou a roubá os ovo do galinheiro duma maneira que, daqui a pouco, a gente ia ter que comprá na venda se quisesse um ovo frito.

Perguntei se ele não tinha pensado em cercar o galinheiro com um alambrado mais forte ou então prender os cachorros por perto, e ele me respondeu quase gritando:

— Tá brincando? Alambrado é coisa de rico e cachorro é pra cuidá da casa. Se eles sai correndo atrás de raposa, aí nós é que fica à mercê dos ladrão. Pensei em colocá um imã dentro dum ovo, fechá ele bem fechadinho e deixá na porta do galinheiro. Assim, a desavergonhada vem e engole ele. Aí eu encho em volta do galinheiro com uns troços de ferro e, quando ela for passá ali, vai ficá grudada. Depois é só prendê a bichona.

A essa altura, já não conseguia nem olhar nos olhos do seu Frauzino, mas, por educação e também porque estava morto de curiosidade para saber o fim da história, perguntei:

— E aí, deu certo?

Ele falou:

— Rapaiz, logo que escureceu, escutei o barulho lá no galinheiro. Espiei no vitrô da cozinha e a fia duma qui-ronca-e-fuça tava engolindo o ovo com imã.

— E o imã funcionou? — perguntei mais curioso ainda.

— Sim e não. Foi mió ainda do que eu pensava. Acontece que eu coloquei o arado de um lado, a roçadeira do outro e mandei meu filho Didinho colocar uma porção de tambor entre os dois, mas faltou um e o danado do meu filho pegou uma barrica de madeira. E num é que foi bem ali que a raposa passou? Aí num grudou.

— Sabe o que aconteceu, fio? No que eu vi que ela ia fugí, corri atrás da bichona até na estrada. Aí ela trombou na lataria de um ônibus escolar que tava passando ali na hora e foi embora grudada lá pra Dourados. Essa não volta aqui nem tão cedo!

17 - A onça emplumada

Cês conhecem as terras ali no varjão do lado do Rio Santa Maria perto da fazenda Veia do seu Fernando Correia? Pois é. Foi lá que eu me meti a caçar perdiz uma veis. Tava eu e o Ruste, meu cachorro. Era tiro pro alto, perdiz no chão, e o Ruste trazia a avezinha entre os dentes, ainda resfolegando o último suspiro. O dia tava bom pro caçador... E o chumbo comia solto! Era tanta pena de ave que o chão ficou parecendo um tapete macio. Resolvi até dar um descanso pras minhas pestanas, tirar uma soneca.

Bom, como eu tava dizendo, tava roncando debaixo da sombra de uma árvore frondosa. Dormia como se tivesse num colchão: as penas faziam esse papel.

Dormi, não sei dizer o quanto. Sei que acordei assustado com o latido do Ruste, o focinho apontado pro capão de mato. Nunca tinha visto o Ruste daquele jeito, rosnando meio com receio de avançar e medo de fugir.

De repente, alguma coisa se mexeu atrás de uma moita. Engatilhei a espingarda e esperei. Silêncio absoluto. Era medonho demais esperar. Os dedos tremiam, não de pavor. Cês sabem que o medo faz a gente acelerar a batida do coração, e isso dá uma tremedeira maior que a de minhoca tirada com enxada.

Prendi a respiração. Esperei mais um momento. Aí a coisa ficou feia: junto com o barulho das folhagens, surgiu um bramido. Era uma onça!

— Peraí — pensei comigo — mas por essas bandas num tem onça!

Como eu tava falando, era um urro de onça, e esse eu conheço. Tem mais: conheço o miado da onça e o assovio do Saci de longe. Com esses eu não me confundo, não!

Pois a bicha ameaçava avançar e, num só bote, acabar com o veio Olegário e o Ruste numa bocada só.

Então foi que apontei pra moita e atirei. Um estrondo que fez voar toda a passarada do lugar.

De novo, silêncio. "A onça já era", pensei. Que nada! O barulho do mato voltou, e o bramido também. Fui carregar a arma, mas cadê chumbo? Tinha acabado tudo com a caça das perdiz.

O movimento das folhas do mato dava a impressão de que a onça se aproximava. E urrava brava, parecia que tinha se enfurecido com o tiro. Olhei pro Ruste, que, encolhido, se preparava pra correr. Fui na mesma carreira. Abandonei até o bernal com as perdiz. E a onça correndo, vindo, chegando perto. Eu sabia porque ouvia ela bem pertinho de mim. De repente, ouvi como se a onça pulasse em cima de mim. Era o meu fim. Me joguei no chão esperando o pior.

A onça passou por mim e foi embora. Fui me levantando devagarzinho, olhei pros lados. Ruste latia, apontando pro galho de uma árvore. Lá estava... um papagaio que bramia imitando uma onça!

'Cês imaginam? Deu vontade de torcer o pescoço desse papagaio. Nunca vi onça de pena! ÔOO bichinho atoa!

18 - O sapo bom de "papo"

Quem é que não gosta de um belo dia de pesca? Pois é, meu tio Zé é uma dessas pessoas que não dispensava uma boa pescaria, ele e seu inseparável compadre Chico. Todo fim de semana os dois tavam lá no ranchinho de casa, se preparando com as traias de pesca e também preparando a Catarina, que é uma velha Kombi que os dois compraram pra levar eles até onde Deus mandava. Mas, pobre coitada,

de tão véia, tava caindo aos pedaços, mas isso não tirava a alegria dos dois de pescar. O que eu mais gostava era quando tio Zé chegava, porque eu sabia que tinha mais uma de suas histórias pra contar pra gente, como a do sapo, que eu nunca esqueço, que foi mais ou menos assim:

Num desses fins de semana, eles partiram pra mais um dia de divertimento, mas eis que, quando tava tudo pronto, começa a cair aquele pancadão de chuva de espantar qualquer um. Mas não tinha nada que fizesse eles mudarem de ideia. E qual não foi a surpresa quando, no meio do caminho, a Catarina atolou naquele barro danado! Empurra daqui, empurra dali e nada. Quase desanimados, tio Zé se lembrou que naquelas bandas tinha um sapo que era conhecido como "Sapo Bom de Papo", porque quando você falava pra ele "Vai, sapo, vai, sapo!", o bichinho ia estufando tanto o papo que ficava do tamanho de um porco. E procura daqui, procura dali, e nada do bendito sapo, até que o compadre Chico viu um escondido numa moita. Tio Zé pegou o sapo e pôs ele embaixo do pneu que atolou e começou: "Vai, sapo, vai, sapo!" E o sapo começou a estufar o papo, e o tio mandando "Vai sapo. Vai sapo" ele estufava cada vez mais, até que o pneu levantou de novo e eles voltaram pra estrada. Aí ele já gritou pro compadre Chico que já podia empurrar. Compadre Chico empurrou a Catarina e ela foi que era uma beleza. Assim eles foram pra pescaria.

Diz o tio Zé que, por muito tempo, quando ele ia lá praquelas bandas, ele via o sapo naquela mesma moita e, sempre que precisava, pegava o sapinho e ele tava pronto pra ajudar o tio. Esse é meu tio Zé!

19 - Som do Além

Essa foi meu pai que me contou. Diz ele que certa vez foi pescar no Rio Santa Maria. Arrumou as "traia", preparou as iscas, calçou a bota e desceu pra margem do rio. Na beirada tinha muito mato e vários tipos de árvore, entre elas a Mamica-de-porca (um tipo muito espinhoso, parecido um pouco com a Paineira).

Depois de uns minutos arrumando as varas e as iscas, e também cevando os peixes, ele se acomodou esperando a recompensa do rio. O silêncio era quase total, só uns picharro, uns canário e outras aves que quebravam o silêncio de vez em quando. Os peixes foram vindo, a cada vara arremessada meu pai pegava uns. Foram umas boas horas de pescaria, mas lá pro entardecer (já tava escurecendo), começou a ventar e, coisa engraçada, meu pai começou a ouvir um som diferente do canto dos passarinhos. Era quase um lamento. Tinha até uma melodia naquele som estranho, que parecia dizer: "Neste mundo choooooor..."

Meu pai, um matuto criado nas fazendas da região, logo pensou: "Que passarinho é esse que eu nunca vi?". Resolveu ver o que era. E qual não foi a surpresa dele! Descendo mais um pouco a margem do rio, ele viu um poço dentro d'água que, com a correnteza, formava um redemoinho. Dentro dele, uma coisa preta ficava girando.

Chegando mais perto, ele viu que era um pedaço de disco de vinil quebrado. E quando o vento batia, um galho de Mamica-de-porca chegava até o redemoinho e, quando encostava no pedaço de disco, tocava um pedacinho da música do Tonico e Tinoco: "Neste mundo choro de dor, por uma paixão sem fim..."

20 - O caso da cobra viradeira

Essa é verdadeira, senão troco meu nome! Aconteceu comigo há muito tempo atrás, quando eu tava servindo o exército. Era mais ou menos uma hora da tarde; tempo seco, pesado. Nós vinha numa troteada rasgada, levantando poeira na estrada. Eu tava morto de sede. Avistando à direita um mato, calculei que ali devia ter algum olho d'água e pedi licença pro comandante pra chegar até lá, num galope. Ele autorizou.

Mas logo outros não se aguentaram e me imitaram. Pra chegar até lá, num galope, fomos uns sete beber umas goladas d'água fresca. Apeei eu, primeiro, e quando já tava de beijo preparado pro chupão, ia me debruçar, me atirei pra trás de susto, porque, a meio palmo da minha cara, vi, enroscada e furiosa, já silvando, uma cobra roxa, de umas tais que têm cerdas crespas que nascem debaixo de cada escama da casca.

É a cobra chamada viradeira, porque qualquer animal que ela morder vira logo de papo pro ar, estrebuchando ou logo morto. É cem vezes mais venenosa que a cascavel.

— Mata, Olegário, senão ela te vira! — gritava um companheiro.

Não esperei segundo aviso. Foi só o tempo de desafivelar o loro com o estribo do arreio e, fazendo dele uma arma, desferi uma pancada certa na cabeça da viradeira. Mas, ligeiríssima, a cobra ainda deu um bote e mordeu o estribo, que era de prata. Chega tiniu com o choque da dentada.

Mas consegui matar a danada. Com o acontecimento, a bicha, ao morrer, caiu dentro d'água e se contorcia. Todo mundo ficou com nojo e até perdeu a sede.

Apresilhei novamente o estribo no arreio, montei e galopamos pra alcançar o restante dos companheiros, já distanciados de nós.

Logo correu conversa sobre a cobra, aquela, e sobre outras que nós não conhecíamos. Eu, os oficiais e os soldados, cada um, muito honradamente, contava uma história de cobra.

Nóis continuava a trotar quando comecei a sentir o pé apertado no estribo e o cavalo meio derreado, como se trouxesse todo o peso para um lado. Parei para examinar a esquisitice: era o estribo que ia inchando a olhos vistos, envenenado pela bruta peçonha da viradeira, e o peso da inchação ia sobrecarregando cada vez mais o cavalo. O comandante veio ver o estribo inchado; o major veio ver; e vieram os capitães, os tenentes, os sargentos, os cabos.

O capitão-cirurgião ainda falou em lavar o estribo com cachaça, fumo e sal pra ver se ele vomitava... Mas o regimento não podia demorar, e eu fui obrigado a abandonar, na estrada, o estribo, que já tava como um trambolho, inchado, balofo e meio azinabrado, tirando o verde de defunto passado.

— Cadete Olegário!... Que dentada, hein?! — dizia o comandante.

— Que veneno! — dizia o major.

— Que cobra! — diziam os capitães.

— Que viradeira! — diziam os pica-fumo.

— Pois sim! Vão cantando — dizia eu.

— O que vale é que todo mundo viu.

21 - O miserável

É do saber de todo mundo que mineiro tem fama de ser econômico. Mas o que aconteceu foi demais. Lá pras

bandas de Cristais (cidade no interior de Minas), tinha um sujeito, apelidado de Fuinha, miserável de dar dó.

Um certo dia, um compadre foi visitá-lo. Conversa vai, conversa vem, chegou a hora do almoço. Como o visitante conhecia o compadre, ficou pensando: "É, se eu comer pelo menos uma farinha com sal, já me dô por satisfeito, porque esse compadre é miserável mesmo."

E aí, chegou a hora do almoço, sentemos na mesa e, pra minha surpresa, tinha arroz e feijão. Mas, como se não bastasse, de repente o compadre miserável gritou lá da sala:

"Tião, traz o frango!"

Nisso, o Tião respondeu:

"Espera, pai, que eu já vou."

Aí eu fiquei mais animado e pensei: "Uai, sô, esse compade num é tão miserável assim não, mandando trazer até frango!" Mas continuemos almoçando e nada do frango aparecer.

Depois que almoçemos o puro arroz com feijão, chegou o tal do Tião com o frango debaixo do braço, falando:

"Pai, deu um trabalho danado pra pegar o bicho!"

E nisso respondeu o pai:

"Tem problema não, fio. Num desperdiçamos quase nada, não. Agora cê põe o frango aí em cima da mesa, é pra ele catá os grãozinho de arroz que pode ter caído. Cê sabe, num pode desperdiçá nada, né?"

É Minas Gerais, sô!

22 - Pescaria em Minas Gerais

Uma das boas coisas da vida é, sem dúvida, uma boa pescaria. E nessa lida fui criado desde menino pequeno, na barranca do Rio do Peixe, onde nasci e por lá vivi até

meus 18 anos, quando me mudei com minha família para Mato Grosso do Sul.

Certa vez, já moço, fui convidado pelo meu primo Agenor, já falecido, que na época tinha um pequeno engenho de pinga, pra fazer uma pescaria lá pras bandas de Minas Gerais. Aceitei o convite, preparamos as tralhas e partimos. Na frente, numa Kombi véia, tava meu primo dirigindo, meu pai no meio e eu do lado da porta. Atrás, num caminhão Ford F-350, três empregados do meu primo com as traíais de pesca.

Quase chegando na barranca do rio, demos de cara com uma porteira de arame, que por lá é chamada de tronqueira. Quando o Agenor parou a Kombi véia pra eu abrir a tal estronca, do outro lado da porteira tinha lá um veinho sentado nos carcanhá, que agilmente abriu a dita cuja pra nós passar. Assim passamos e, em seguida, o caminhão também passou. Aí pedi pro Agenor que esperasse um pouquinho pra que eu pudesse agradecer o velhinho. Chamei ele e mantive o seguinte diálogo:

Falei pra ele:

— Obrigado, meu bom homem, por ter aberto a estronca pra nós. Tô vendo que, apesar dos seus cabelos brancos, o senhor possui uma vitalidade de fazer inveja a qualquer jovem.

Ele disse:

— Que é isso, menino? Não foi nada o que fiz. Todo dia levanto às 4 horas da manhã, tiro leite de 120 vacas, depois coloco os 14 latões com 50 litros cada um no girau pro leiteiro pegar. Aí aparto os bezerros das vacas, trato dos porcos, pego o cavalo e coloco na charrete, vou na cidade buscar remédio pro gado e faço mais isso, aquilo, etc.

Eu, a essa altura, já tava cansado de tudo o que ele fazia, então lhe perguntei:

— Desculpe, meu bom veinho, qual a sua idade?

Ele falou:

— Pode me chamar de Juvenal, que é meu nome. E minha idade? Eu tenho 118 anos.

Eu falei:

— Nossa, nunca vi um ser humano com essa idade! Mas, desculpa, seu Juvenal, como o senhor fez pra viver tantos anos assim, tão disposto?

Ele respondeu:

— Ô, moço, sempre me levanto cedo, durmo cedo, não fumo, não bebo bebida alcoólica, num como nada enlatado, trabalho bastante com o físico, e etc.

Eu pensei: "Puxa, faço tudo ao contrário... Acho até que já morri!" Mas, prosseguindo, fiz outra pergunta:

— Seu Juvenal, o seu pai também viveu bastante como o senhor ou morreu mais moço?

Ele falou:

— Não... Papai ainda é vivo.

— O quê? Seu pai ainda é vivo? Mas quantos anos ele tem?

— Olha, menino, não sei dizer ao certo, porque somos em 15 irmãos. Meu pai casou com 38 anos e eu sou o caçula... Meu pai deve ter assim uns...

Eu falei:

— Já sei... 200 anos, no mínimo. Né seu Juvenal ?

Ele falou:

— Ó... Se não tiver, tá beirano.

Nessa altura dos acontecimentos, tanto eu como meu pai, meu primo Agenor e os empregados do engenho, todos nós queria conhecer o pai do seu Juvenal. Prosseguindo com o nosso diálogo, fiz mais uma pergunta:

— Seu Juvenal, o seu pai está bem? Ele se locomove ou está numa cama, ou coisa assim?

— Não, menino, meu pai está bem. Ele está ali naquela casa — disse, apontando uma casinha a uns 50 metros dali da onde nós tava.

— Seu Juvenal, por favor, busque seu pai pra gente conhecê-lo. Não é sempre que temos a oportunidade de ver um ser humano com 200 anos.

E lá foi o veinho de 118 anos buscar seu pai de 200... Passados uns 20 minutos, lá vem seu Juvenal sem pai algum.

— Seu Juvenal, cadê seu pai? Cê num falou que ia buscar ele lá pra nós ver?

Ele respondeu:

— Desculpe, menino, ele está muito ocupado agora, pois está dando banho no meu avô.

Não acredita? É só perguntar ao finado Agenor.

23 - O porco do Ari

Acredite se quisé, mas tenho um companheiro, seu Ari, que engordou um porco por uns cinco anos. Num belo dia, uns dois anos atrás, meu caseiro lá do sítio me falou que no próximo sábado ia matar o porco, porque de tão gordo o bicho nem saía do lugar. E me convidou pra ajudar ele.

Então combinamos a matança pro sábado, logo de manhãzinha. De manhã, o caseiro já ia preparar as facas, a tábua e as folhas de bananeira pra sapecar o porco. Logo chegou o sábado, preparamos tudo e fomos matar o porco, já pensando em assar o pernil no domingo. Fomos pro chiqueiro, onde o Ari, meu cumpanheiro, já tava me esperando. Mas quando olhei pro porco, notei que tinha alguma coisa estranha acontecendo. Nas orelhas dele,

ficavam entrando e saindo uns mosquitinhos. Cheguei mais perto e descobri que eram abelhas jataí. Gritei logo pro Ari:

"Ari, me ajuda aqui! Vamos dar uma olhada nessas orelhas!"

E pra nossa surpresa, as orelhas do porco tavam cheias de mel! Com a ajuda de uma colherinha ali mesmo, tiramos mais de dois litros de mel! A alegria foi geral, pois toda semana o Ari tinha que ir na cidade comprar mel pro filho dele, que tem bronquite, e ele sempre usava pra fazer xarope.

Depois disso, o Ari, além de desistir de matar o porco, passou a tratar ele até que especial, pra ele ficar sempre quietinho e não espantar as abelhas. Desse dia em diante, resolvemos até fazer uma parceria, pois hoje lá no sítio a maior renda é o mel de jataí, que além de servir de remédio pro filho dele, serve de renda pras nossas famílias.

Acredite, nós tira mais de cinquenta quilos de mel por ano. Acontecido!

24 - Mentiroso EU?????

O povo anda falando que o véi Olegário é mentiroso e que ninguém ganha dele na mentira. Ocês precisa conhecê um cumpade meu que mora lá no interior de Minas Gerais... Esse cumpade meu participa até de concurso pra vê quem mente mais! Um mentiroso de São Paulo ficou sabendo que lá em Minas tinha esse mentiroso e resolveu ir até lá pra desafiar o sujeito.

Chegando lá, foi até a casa dele, bateu palma e o filho dele saiu pra atender a porta.

Ele perguntou:

— Seu pai tá aí?

— Não — respondeu o garoto.

— E você sabe onde eu posso encontrá ele?

Aí o garoto sentou na beirada da porta e, com um ar bem calmo, respondeu:

— Sabe o que é, moço? É que meu pai tem uma criação de abelha aqui no fundo do quintal e, como ele não gosta muito de ver criação presa, todo dia de tardinha ele leva as abelhas pra passear, pra tomar um ar, sabe? E hoje, quando ele voltou com elas, tava faltando uma e ele saiu pra procurar ela, mas não deve demorar não, pois é só ele chamá ela pelo nome que ela atende rapidinho. Senta aí e espera um pouco que ele já volta.

Nisso, o homem da capital pegou as coisas dele e sumiu de volta pra cidade grande. Chegando lá, o pessoal perguntou pra ele:

— E aí, como foi? Conheceu o mentiroso?

E ele respondeu:

— Não, mas se o filho dele mente desse jeito, imagina o pai!

Ô, loco, sô! Vai menti lá longe!

25 - A fuga dos porcos

Vou contar uma história prô cêis. Uma vez, meu vô Jesuino tinha lá um sitiozinho e criava uns porcos. Certo dia, pegou o cavalo e saiu pelo sítio pra conferir as cercas. De repente, o cavalo começou a refugar, não ia nem pra frente nem pra trás. Vô desceu do cavalo e foi ver o que era. Dai ele viu que o cavalo tinha empacado por causa de um jornal que tava no meio do pasto. Abriu o jornal e viu que tinha um carro desenhado. O cavalo tinha medo de carro! Foi aí que de repente deu uma vontade nele de fazer as necessidades e ele até agradeceu por ter aparecido aquele jornal ali, numa hora tão complicada. Tirou o relógio do

bolso e pendurou numa arvinha que tinha ali perto, e pronto! Terminado o serviço, vestiu as calças, montou no cavalo e foi embora.

Passados uns vinte anos, deu a vontade nele de ir no mesmo lugar de novo. Foi aí que ele escutou um barulho: "Tic-tac, tic-tac, tic-tac..." Olhou pra cima pra ver o que era e viu que era o relógio que ele tinha esquecido na arvinha, que tinha crescido e levado o relógio junto lá pra cima.

Mas mudando de assunto, vô Jesuino tinha muitos porcos no sítio, uns duzentos, que ficavam no manguezal. Certo dia, um camarada chegou correndo e gritando lá no sítio. Vô perguntou o que tinha acontecido e o camarada disse que não tinha nenhum porco no chiqueiro. Vô, muito assustado, mandou chamar a camaradagem toda pra procurar os porcos. Chegando no chiqueiro, começaram a procurar: procura dali, procura daqui e nada de encontrar os porcos. Foi quando um camarada começou a gritar por socorro. Daí foram acudir e viram que ele tinha caído num baita dum buraco largo e liso. Vô Jesuino então pensou que os porcos podiam ter caído ali também e mandou a piaozada entrar lá.

Eles andaram uns dez minutos dentro daquele buraco e encontraram os porcos. Mas vô ficou assustado, porque eles tinham saído do outro lado do rio, dentro de um mandiocal! Foi quando vô entendeu a história. Uma mandioca do mandiocal tinha crescido tanto que a raiz atravessou por debaixo do rio, e os porcos, que não são bobos nem nada, foram comendo, comendo aquela mandioca e saíram do outro lado. Passado o susto, os camaradas voltaram os porcos pro lugar deles, que era no chiqueiro, e tiveram que construir uma trincheira pros porcos nao fugir mais.

26 - A caçada

Há muito tempo atrás, o cumpade Frauzino fez aniversário e ganhou dum amigo dele uma arma, um revolve 22. E pra experimentar aquela arma, ele foi caçar. Chegando na mata, ele avistou dois veados, daqueles que têm uns galhos na cabeça. Ele pensou: "Como é que vou matar esses dois veados se eu só tenho uma bala?".

Logo em seguida, teve uma ideia. Pegou o facão que tava na cintura e fincou no chão com o corte virado pro seu lado. Pegou a arma e mirou bem no meio do facão e deu o tiro. A bala se dividiu em duas partes e acertou os dois veados, mas só que um correu pro mato e o outro caiu numa lagoa ali perto. Num pulo só, ele viu que o veado que tava na lagoa tava morto e saiu correndo atrás do outro. Logo que entrou na mata, viu o veado morto no chão.

Pegou o veado e saiu arrastando até o lago. Desceu no lago e, quando puxou o veado, viu que ele tinha caído com a cabeça dentro d'água, e nos galhos dele estavam espetados dois peixes pacu bem grande duns 10 kilos cada um.

Arrastou toda a caça pra ir embora. Foi pegar o facão pra ir embora e foi aí que ele percebeu uma coisa estranha. Puxou o facão e não é que nele tava espetado um baita dum tatu? E ele nunca mais se separou do facão dele... A arma ele não tem mais.

27 - Jogando truco

Eu mais o cumpadi Frauzino, nós tinha dois compadres que todo dia, tardinha, saíam pra uma pescaria na curva do rio, antes das terra de arroz do Vartão. Depois da pescaria, tinha aquela paradinha pra tomar uma cachaça

e jogar umas partidas de truco, de mano a mano mesmo. Isso já se repetia fazia tempo, até que um dia, na hora do jogo, viram que tinham esquecido o baralho.

Aí começa a prosa:

— Cumpadi, nós já tá acostumado a jogá todo dia, num vai sê a falta do baralho que vai impedi a gente de jogá. Nós faz de conta que dá as carta, cada um finge que joga uma e fala qualé a carta que jogou.

E assim fizeram:

Frauzino falou:

— Cumpadi, joguei um rei.

Eu matei com o ás e voltei um dois.

— Matei seu dois com um três e voltei outro três.

— O sinhô ganhou, só tenho uma dama.

E assim foram, naquela confiança, até que a queda ficou quatorze a quatorze, na mão de manda. Daí eu dei as cartas e era a vez do Frauzino falá quais eram as cartas dele.

E o cumpadre Frauzino disse:

— Sinto em dizê, cumpade Olegário, mas o sinhô acabou de me dá o sete de copas e o zap.

Como era a vez dele e ele podia falar que tinha as cartas maior do baralho, ele falou que tinha o sete de copas e o zap. E eu, meio desconfiado da honestidade do cumpadre Frauzino, respondi:

— É, nós vai tê que vortá a mão, porque eu tô com quatro carta.

28 - A sucuri

O Cumpadi Frauzino conta que havia lá pras banda do canhadão, dois pescadores que eram mais que amigos, eram quase irmãos. Todo fim de semana eles juntavam as

traias, a matula e os apetrechos pra pesca e rumavam pro rio, atrás dos peixinhos.

Chegando lá, se ajeitavam e ficavam horas e horas esperando os peixes, que quase sempre não davam as caras. O silêncio era danado. Só se ouvia o show dos passarinhos e das cigarras, que parecia uma orquestra. De vez em quando, umas mutuca vinham atazanar eles.

Uma vez, os cumpañheiros do Cumpadi Frauzino escolheram um rio cheio de peixe, mas pouca gente ia lá, porque diziam que tinha muita cobra. Era cedinho da manhã quando eles foram pro tal rio. Um deles levou um cacho de banana pra comer e uma cadeira, pra não arriscar sentar no chão. Ele explicou pro amigo: "Óia, se eu tiver sentado na cadeira, num vô corrê o risco de sê picado por alguma cobra."

Chegando no lugar, procuraram uma beira do rio com menos mato e se aprumaram. Viram que tinha uma canoa ancorada ali. Até pensaram em pescar nela, mas como não sabiam de quem era, deixaram pra lá.

Depois de umas horas, um deles arresolveu ir pescar em outro lugar. "Cuidado, cumpadi! Num esquece das cobra, hein?", alertou o que tava sentado na cadeira. Passados uns minutos, ele escutou um barulho diferente e, quando olhou pra trás, deu de cara com uma sucuri daquelas de dar medo. Num pulo só, catou o cacho de banana e tacou na cobra, que engoliu já o cacho inteirinho numa bocada só.

O amigo arregalou os zóio de espanto e, vendo que a sucuri vinha pra cima dele, jogou a cadeira nela. E não é que a danada comeu a cadeira também? Vendo a coisa feia, o pescador pulou na canoa, mas antes que desse tempo de remar, a cobra comeu um pedaço da canoa, que começou a afundar. Ele se debateu, mas não adiantou nada. A sucuri

engoliu ele todinho. Depois dessa lambança, a cobra foi pra beira do rio tirar uma soneca.

O outro pescador, quando voltou, se deparou com aquela cobra enorme, inchada de tanto que tinha comido. "Meu Deus! Aonde será que tá o cumpadi? Virge Maria! Será que a cobra engoliu ele? É mió eu averiguá", disse ele pra si mesmo. Daí, com cuidado, pegou a espingarda e deu um tiro certo na cabeça da bicha, que se esticou toda.

Em seguida, o compade pegou uma peixeira e começou a abrir a barriga da cobra. E qual não foi a surpresa dele quando viu o companheiro lá dentro, sentado na cadeira, comendo banana! Eita... mais o bicho era tranquilo, em sô!

29 - Caçada de sorte

Fui caçar capivara (sei que hoje é proibido, mas naquela época não era). Depois de um dia sem conseguir pegar nada, já tava indo embora quando meu cachorro, que era um vira-lata, avistou uma capivara do outro lado do rio, o Rio Brilhante.

Carreguei a espingarda com a última bala, fiz o sinal da cruz, fechei os olhos e atirei. Como era uma espingarda muito antiga, ocê nem imagina o barulho que fez! E com o barulho, assustou um dourado de mais ou menos 15 kg que tava no rio, que deu um salto e a bala pegou em cheio no dourado, atravessou e ainda acertou a capivara, que caiu em cima de três coelhos que estavam perto dela.

Fiquei tão contente que levantei as mãos pro céu pra agradecer a Deus a caça que eu tinha conseguido. E, por sorte, vinham passando dois patos que eu peguei pelos pés.

Resultado da caçada: um dourado de 15 kg, três coelhos, uma capivara e dois patos vivos, tudo com uma só

bala! Não é mentira, aconteceu mesmo. Lá eu não sou homem de mentira, rapaz!

30 - O cachorro velho

Meu avô tinha um cachorro veio, mas tão veio que não tinha mais dente nenhum. Numa certa noite, lá no fundo do quintal, onde tinha um mandiocal, meu avô acordou desesperado na madrugada com umas gargalhadas danadas.

Entrou devagarzinho pelo mandiocal, com a espingarda numa mão e um terço na outra, pensando que era alguma assombração. Devagarzinho, bem lá no fundo, vinha uma risada, parava um pouco, depois vinha mais uma, e outra... até que, de repente, ele deu de cara com o cachorro veio, banguela, mordendo a barriga de um tatu que tava roubando as mandiocas.

Acontece que, como o cachorro não tinha dente, quando mordia a barriga do tatu, o bicho dava cada gargalhada de tanta cócega que o banguela fazia! Foi um alívio danado, e meu avô foi dormir des preocupado. Que assombração que nada!

31 - Veinho caçadô de onça

Lá pra década de 30, tinha muita onça lá pra região de Panambi. Coronel Tavares, preocupado cum a onça moradera que tava dizimamsndo o gado dele, arresolveu procurá um caçador de onça experiente pra matá o terrível bichão. Veio, então, a notícia que um veinho, Seu João das Onça, que vivia só lá pras banda da Aracelva, era, na juventude, caçador experiente lá pra aquela região.

Coronel Tavares acertou tudo com vinho, hospedou ele em sua casa e disse pra ele:

"Oi, sinhô João das Onça, como ocê vai tê que saí cedinho pra caçá, pode comê o que quisé na dispensa, porque tem que ficá bem adispuesto pra amanhã".

Entregou também uma pesada Winchester pro Seu João das Onça, com a qual seria feita a grande caçada do dia seguinte. O vinho, nessa noite, comeu como nunca tinha comido.

A caçada ia se dá da seguinte maneira: o fazendeiro ia com uns camarada mexê com a onça perto do capão de mato onde ela tinha sido vista no dia anterior, e o caçador ia ficá esperando ela perto do rio, no único caminho que ela podia passá, já que a onça estaria sendo perseguida por vários cachorros.

Acontece que o vinho nunca tinha sido caçador coisa nenhuma, tinha passado a vida inteira trabalhando na roça e só tinha aceitado aquela empreitada por ser muito orgulhoso. O vinho acabou se atrasando bastante pra saí pra caçada, porque num sabia mexê com a Winchester de dois cano que o Coronel tinha dado pra ele e nem aguentava direito o peso da bichona. Além do mais, tinha desfalcado tanto a dispensa que teve que, logo que acordou de madrugada, garrá o rumo do bananal. E saiu pra caçada.

Quando chegou na beira do rio, atrasado, já escutou a tropelia do Coronel, a peñozada, cachorrada e, como num era caçador coisa nenhuma, começou a tremê ingual vara verde de tanto medo. Subiu, então, numa árvore meia torta que tinha ali por perto.

A onça, num carrerão só pra fugí da cachorrada, ao chegá no lugar, trepou logo na mesma árvore onde o vinho tinha subido. Daí ficou aquele problema: ele já nos galho mais fino, com a pesada espingarda de dois cano que levava, e a onça, assustada, subindo pro lado dele.

O veinho rezava pra tudo quanto era santo e já sentia o bafo quente do gatão, já num tinha mais pra onde subí. Então, ele segurou bem firme a espingarda e, de zoio fechado, mandou bala pro lado da onça, que caiu da árvore, já morta. Nisso, o fazendeiro já vinha chegando ali cos camarada e, quando viu Seu João das Onça já no chão, correu logo pra cumprimentá ele pela façanha.

— Parabéns! Bem se vê que o sinhô é um legítimo caçador de onça mesmo, hem. Mas escuta aqui... ocê num tá sentindo um cherinho isquisito, não?

E o veinho logo explicou:

— Sabe o que é, Coronel? É que cada vez que eu dô sorte de conseguí matá uma pintada dessa, eu me borro tudo nas calça de tanta felicidade.

32 - Porco bem tratado

Uma vez, o cumpade Frauzino tava tranquilo no sítio dele, dando comida pros porquinhos dele, quando, de repente, apareceu por lá um fiscal, desses que andam olhando se tá tudo dentro da lei agrária e pecuária.

O fiscal já foi logo perguntando pro meu cumpade Frauzino:

— Ô, caboclo! O que ocê tá dando pros seus porcos de alimentação?

O Frauzino falô:

— Tô dando o que é mió. Tô dando milho.

E o fiscal (a fim de tirar um sarro com a cara do cumpade) falô assim pra ele:

— Então nós temos tantos pobres neste país e o senhor tá dando milho para os seus porcos? Pois o senhor está multado em 50 reais!

O fiscal já lavrou a multa ali mesmo e já foi saindo embora. Passados uns dias, o fiscal volta de novo naquele sítio. O fiscal já foi puxando conversa de novo:

— Boa tarde, seu Frauzino! E hoje, o que o senhor tá dando pros seus porco cumê?

O Frauzino falô:

— Ah, hoje eu escoí uma comida das boa. Tô dando lavagem. Tudo que sobra das nossas comida: arroz veio, feijão, verdura azeda... Óia só cumo eles come gostoso!

— Comida? — disse o fiscal. — Rapaiz! Com tanta gente passando fome no país, e o senhor joga no chiqueiro comida de gente? Tá multado traveis em cem reais!

Lavra a multa e vai embora de novo.

Depois de uma semana, lá está o cumpade perto do chiqueiro olhando os porquinhos. Todos quietinhos e bem comportados. O fiscal chega dinovo e diz:

— Boa tarde, cumpanheiro! E hoje, o que é que o senhor deu aos porcos?

O Frauzino, com toda aquela calma de sempre, já foi respondendo:

— Pra falá a verdade, faz dias que eu num dô nada pra móde eles cumê.

O fiscal falô:

— Mais num pode! Então eu vou ter que multá o senhor mais uma vez, pois assim os porco vão morrer de fome!

O Frauzino respondeu:

— Não, sêo fiscá. Já resolvi esse problema pra móde num sê mais multado.

O fiscal falô:

— Mas se o senhor não dá nada para eles comerem, como fica?

— Dô, sim, sinhô, pode ficá tranquilo! Pois todo dia eu dô uma nota de cinquenta pra cada um deles pra eles cumê em quarqué restaurante que eles quisé.

33 - Frangão di muntá im cima

Rapaiz vou te contar uma coisa. Tinha uns franguim magrim lá em casa não dava nem um kilo de peso em pé. Aí sô tinha um dono duma venda, um tar Ismaé, um vendeiro danado toda vida, dos mais sacudido pra toma u dinheiro da gente, ô cabocão danado aquele, dos pió que tem. Minha cumade Rosa que é meoi faladêra e caiu na caducace ei prosiá caquele caboco, e disse que os franguim lá de casa tava tudo magrim, aí sô ele que é um moção sabidão em bate um proseio, é um moção artão, o tar espertão que as moça gosta, tinha moça que precisava de um kilo de farinha, comprava de cem em cem grama só pra vê o cabocão. Mai sô ele danô a dize a cumade Rosa qui tinha uns pintim lá pá vende e que era um colosso ei bão, que crescia mais que um bolo cum muito pó roial. Aí rapaiz, minha cumade compro um balai chei, rapaiz era inté bunitu de fica apricianu, os bichim era tudo marelim, dá mesma feição, o jeitão dos danado cumemo sintido, paricia queis era feito na máquina fazedêra di pintim. Us danado garro a cresce que num oiava nem pá trais de tão ligêro que lá ia cresceno. Só que minha cumade é muito sem mardade, sempre dimais, e num tem istudo, compro os bicho tudo da mesma ninhada e os danado cumia um milho danado sô, tinha uns que cumia quaze uma cuia sozinho. Eles danô a cresce na mema tuada e os danadu parecia carnero, só andava de bando. A bichinho unido aqueles.

Aí sô nos cumia 1 por semana i eles crescia dimais e ficaru grande duma vezada só e eu fiquei cum dó ei matá

numa impreitada, porque eles era tudu iguali, tudu branquim, mais eles tava tudo suju, e eles prontava um arvorozo no terrêru qui era mio de vê eles assim, que vê que os carro que passa na estrada lá perto de casa podesse atropela eles. Aí sô bandonei us bichu crescono e nôi matava só arguns e us derradero ficaru tudu uns frangão grandão, sadio. Mas tava tão grande qui os minino que tinha perto de casa manhô im muntá im cima dos fragão e ainda, postava até currida com eles. Teve uma veiz que eu fiquei pono sintido em vê os minino anda inventei de dá um trenu num e u bichu era até bão de tuada, tinha um trotão cumprido, e era ate macio.

Passô uns par ei dia e chegô a coiêta de café e por lá tinha um cafézal numa ladêra que era uma coisa medonha de tantu que era feio o trem. Aí sô trenei uns frangão pra carrega balai no lombo pá facilitá em traze o café, purquê nem (cavalo) num chegava lá. Rapaiz noiseinchia 2 balai cum 2 midida cada num piquá e sortava us frangão e elis tinha que subi a ladera com aqueli mundu ei café nu lombu,e óia que tinha uns que patinava pá subi o morro e elis incrinava o pé prá ispora do bichu garraei fincá no chão e tê uma péga prelis rompê o morro acima, ês bichão danado aqueles !

Depois disso garrei em faze freti com os frangão, o povo fala que eils é os tar frangão de muntá im cima, e quem pricisá de fréti na ladêra é só liga no meu Celular qu pá faze um fréti nós samo sacudidu.

34 - Pescando com guarda-chuva

"Aí, sô! Lembra daquela vez que eu contei que nós foi pescá no Miranda, lá pras bandas da ponte? Chegamo lá, todo mundo faminto, pronto pra dar umas fisdada. Aí,

um veio barbudo, desses que conhece cada canto do rio, veio contar pra nois um segredo: 'Moço, debaixo daquele ingá ali, ó, tem um cardume de peixe maior que a ponte!'"

A gente foi bem devagarinho, que nem onça pra não assustá os peixe. Chegando lá, abrimos o guarda-chuva e fincamos ele no chão, com a bengala pra cima feito uma tenda de índio. Começamos a bater palma e a pisar forte na terra, pra fazer um barulhão danado!

De repente, a água do rio começou a borbulhar e os peixe, que estavam todos escondidos embaixo das raízes do ingá, se assustaram e pulo pra fora! Mas e aí que veio a surpresa: tinha uns também encima do pé comendo ingá e pularam do gaiotodos eles foram parar dentro do guarda-chuva! Tinha curimba pra todo lado, mandiuva pulando, lambari se debatendo... até um dourado gigante tentou entrar, mas era grande demais! Não cobe dentro do guarda-chuva.

E nois fiquemos todo mundo boquiaberto, sem acreditar no que estava vendo. Foi a maior pescaria que já vi na minha vida! Aquele dia, a gente comeu peixe frito até enjoar!"

Pode acreditar... pescadô não mente!!!

35 - Medo de disco voador

"Aí, sô! Um dia desses, nós fomos dar uma rodada de capivara no Rio Brilhante. Eu fui numa Kombi velha, e levei o Pitoco, meu cachorrinho farejador. O Daniel Pedreiro e o Mariola foram de caminhonete importada, pra variar.

Pra chegar na barranca, a gente tinha que descer uma pirambeira, aquela estrada cheia de buraco. No meio

do caminho, o Daniel me deixou pra trás, com a caminhonete dele buzinando feito louco.

Quando cheguei na beira do rio, vi um lampejo, um reflexo, um clarão que vinha lá das profundezas da terra, que nem um foguete! Tremendo feito vara verde, eu e o Pitoco fomos ver aquela coisa esquisita. O Pitoco, mais assustado que eu, ficou todo escondido.

Quando cheguei perto daquela aparição, vi que era só um farol de carro que tinha caído de algum carro que passou por ali e sumido feito fumaça. Peguei o farol e levei pra mostrar pro Daniel. Aí, que coisa...! O farol era dele mesmo! Ele tinha perdido um dos faróis de milha da caminhonete. Entrou dentro da camionete e apagou os farol ali no painel mesmo... Acontecido e o Pitoco é testemunha!

36 - 2 gol

Isso aconteceu aqui em Itaporã há muito tempo atrás. Mais precisamente num campinho de terra batida ali onde hoje é a praça.

E tava jogando Itaporã versus Picadinha...uma rivalidade igual Corintias e Parmeira.

O Aristeu Nascimento cunhado do Marcilio, no tempo que ele ainda jogava bola, e o time dele era o Itaporã tava jogando contra a turma da Picadinha. Lá pelos 45 minutos do segundo tempo, quando o placar estava em zero a zero, o nosso amigo Aristeu com uma chuteira veia... a unha do dedão saindo pra fora deu um tamanho dum "bicudo" na bola, que na época era de capotão. A bola saiu numa velocidade dum tiro igualo chute do Roberto Carlos da seleção e pegou bem na trave do gol e estourou. Rapaz,

foi um pipoco que chamou a atenção de todo mundo que tava ali assistindo o jogo.

Interessante que foi pra dentro do gol somente a borracha da câmara de ar da bola e, para fora, ficou o capotão...

E agora!!! Foi gol ou não foi? E então o juiz, o nosso conhecido Bastião Panderista, que por sua vez analisou, analisou, pensou e decidiu:

— Foi 1/2 gol, e acabou o jogo, ganhando o time de Itaporã por 1/2 e a Picadinha zero...

37 - Cachorro caçador

Quando eu era pequeno, morava num sitiozinho e tinha lá um cachorro vira-lata. Toda vez que eu ia caçar codorna, ele ia comigo, e quando ele fazia ela voar, eu com meu estilingue matava, e ele trazia a caça em minhas mãos.

Mas com o tempo, resolvi doar esse meu cachorrinho para um primo meu. Como ele gostava de caçar, achei que seria uma boa companhia pra ele.

Mas como ele era meio ressabiado com animais que ganhava, queria provas de que o bicho era bom mesmo. Então levamos o cachorro para a caçada. Depois de algum tempo, meu cachorro fez uma codorna levantar voo. Meu primo, com uma espingardinha de chumbinho, atirou e acertou, mas, pra nossa surpresa, ela caiu dentro de um açude enorme. Meu cachorro mais que depressa chegou e já pulou na água e sumiu.

Sentamos no barranco e ficamos um prazo ali esperando. Depois de mais ou menos meia hora, meu primo falou: é melhor nós ir embora, porque a essa altura do campeonato o cachorro já deve ter morrido. E eu, calmo como sempre, falei:

— Que nada, daqui a pouco ele aparece.

Uma hora depois, sai o cachorro da água com uma enorme traíra na boca. Meu primo disse, meio em gozação:

— Rapaiz....Eu quero um cachorro caçador e não um pescador.

Dai eu falei:

— Peraí.

Peguei a traíra da boca do cachorro, e com uma pequena faca que sempre carreguei em minhas caçadas, abri a barriga da traíra e tirei a codorna de dentro da barriga da traíra e entreguei pro meu primo.

Taípode ficar com o cachorro, que esse é caçador de verdade!!!

38 - A cobra cachaceira

O cumpade Frauzino arresorveu dar uma pescada lá pras bandas do Rio São Domingo. Ele já tava ali no barranco fazia um tempão e os peixe só biliscano e roubando a isca dele, e nada de pegar o danado do peixe. E daí ele já tinha usado a última isca, quando viu um enorme dum dourado rondando o anzol dele.

Desesperado pra conseguir uma coisa qualquer pra usar como isca, viu que uma cobra passava ali perto dele com uma rãzinha na boca, meia engolida, a metade da rã pra dentro, outra metade pra fora. Mais que depressa ele falou:

— Já sei o que eu vou fazer...

Então ele arrancou uma forquilha ali no mato mesmo e com muito cuidado, prendeu a cabeça da cobra. Com uma vareta, ele tirou a rã da boca da cobra. Depois, pra tontear a cobra, ele despejou na boca dela um pouco da

cachaça que ele carregava. E a cobra sumiu meia tonta no meio do mato. O cumpade Frauzino voltou a pescar. Depois de algum tempo, o cumpade sentiu umas batidinhas no ombro dele. Olhando para trás, levou o maior susto. Num é que a cobra tinha vortado e ali estava com duas ranzinhas na boca!

Eita cobrinha cachaceira!

39 - Cavalo pra montar ou assobiar.

Esse causo aconteceu aqui mesmo no interior do Mato Grosso do Sul, na cidade de Fátima do Sul, há alguns anos atrás, quando nós chegamos de mudança. E como ocê sabe, na cidade, quando a gente vai comprar um carro usado, a gente leva pro mecânico pra dar uma olhada nas condições do veículo: motor, câmbio, lataria e etc. Pois bem, lá em Fátima do Sul, era muito comum os tropeiros irem pra lá pra vender seus cavalos, burros e mulas. E, pra variar, todos os envolvidos no negócio também levavam os animais pro cumpade Izaías dar seu parecer final nos bichos.

Até que certo dia, um sujeito interessado na compra de um cavalo levou o bicho pro cumpade Izaías dar uma oiada. O vendedor disse mais ou menos assim:

"Este cavalo é bom pra puxar arado, pra montaria, apartar bezerros, enfim, é bom pra uma porção de coisas."

É normal, quando se vai comprar um cavalo, olhar a idade, e pra isso acontecer, a gente olha os dentes. E quando o cumpade Izaías foi olhar os dentes do cavalo, o comprador percebeu que o cavalo não tinha o beíço de baixo da boca e falou, espantado, que o cavalo tava sem um pedaço da boca. Aí o cumpade Izaías perguntou pra ele:

“O senhor tá querendo um cavalo era pra montaria ou só pra assobiar?”

40 - Tiro Certo

Olha, um certo dia eu saí pra dar uns tirinhos sem compromissos, é claro, mas foi um dia sem muita sorte, pois não consegui nada. E bem na horinha que eu ia voltando pra casa, eis que vejo num galho de uma árvore uns dez urubus e lá na ponta do outro lado uma pombinha do ar. Mas o problema é que se eu desse o tiro, podia pegar um dos urubus, e o ce sabe que urubu a gente não pode matar, né? Então eu pensei, pensei, aí tive uma ideia: quando eu desse o tiro, eu tinha que dar uma chacoalhada no cano da espingardinha. Aí a bala ia sair zanzando entre as pernas dos urubus... e não é que deu certo... acertou só a pombinha lá na frente.

Se vocês não acreditam, é só ir lá em casa que eu mostro as penas dela, que eu fiz um leque pra abanar as pessoas que desmaiam quando eu conto este causo.

41 - A maior mentira

Cumpade Frauzino mais o cumpade Anastácio saíram outro dia desse pra caçar tatu na mata, levaram uma espingardinha vagabunda que era danada pra falhar. Chegaram no mato, entraram, andaram, andaram até cansar. Pararam na beira dum riachozinho. Quando o Frauzino foi tomar água, no que ele levou a mão na água e puxou, saiu um trairão na mão dele e já comentou com o cumpade Anastácio:

— ETA diacho, hoje é meu dia de sorte! — e meteu o bichão no saco.

Quando ele levantou, bateu o cano da espingarda numa colmeia de abelha, que pingava mel igual água. Quando o Frauzino foi pegar uma folha de inhame pra aparar o mel, passou a mão nas orelhas dum coelho:

— ETA sorte danada tinha o cumpade Frauzino! — e já meteu aquele lebrão no saco também.

Os dois cumpades já tavam voltando pra casa, foi quando escutaram um urro bem pertinho deles.

Eles se olharam...

— Cumpade, o que será que era isso? — um perguntou pro outro.

Quando ouviram de novo, era um guará preto que tava chegando. Mais que depressa, o cumpade Frauzino arrancou o cartucho de caça-tatu e já meteu um de matar guará, só que era pra guará branco. E agora? (cê sabe que tem uma diferença... o guará preto só morre com dois tiros).

Eles se olharam de novo e o Frauzino falou:

— Cumpade, eu vou me esconder atrás daquela árvore e quando o guará passar perto de mim eu dou um susto nele, aí cê prega fogo!

Assim ele fez. Quando o guará preto passou perto dele, ele deu um grito medonho que o guará assustou e ficou branco de medo. O cumpade Frauzino rasteou o dedo no gatilho e o bicho caiu duro. Daí eles foram embora felizes da vida.

42 - Perda do nariz

Um bóia-fria, amigo meu, morador lá pras bandas da Usina Passa Tempo, conhecido por Gustinho, marido de

Dona Narva, após amolar seu facão dos dois lados, começou a cortar a cana crua. Com um lado do facão, ele cortava lá embaixo, no pé da cana, com o outro lado, ele cortava a ponta da cana, lá em cima. Nesse vai e vem, em baixo, em cima, em baixo, em cima... Gustinho acabou cortando seu próprio nariz, que caiu no meio das palhas da cana.

Desesperado, o bóia-fria Gustinho procurava, procurava e nada de encontrar seu nariz no meio da palha. E a dor era muita. Tomou quase um litro de pinga para passar aquela dor horrível. E não é que deu certo? A dor passou, mas ainda tinha de encontrar seu nariz. Foi quando lembrou de sua alergia a pimenta-do-reino. Mais que depressa, correu até sua casa, que não era muito longe dali, pegou um saquinho de pimenta em pó, correu até o local do acidente, ou seja, lá onde tinha cortado seu nariz com o facão amolado dos dois lados. Chegando lá, despejou toda aquela pimenta no meio das palhas.

Foi quando seu nariz começou a espirrar em meio às palhas secas. Quase bêbado, Gustinho conseguiu pegar seu nariz, correu até sua casa novamente, pediu para Narva um tubinho de cola super bonder, colou seu nariz no lugar e voltou a cortar a cana. Alguns minutos depois, caiu uma forte chuva e o pobre Gustinho quase morreu afogado, tinha colado o nariz com os buraquinhos para cima....ô bicho azarado!

43 - Pescaria do peixe cego

Estava eu e meu cumpade Frauzino pescando no Rio Santa Maria quando, de repente, ele fisgou um peixe e demorou quase uma hora para tirar o danado do peixe da

água. Eu já estava preparado com fisga e tudo, pois achava que seria peixe era muito grande pela demora. De repente, quando o peixe apontou na flor da água, era um piauzinho de mais ou menos 10 centímetros, menos de um palmo de comprimento. Olhei pro cumpade, ele olhou pra mim e disse:

— Uai!!! Pensei que o peixe fosse maior...

E eu respondi:

— Eu também, rapaiz.

De repente, olho no rabo do peixinho e vejo uma linha enroscada. Peguei aquela linha e fui puxando, puxando, quando, de repente, aponta um pacu de mais ou menos 15 quilos. Olhamos um pro outro encabulados com aquilo... quando aí que nós descobrimos que o peixe grande era cego e o pequeno era seu guia. Ficamos com pena e soltamos os dois na água.

Aconteceu, uai! Só não consigo provar porque o Frauzino tá viajando... mas é verdade.

44 - Perereca de isca

Um dia, logo cedo, meu cumpade Frauzino mandou um recado pra mim dizendo que soube que um cardume de dourado fez uma parada na corredeira logo debaixo da ponte do Rio Santa Maria. Era pra mim ir pra lá, que mais tarde ele ia. Ele não podia acompanhar eu agora, mas me encontraria no lugar de costume e que a chave do barraco e o motor de popa estavam no lugar de sempre. Nenhum dos meus companheiros que iam sempre comigo podiam me acompanhar naquele dia. Segui sozinho.

Enquanto eu colocava o motor no barco, vi num canto da popa uma perereca de bom tamanho. Peguei ela e

gardei na sacola pensando: a primeira isca já tá garantida! Segui pelo canal estreito do rio, soltei a poita acima da ponte pra segurar o barco por ali, introduzi o anzolão na pele das costas da perereca, com muito cuidado a fim de manter ela viva. Fiz um longo arremesso, deixei a linha correr até quando calculei que a isca estivesse passando por debaixo da ponte e chegando até a corredeira. Travei a carretilha, deixei a vara de espera apoiada na borda do barco. Abri uma lata de milho verde, peguei uma varinha comum e me pus a tentar pegar uns lambaris e piaus pra usar como isca mais tarde.

Tinha lá um monte de gente pescando em cima da ponte e eu via, a cada pouco, uma delas recolhendo dourado fisgado. E nada de puxar a minha linha. Fiquei encabulado com aquilo, mas fiquei ali aguardando e nada. Fisguei uns dois lambarizinhos e um piaú, e com o olho na vara de espera, mas ela continuava ali imóvel.

De repente, o céu escureceu, prenunciando chuva, e logo vi relâmpagos riscando o horizonte ao longe. Medroso que sou de tempestade em rio, comecei a arrumar bem ligeirinho as tralhas pra me retirar. Um dos pescadores de cima da ponte gritou:

— OOOO Veio Olegário!!! É você que tá usando perereca como isca???

Respondi SIM... ele completou:

— A perereca subiu no pilar da ponte e está aqui em cima, rapaz!!! Que presepada é essa, sô???

Rapaz, foi por isso então... voltei pra casa chupando o dedo. Nem o cumpade Frauzino apareceu nem nada... ficou foi com medo da chuva. Eeee, pescadinho de meia tigela!

45 - Alta Velocidade

Um dia desses, o Melo... um cumpade meu que tem um sítio lá pras bandas de Itaum me convidou pra ajudar ele a passar veneno na lavoura dele. Nós tinha que passar o veneno de noite porque de dia tava ventando muito. Peguei minha charrete e parti pra lá. Fiquemos até tarde da noite. Quando terminamos o serviço, muntei na charrete e parti de volta pra casa.

Meu cavalo marchava naquela toada de sempre, aquele silêncio. Quando, de repente, eu cruzei com um caminhão bi-trem daqueles que tem duas carrocerias, e a velocidade do caminhão tava tão alta que, quando ele cruzou com a minha charrete, eu só senti um vulto. Nessa altura, eu tava próximo à ponte dum riozinho, pertinho do distrito da Picadinha.

Bem, até aí tudo bem. O caminhão passou e eu continuei dirigindo, mas com um detalhe: quando o caminhão passou por mim, foi tão rápido que eu não percebi que, com o vulto, minha charrete virou pra trás, de forma que eu tava voltando pra Itaum e eu nem tinha percebido. Foi quando chegou o trevo que eu percebi que a charrete tinha virado de direção. Aí tive que voltar tudo de novo, mas aí eu fiquei esperto com outros caminhões que passavam pela minha charrete... Eu hem!

46 - A onça

Naquele final de tarde, onde todos papeavam na barbearia do seu Pedro Barbeiro, Zezinho Cantor, caçador, pescador e contador de causos, já tinha sido provocado várias vezes e ainda não tinha dado respostas. Foi quando,

de repente, no meio da roda de amigos, alguém perguntou pra ele:

— Zezinho: Você conhece o Buraco das Araras? Diz que tem umas cavernas praquelas banda??

— Ah!! Nêgo!! Tive lá semana passada...fui dar uma caçado

— E como foi à caça? — indagou Cidneizão Marques, já demonstrando interesse.

— Bem. Achar onça eu achei, mas não dei nenhum tiro.

— Uai, porquê?

— Bom. Eu amarrei uma corda no pescoço de meu cachorro Rompe-ferro e a outra ponta na minha cintura, que era pra ele não se distanciar. Caminhei em direção à caverna maior. Quando me aproximei da boca da entrada, Rompe-ferro começou a rosnar e se arrepiar. Eu, mais do que depressa, engatilhei a lazarina e mirei em direção à boca da caverna. Quando acendi a lanterna, uma onça pintada se ajoelhou bem na minha frente e, pondo as duas patas cruzadas como quem vai rezar, olhou pra mim e falou:

— Seu Zezinho, pelo amor de Deus, não me mate não!! Eu tenho duas oncinhas pra criar.

Eu olhei pra um lado e pro outro, não vi ninguém e comentei:

— UAI - Ôxente!!! Eu nunca vi onça falar.

Foi então que o meu cachorro Rompe-ferro, que tudo assistia e estava todo se tremendo, respondeu:

— E nem eu...

47 - Bicho voado

Dois cumpades saíram para caçar logo nas primeiras horas do dia. Vizinhos e amigos de longa data, eles prepararam as tralha, ajeitaram suas espingardas e saíram, esperançosos em trazer a mistura para almoço e janta.

Por volta das quatro horas da manhã, avistaram um belo dum tatu. Sem perder tempo, iluminaram com um farolete o tatu e atiraram. Tiro certo, sem chances pro tatu. Um falô para o outro:

- Hê cumpade, o que era aquilo?
- Ara cumpade, era um tatu, uai.
- Ô beleza, esse é pro armoço.

Por volta das oito horas da manhã, próximos a uma pousada, encostaram em uma enorme pedra e começaram a contar o resultado da caçada. De repente, lá dum morro, pula um rapaz com uma tal de asa delta e vem voando na direção dos dois cumpades. Quando um dos cumpades olha para cima, avista aquele aranzéle, como nunca tinha visto um trem daqueles, e fica assustado por demais.

Mais que depressa, carrega de novo a sua espingarda e comenta:

- Meu Deus do céu, cumé qui pode?
- Mira, mira e dá um tiro certo.
- Cumpade do céu, mas o que é que era aquilo, que que era aquele trem, sô?
- Ôia, cumpade, o que é que era aquilo, num sei te fala não, mas que largo o guri, largo!!!

48 - Arapuá Explosiva

Esse fato interessante aconteceu quando eu morava lá no Sítio Dorama, lá pras banda de Tupi Paulista em São Paulo, quando eu trabalhava na roça de café. E de vez em quando tirava umas horinhas pra pescar lá no Rio do Peixe, pescar uns lambaris ou só dar banho na minhoca.

Um belo dia, larguei da lida, peguei a baia, uma éguinha branca que nós tinha lá, engatei na carroça e parti lá pro Rio do Peixe, eu e meu primo Demi, que veio lá de Guata. Chegando lá no rio, achamos um belo poço e ficamos ali esperando a peixarada. Quando, de repente, observando a natureza, notei que numa árvore seca, cheia de forquilha, que ficava ao lado do poço, tinha uma bola preta, cheia de bico, presa numa forquilha.

Fiquei assuntando, achando que era um arapuá, aquelas abelhas que enrolam nos cabelos da gente. Não era. Parecia um cupim, também não era. Peguei então o meu facão, cortei uma vara e comecei a cutucar aquele trem.

Na primeira cutucada, levei um grande susto. A bola deu uma enorme explosão, que clareou toda a redondeza. Aí que eu fui descobrir: na verdade, a bola bicuda era um trovão enroscado...

49 - A Galinha do Vovô

Seu Jesuino, meu avô, hoje falecido, que Deus o tenha, ele ganhou um pintinho da dona Sambroza, sua comadre. E o bichinho foi criado ingeitado, e foi crescendo aquela franguinha de colo, comia na mão do vô, mansinha que só vendo. Virou uma galinha, mas muito da safada. Meu vô tinha muita estima pela bichinha.

Um dia, a galinha tava perto do fogão e a dona Preta, mexendo no pau de lenha, sem querer, caiu um pau daquele em cima da galinha e quebrou as duas perninhas dela. Meu vô era muito habilidoso e, pra salvar a penosa, ele arranjou umas perninhas de pau bem lapidadazinha e colocou na galinha. Ela custou a acostumar com auilo, mas logo logo já tava andando.

Poucos dias depois, ela apareceu com os zoinho furado e o vô, com todo cuidado, zelou dela e arranjou um corinho e colocou nela. Cê vê que coisa mais linda, a galinha ficou até bonitinha, aquela galinha andando pra cima e pra baixo com as perninha de pau e ocrinho escuro.

Passou uns dias e não é que a danada sumiu, sumiu que não aparecia mais. Meu vô procurou ela pra tudo quanto foi banda e nada de achar. Foi passando o tempo e nós já tava achado que ela não ia mais mesmo.

Foi aí que depois de uns quatro meses, um dia bem de tardezinha, nós tava todo mundo lá na varanda da frente tomando um teréré e meu vô gritou:

— Alá ela!

— Ela quem, Zuzu? — disse minha vó.

— É ela, minha galinha!

E lá vinha ela, toda rodeada de pintinhos, todos de perninhas de pau e ocrinho. Cê precisava ver que gracinha!

50 - Meu vô caçador de onça

Mas meu finado avô, que se chamava Jesuino, era também um caçador de onça. O único do mundo que caçava onça, tirava o couro dela, e ainda deixava ela viva. Baixe o chapéu na testa e assunte:

Contava meu avô que, quando era jovem e ainda existiam muitas matas virgens praquela banda, ele saía pra caçar e levava apenas dois pregos de vigota e um martelo. Todos nós sabemos que as onças dormem sempre encostada nas árvores caídas e elas têm o sono bem pesado. Pois bem.

Então, meu vô, quando avistava uma onça, esperava o clarear do dia. Chegava bem devagarzinho, pisando de ponta de pé pra não acordá-la, abria a boca dela e pregava um prego por dentro da boca dela, afixando a bochecha da onça na árvore caída. Em seguida, ia atrás da onça, esticava o rabo dela e pregava o outro prego na ponta do rabo, afixando na árvore caída.

Depois, ele dava um forte grito: "Oooonnçaa suaaddddiiaaabbbaaaaaa!!!!" A onça acordava assustada e dava um pulo pra frente. Como o couro tava pregado, a onça saía pela boca e disparava correndo na mata, enquanto o couro ficava inteirinho pregado na árvore. Depois de um ano, a onça já tava de couro novo, então meu avô voltava e repetia o feito.

Essas onças parda que tem por aí, é as onças que meu Vô as vezes arrancava o coró delasnão criou as pintas ainda!!!!

Heee, esse era caçador mesmo!

51 - Os cumpade de Fátima do Sul

Outro dia, conversando com o cumpade Zé Muleque lá da linha do Potrerito em Fátima do Sul, ele me contava que lá no sítio dele, tinha uma bica que foi feita pelo seu tataravô. Foi canalizada água para ser levada até a sede do sítio.

Na semana passada, um funcionário preparava a terra para o plantio da safrinha, não percebeu e deu uma ré com o trator em um dos troncos da bica. Você não vai acreditar! De tão antiga e de tão acostumada que a água estava de fazer aquele curso, ela passava direto, sem derramar e nem sentiu falta do tronco quebrado.

Nisso chegou o cumpade Geraldo, veterinário de Fátima do Sul, e escutou o final da história, e já emendou:

— Gente, pensa na correria lá no sítio por estes dias. Um cavalo estava com problemas no pescoço e eu, na correria pra poder salvá-lo, acabei imobilizando o pescoço do animal e depois percebi que havia ficado ao contrário.

O cumpade Zé Muleque de Fátima do Sul começou a rir na hora e disse:

— Onde já se viu, imobilizar a cabeça de um cavalo ao contrário? E onde esse cavalo vai beber água?

O Geraldo, veterinário, respondeu:

— Lá na bica que o seu tataravô fez... Quer comprar o cavalo?

52 - O trem e o caipira

Antigamente, quando aqui ainda tinha o trem que transportava o povo, um cumpadi meu lá da Fronteira, pras banda do Paraguai, esperava o trem lá em Ponta Porã, que seguia rumo a Campo Grande. Quando o trem chegou, ele entrou no vagão de segunda classe, que é onde viajavam os caipiras. Se abancou por ali, enrolou um paiero, e deixou a maria-fumaça tocar nos trilhos.

Logo, aparece o chefe, vai gritando os nomes das estações e picotando os biete de papelão.

— Itaum, Itaúm... Quem vai descer em Itaúm?

O chefe, então, se vira para o capiau e pergunta:

— O seu bilhete, meu amigo?
— O sinhô vai me adesculpá, mas eu não comprei biete porque eu tô sem dinheiro...

— E o senhor acha que vai viajar sem pagar? Pode descer já!

E pegou o dito-cujo pelo pescoço e já foi apichando ele na plataforma da estaçãozinha de Itaúm, que era a primeira depois de Ponta Porã. O capiau esperou o trem começar a andar de novo e pumba pra dentro do mesmo vagão de segunda. Daí a algum tempo, volta o chefe.

— Maracaju, Maracaju... Quem vai descer aqui? Olha o bilhete na mão...

E dá de cara, novamente, com o capiau.

— O senhor comprou bilhete?

— Não, sinhô. Cumé que eu vou comprá uma coisa se eu num tenho dinheiro?

O chefe, brabo, avisa:

— Vai descer!

E dá-lhe outro pescoção, atirando o caipira na Plataforma da estação de Maracaju. O trem começa a andar e o nosso amigo capiau entra correndo no mesmo vagão. Quando o chefe vê de novo e pergunta, de novo, sobre o mardito bilhete, o capiau responde a mesma coisa. Lá vai pescoção e ele cai na plataforma da bela Sidrolândia.

Pois não é que quando o trem, a nossa maravilhosa maria-fumaça, se põe em movimento, o nosso capiau também se movimenta pra dentro outra vez?

Pois bem, um cidadão que assistia àquela presepada desde Ponta Porã, com pena do capiau, pergunta prele:

— Ô moço, posso saber pra onde o senhor está indo nesta viagem?

O capiau responde, com toda simplicidade:

— Oia, moço. Se meu pescoço aguentá, eu chego inté Campo Grande.

53 - Pescaria assombrada

Numa bela tarde de terça-feira, depois de um longo dia de trabalho na enxada no campo, com o sol quase se pondo, meu VÔ JESUINO começou a separar suas traíais pra tentar conseguir a janta do dia. Separou as iscas, os anzóis e todos os apetrechos pra uma boa pescaria.

Próximo à casa do sítio onde morava tinha um açude pequeno, mas que rendia às vezes algumas traíais e pirambóias. Chegando até o açude, desarmou as traíais, apartou uma touceira que incomodava e começou a pescar. Alguns minutos de observação no açude pra averiguar se aquele era mesmo o mió lugar, e resolveu molhar a isca.

Uma hora se passou e nada dos peixes. E um barulho estranho incomodava meu bisavô. Era um barulho distante e bem baixinho, mas incomodava ele. Alguns minutos mais tarde, o barulho começou a se aproximar. Agora podia se ouvir com mais nitidez: "Toc... toc... toc... toc... tssssiii..." Aquele barulho começou a criar uma certa preocupação em meu VÔ JESUINO. Minutos se passavam e o barulho continuava incomodando: "Toc... toc... toc... tssiiiiii..." Isso, pra um pescador concentrado, é irritante. Eis que meu VÔ JESUINO resolveu se embrenhar no meio do matagal pra averiguar de onde vinha esse barulho.

Armado de um velho facão quase sem corte e um cepo de guarantã na mão, começou a abrir aquele matagal. Entre uma touceira e outra, o barulho se ouvia cada vez mais alto: "Toc... toc... toc... toc... toc... toc... tssssssiiiiii..." O coração de meu VÔ JESUINO começou a bater mais forte à medida que ele caminhava em direção ao barulho. Logo observou que o barulho vinha de uma velha árvore caída dentro do açude e umas folhagens cobriam a árvore. Não pensou duas vezes. Armou o facão em uma mão e com o

cepo de guarantã na outra, ergueu com muita calma a folhagem que escondia a árvore...

Quando observou, era um pica-pau que batia, batia, batia, batia na árvore com tanta força que chegava até esquentar o bico e depois colocava na água pra resfriar: "Toc... toc... toc... tssssiii..."

54 - Saída de mestre

Aconteceu isso há uns tempos atrás. Um amigo meu, Donizete, leiteiro sitiante, morava num sítio perto da cidade, lá pras bandas do Canhadão, a uma distância de mais ou menos uns 20 minutos daqui da cidade. Por ser perto, por possuir algumas vaquinhas leiteiras e por estar numa situação financeira difícil, o cumpade Donizete resolveu vender parte do leite que tirava todos os dias.

Pois bem, ele acordava cedinho com as galinhas, tirava o leite, colocava num latão e já punhava o latão na bicicleta cargueira e vinha pra cidade pra distribuir pros fregueses que ele tinha. E isso ele foi fazendo durante um bom tempo e ganhando seu dinheirinho e tali coisa.

Rapaz, veio uma crise e o preço do leite baixou muito. Daí, o cumpade Donizete deu um jeitinho brasileiro e achou uma saída: toda vez que ele passava perto do corgo do Canhadão, ele completava o latão com a água desse riacho.

Num belo dia, entregando leite para um de seus fregueses, ele não percebeu que, quando despejou o leite na vasilha do freguês, caíram também dois lambarizinhos, que não se sabe certo, devem ter entrado junto com a água colocada pelo cumpade Donizete.

Imediatamente, o freguês reclamou pra ele:

– Ô Donizete! Vieram dois lambarizinho junto com meu leite! O que significa isso? Cê tá louco?

O cumpade Donizete, esperto como é, já respondeu:

– Oia. freguês! Também, pelo precinho que tá o leite, você queria o quê? Um dourado?

Heeeeeee leiteiro esperto!

55 - Em apuros com a onça.

Aconteceu uma com o Frauzino, meu cumpade, quando nós morava lá na roça. O fato aconteceu num certo dia, quando as tarefas rotineiras da roça estavam controladas e ele resolveu ir dar uma caçada logo cedo.

Depois de um certo tempo, já de noite, sentiu vontade de fumar e tinha um fumo de palha já pronto no bolso, só que ele procurou e não achou o fósforo no bolso. Mas, por sorte, um povo tinha colocado fogo num toco de uma árvore ali perto donde ele tava. Ele viu na sombra de uma rocha o toco preto com uma brasa na ponta. Ele colocou o pito na boca e abaixou a cabeça perto da brasa pra acender o pito.

Quando encostou, a brasa deu uma piscada. Era uma onça sentada atrás do toco olhando pra lua. Como o medo foi grande e a espingarda era daquelas pica-pau de carregar pela boca, só dava um tiro e só tinha carga pra matar um passarinho, achou melhor largar tudo e "picar a mula".

De repente, achou um outro tronco oco de árvore, velho e seco. Pensou: "Aqui é um bom esconderijo" e entrou. Daí, então, sentiu nos pé uns bichinhos peludos miando. Era os filhotes da onça. Não deu nem tempo dele pensar em sair, a onça já tava entrando.

A sorte foi que o tronco era meio justo e a onça entrou de ré pra ficar esperta no que se passava no lado de

fora. No instinto do medo, cumpade Frauzino juntou no pé do rabo da onça e soltou um grito... Onça sua diaba... No susto, a onça saiu do tronco parecendo a rolha da champanhe.

Ela ficou doida atrás dele e ele picou a mula denovo. Na fuga, chegou numa estrada onde tinha muita areia fofa. Resolveu deitar num buraco e puxar areia pra cima dele, ficando só com o nariz de fora. A onça, sentindo o cheiro dele, procurou, mas não achava ele. A onça continuava a procurar meu cumpade e, de tanto rodear ali procurando, a onça cansou e sentou. Só que sentou em cima do nariz do cumpade. Com aquilo, aquele trem fedido, meu cumpade deu um espirro tão medonho que a onça assusto e zarpou correndo mundo afora. E de tão assustada, deve estar correndo até hoje...

56 - O pé de chuchu

Meu cumpadi Frauzino morava numa fazenda e lá criava umas vaquinhas, uns porcos e tali coisa. Num belo dia, o camarada que trabaia com ele lá deu uma notícia não tão boa pro cumpadi Frauzino. Falou pro Frauzino que tinha acabado de morrer uma de suas vacas.

Frauzino nem se preocupou, pois o leite tava tão ruim de preço. Enfim, no outro dia, o camarada tornou a dizer que outra vaca tinha morrido. Frauzino preocupado resolveu ir até o local do crime e não viu nada de diferente com a vaca.

No dia seguinte, o camarada chegou com outra notícia de que mais uma vaca tinha morrido. Dessa vez o cumpadi Frauzino não deixou passar, ficou a noite inteira vigiando. Foi quando descobriu o mistério.

É que quando as vacas vinham pro curral ainda de madrugada pra fazer a ordenha, elas deitavam debaixo de

um pé de chuchu que tinha lá. Como o chuchu era muito grande, ele não aguentava o seu peso e caía direto na cabeça de uma das vacas que ali estavam, e ali elas morriam.

Depois de o chuchu ter caído, os porcos vinham e comiam o chuchu, não deixando nenhum rastro. Daí não aparecia o dono da arte e nunca ninguém ia descobrir. Mas o Frauzino descobriu!!! Essa história é verídica!!! Ou será que não???

57 - A grande pescaria

Certo dia, eu e o cumpadi Toin (Antônio) fomos pescar no rio Miranda. Era umas seis da tarde, cabemo o serviço, tomemo um tererê e fomos nós dois pra beira do rio.

Chegando lá, tirei as tralhas da charrete e armei a vara com uma isca de minhoca. Foi uma trabalhadeira espetar a minhoca no anzol. Marrei um pedaço de sacolinha na vivente. Quando espetei a bichinha, foi um alívio. Joguei o anzol na água e já fisguei logo uma piapara, e o cumpadi Toin também fisgando uns lobós e uns bagres.

Quando, de repente, a vara do Toin afundou de uma vez só. Ele ficou doido. A vara zunia e o Toin corria pra tirar o bicho da água. Nós tava até com um pouco de medo, pois o bicho não punha a cara pra fora pra gente ver o que era que o Toin tinha pego.

Esta luta demorou umas quatro horas. Toin já tava quase morto de tanto brigar com o bicho. Quando ele conseguiu tirar pra fora da água, vocês não acreditam no que foi que o Toin tinha pescado!

Era uma lata de óleo de cozinha, de 20 litros. Alguém jogou lá, mas a lata tinha um furico em riba da tampa e encheu de água, por isso tava pesada daquele jeito.

Tiramos a lata da água e jogamos pra fora e nós fomos pescar outra vez. Quando, de repente, um barulhão atrás de nós. Assustamo e fomos ver o que era. Vocês não vão acreditar em nós...

Era a lata pulando prum lado e pro outro. O Toin achou que a lata era assombrada. Fomos chegando pertinho, pulamos os dois em cima e agarramos a lata. Eu tinha um canivete bão de corte, desses de capar bezerro. Passei a mão no barretão e comecei a abrir a lata...

Vocês não vão acreditar de novo no que tinha dentro da lata...

Era um dourado de uns 10 quilos. Ele deve ter entrado fiotinho pelo buraco da tampa e não conseguiu sair mais. E foi crescendo lá dentro. E não é mentira, não. Tenho até hoje a lata e o canivete.

58 - Mimosa

Eu e o cumpade Frauzino somos gente da roça. Vizinho desde criança, fazemos tudo o que tem que fazer junto. Nós não separamos por nada. Caipira bom que nós somos, já amanhecemos o dia proseando.

Aconteceu um certo dia, quando nós tiráva o leite de madrugada, um fato que me assustou e também assustou toda a vizinhança. Eu tirando leite e o cumpade também, um dum lado do curral e o outro do outro lado. De repente, o cumpade puxou uma teima.

Ele falou: "Cumpade Olegário!... Minha vaca é mais leiteira que a sua..."

Falei: "Duvido, cumpade. Eu tenho uma vaca, a Mimosa, que eu nunca falei nem mostrei o leite dela pra

ninguém. Ela é muito leiteira, vou amarrar ela agora. O cumpade tá me desafiando, eu vou te mostrar o leite dela."

Marrei a vaca, pus o bezerrão pra apoiar, pra descer o leite, e o cumpade proseando, arrastando papo. Juntei o balde no meio das perna e comecei a arrastar o creme. Pra não aguentar aquele conversê do cumpade, eu puxei outros causos e tale coisa. Intirtido, munhecona travada nas tetas da vaca, era só leite que jorrava.

Quando foi umas horas, conversa vai, conversa vem, percebi que o cumpade tava muito quieto. Mas naquela escuridão danada, continuei a arrastar o creme. Quando eu vi que tava proseando sozinho, fiquei furioso.

Fiquei de pé pra dar um xingo nele. Olha, vocês não acreditam e vão até se assustar. Não é que eu, intirtido, não percebi e o balde encheu tanto que transbordou, vazou o leite e escorreu, passando pelo cumpade e levando ele, coitado, ladeira abaixo com aquele frio, molhou o coitado todinho. Larguei mão do leite e corri pra salvar meu amigo. Mas vaca leiteira igual a Mimosa, nunca vi. Acabei nem medindo o leite dela, mas sei que melhor não existe, pode existir igual.

59 - O leiteiro

Eu tenho um cumpanheiro que é leiteiro e mora lá pras banda da Cohab. Pois bem, nosso leiteiro começava sua labuta cedo, lá pelas três da manhã. Como a cidade aqui é pequena, pelas quatro e meia, tudo estava pronto. Madrugada fria de mês de junho. Nosso amigo leiteiro saiu pra entregar o leite e arresorve parar bem do lado do cemitério, contra vontade, é claro, para arrumar uma correia da arreata do animal que tava sorta. Cenário assombroso, com aquela neblina esfumada e fantasmagórica cobrindo tudo.

E por coincidência, no dia anterior, tinha morrido um senhor de idade e o coveiro arresorveu preparar a sepultura de madrugada pra adiantar o serviço. De repente, um frio cortante percorre as costas do leiteiro, sai lá da nuca e vai descendo até alcançar os dedos dos pés. Uma coruja voa de uma árvore pra outra e solta aquele pio congelante. Um urutau responde lá pelas bandas do córrego do canhadão. Quando ele se preparava pra continuar, veio o pior: de cima do muro do cemitério, uma voz pastosa e fria gritou pra ele:

— Ei, leiteiro, deixe um litro de leite aqui pra mim!

Pobre do Donizete! Aí o tremor foi total. Tentou gritar, mas a voz não saiu. Sentiu um líquido quente escorrer pelas pernas abaixo, a língua se enrolou e os dentes se travaram. Engoliu a seco. Refez-se e deu rédeas ao cavalo como nunca ele tinha feito. O desespero foi tamanho que, como o cavalo estava indo devagar demais, ele saltou do carrinho e correu a pé. Dizem que correu até a chácara do Edigar, uns cinco quilômetros pra frente la na linha do canhadão, sem olhar para trás. Pra destravar os dentes foi preciso os préstimos de um doutô e muita oração. Seus cabelos ficaram como os de uma vassoura de piaçava.

E lá no cemitério, o coveiro coçava o queixo e dizia pra ele mesmo:

— Que que será que aconteceu com Donizete? Eu só queria um litro de leite, caramba...

60 - O jipe e o cavalo

Um belo sábado amanheceu ensolarado e, junto com ele, a certeza de que o passeio seria inesquecível. Um companheiro meu, o Geraldo, não titubeou: tirou o seu jipe Aero Willys 51 da garagem e, mesmo sozinho, saiu em busca da paisagem mais bonita. Sem rumo certo, pegou

uma estradinha de chão batido lá pras banda do Panambi e se pôs a caminho. O velho jipe estava trincando de tão bonito e Geraldo, que sempre o manteve na linha, seguia confiante.

De repente, o motor apaga e o carro para próximo a uma porteira caída aos pedaços. O que teria acontecido? Sozinho, sem entender nada de mecânica e supersticioso por demais, Gerardo tenta várias vezes funcionar o motor do velho jipe e, diante de uma situação desesperadora, sua imaginação já começa a amedrontar ele. Depois de várias tentativas sem nenhum resultado e com arrepios por toda a parte do corpo, Gerardo escuta uma voz que falava assim:

— Olha o cabo de vela! Rapaiz...

Se a situação já tava desesperadora, ficou ainda pior depois que Gerardo escutou aquelas palavras. Gerardo olhou para um lado, olhou pro outro e nada, não viu ninguém.

— Olha o cabo de vela — repetiu a voz.

Nesse momento, Gerardo, que já estava quase que urinando nas calças de tanto medo, cria coragem e sai do carro, abre o capô... e não é que lá estava o cabo de vela caído mesmo pro lado. Em fração de segundos, Gerardo coloca o cabo de vela no lugar, entra no jipe e dá a partida. O motor funciona na primeira. Gerardo não quis nem saber mais do passeio e rumô de volta pra casa.

Quando ele passou por perto de uma venda na beira da estrada, Gerardo parou o jipe, salta e corre até o balcão pedindo um copo de água. O vendeiro, intrigado com aquilo, pergunta o que aconteceu e Gerardo conta em detalhes. Quando ele falou que seu jipe tinha parado próximo a uma porteira velha e tale coisa, o vendeiro pergunta se Gerardo tinha visto algum cavalo próximo à cerca. Gerardo confirma que realmente, naquele momento,

um cavalo preto estava pastando ali, bem perto dele. O vendeiro logo diz:

— Haaa... tá explicado ! Sorte a sua, seu Geraldo, ainda bem que era o cavalo preto que estava por perto, pois o branco não entende nada de jipe!

61 - Noite de sábado na fazenda

Aconteceu numa noite de sábado. Meu pai, naquela época ainda solteiro, namorava com a minha mãe que morava numa fazenda ao lado. Pra chegar até o outro lado, ele precisava passar numa pinguela que cortava um riachozinho.

Naquela noite, o tempo estava chuvoso, tudo invernado, mas ele não podia deixar de ir na casa da namorada. Pois bem! Ele não se conteve, tirou as botinas, arregaçou as calças e partiu pra casa da noiva.

Ele tinha que percorrer um caminho de uma légua, mais ou menos seis quilômetros. Saiu pelo caminho e quando chegou perto do córrego, tava tudo alagado, a água passando por cima da ponte. Foi quando ele pensou: E agora, como é que eu faço pra achar a pinguela?

Olhou pra um lado, olhou pro outro, e nesse momento avistou por cima da água um tronco que dava até o outro lado. Ele não pensou duas vezes, se equilibrou ali em cima e atravessou.

Na volta as águas tinha baixado e ele percebeu que a pinguela não era naquele lugar, ficava uns duzentos metros pra baixo. Ele deu uma analisada direito e percebeu que tinha passado mesmo era em cima de uma sucuri gigante, que pra aquelas bandas tinha muitas!

62 - O rato bitelo

Cumpadi, deixa eu te contá um causo que aconteceu comigo. Um dia desses, um cumpadi meu o João Pedro que tem uma chácara ali na linha do canhadão, chegou lá em casa, todo aperriado, pedindo socorro pra uns “arranca-toco” que tava limpando o paiol dele. Tavam roubando milho que nem água! Já tinham sumido mais de quarenta saco, sô! Desse jeito, ia faltá milho até pras galinha! E olha que o milho dele era graúdo que dava gosto, cada grão parecia uma uva, uma vez pesei uma espiga, deu mais de um quilo e meio, pra você vê!

Pois bem, combinemo de fazê uma tocaia lá perto do paiol. Eu fiquei com a lanterna na mão, de butuca, e chamei o compade Arialdo pra ajudar nós nessa empreitada, ele levou uma espingarda cartucheira que ele tinha lá, pronto pra dá um susto nos ladrão. Lá pelas tantas da noite, quando deu mais ou menos meia-noite, escutamos uns barulho estranho. Corremos pra ver o que era e ... rapaiz... juro que, eu não acredito em assombração, mas o saco de milho, que devia pesar uns sessenta quilo, tava andando sozinho!!

Corremos mais perto pra ver se era ladrão ou coisa do outro mundo. O cumpadi Arialdo tava com a espingarda apontada, só esperando eu iluminar o saco. Na hora que a luz bateu no saco, meu coração quase saiu pela boca!... Juro!... Ninguém acredita quando eu conto, mas nós vimos com nossos próprios olhos: eram dois rato, uns bitelo, carregando o saco de milho! Uns bicho de mais de metro de altura por um metro e meio de comprimento! Rapaiz, nunca vi uns rato daquele tamanho na minha vida, uai! Parecia dois bezerro!

Na mesma hora, eu, Arialdo e o João Pedro demos no pé dali, sem olhar nem pra trás! Imagina só se aqueles rato

resolvessem vir pra nossa direção! Num ia sobrar ninguém pra contá a história, sô! Ia virá virado no siri na lagoa.

63 - O tamanho do tatu

Ô, cumpadi, vou te contá um causo do cumpadi Frauzino, daqueles que ele jura de pé junto que aconteceu mesmo, viu? Mas cada um acredita no que quer, né? Pois o cumpadi contava que, quando era moço, era caçador de mão cheia. Ninguém juntava mais carne que ele na banha do pilão, a não ser que matasse uma vaca inteira ou um porco cevado. Uma noite daquelas de lua prateada, ele se animou de ir caçá tatu. Atrelou os cachorro, encilhou o petiço, e se mandou pro mato adentro.

Lá pelas tantas, tava ele lá, meio cabisbaixo, porque a caçada tava mais fraca que caldo de batata. Nem sinal de bicho, só um zorrilho fedorento que deixou os cachorro cheirando mal por uns três dias. Já tinha bebido até a última gota d'água da moringa – água que passarinho não bebe mesmo – quando o cachorro dele, um Americano Urrador daqueles de dar inveja em qualquer guaipeca de araque, latiu pra um bicho que tinha entrado na toca. Frauzino, sem paciência, puxou o cachorro pelo rabo, xingando ele, e começou a cavar com uma cavadeira pra tirar o tatu de lá. Daqui a pouco, o Canastra, escapuliu por outra entrada da toca e saiu disparado.

O cumpadi Frauzino, que era ligeiro que nem um raio, pulou no petiço, e o cavalinho disparou atrás do cachorro. Acontece que, nessa hora, ele já tava meio grogue e tinha perdido as ferramenta de caça. Sem pensar duas vezes, resolveu laçar o bicho com seu laço de seis tentos. Dito e feito, atirou o laço certo e acertou em cheio! Só que o tatu, teimoso que só ele, entrou de novo na toca, levando

o laço junto. Aí o cumpadi, esperto que era, chinchou o bicho, e o petiço, valente que só a gota, esticou as pernas e ficou ali, firme e forte, enquanto o cumpadi voltava pra pegar a cavadeira pra desentocar o tatu.

Diz ele que, quando voltou, ficou com dó do petiço, coitado, que tinha sido arrastado pelo laço e só tava com as orelhinhas de fora da toca. Sem perder tempo, começou a cavar e, depois de muito esforço, achou o tatu lá embaixo, uns dez metro de profundidade, mais ou menos. Soltoou o laço, pegou o tatu – que já tava meio amassadinho, tadinho – e voltou pra casa.

E pra quem duvida dessa história, pode ir lá pras bandas da fazenda veia, que o seu Fernando até pediu o casco do tatu pro cumpadi Frauzino pra fazer cobertura na espera onde eles tratava dos porco do mato! Ficou chique demais! E também pode ir lá na Fazenda Esperança, que o cumpadi Jacinto usou o resto do tatu pra fazer uma cobertura pro tanque da cumadi Almerinda, lá perto do córrego! Ficou bunitim também!

64 - Caçada de rã

Eu e um amigo meu já falecido, que Deus o tenha, resolvemo ir caçá rã num brejo pertinho de casa. Tava um calor daqueles, anoitecendo, clima bão pra caçada de rã. Começamo a caçada, eu dum lado dum riachinho e ele do outro, lá no canhadão. Cada um com sua lanterna e fisga, e pra guardá as rãs, uma sacolinha daquelas de mercado mesmo, sem muita frescura. De repente, avistei uma rãnzona daquelas, biteluda mesmo, e gritei pro cumpadi do outro lado:

“Ô cumpadi, tem uma bitela aqui! Vô fisgá ela!”.

Dito e feito, *craw*, fisquei a bichinha e taquei na sacola.

Andei mais uns metro e, quando dei meia volta, lá tava outra! Gritei de novo: “Cumpadi, aqui o negócio tá bom demais, sô! Achei outra!”.

E *craw* de novo! Mais uma pra sacola. Num demorou muito, achei outra bitela e *craw* outra vez! Meu amigo já tava encucado, porque não achava nem sinal de rã e eu já tinha “pescado” três bitelonas. Falei pra ele:

“Vem cá procê vê, cumpadi! Aqui tá cheio! Dá uma olhada na minha sacola! Já peguei três!”.

Quando abri a sacola, que surpresa! Só tinha uma rã, tadinha, toda furada pela fisga. Falei pro cumpadi:

“Uai, cumpadi, só tem uma aqui!”.

Aí, examinando melhor a rã, vi que a pobrezinha tava toda esburacada. Rapaz, num é que a sacolinha tava furada no fundo? Acontece que eu tava fisingando a mesma rã umas três vezes! Quando meu amigo viu aquilo, caiu na gargalhada, riu que se acabou! Aposto que tá rindo lá no céu até hoje! Na hora, ele só conseguiu dizer:

“E eu que tava quase indo aí pra esse lado pra pegá alguma!”.

E continuava rindo sem parar. Vai sê caçador de rã assim lá nas alturas, sô!

65 - O administrador de fazenda e o "tar de trem"

Cumpadi Antonho era administrador de fazenda, daqueles que entende do riscado, sabe? Homem de confiança do dono, que cuida de tudo enquanto o fazendeiro tá na cidade, gastando o dinheiro ou resolvendo outros banzés. É uma responsabilidade danada ser administrador, viu? Pois bem, um fazendeiro lá pras

bandas de Maracaju tinha contratado o cumpadi Antonho pra ser o novo administrador e já foi dando o recado:

“Seu Antonho, como o sinhô tá vendo, minha fazenda é cortada por uma estrada de ferro. O negócio é o sinhô ficar de olho vivo pra esse trem não atropelar a boiada. Quando o trem passar, quero ver todo o gado recolhido no curral, pra depois soltar de novo no pasto. Entendeu?”

“Sim, sinhô! Pode dexá cumigo que esse trem danado não encosta um dedo nos bicho do sinhô!”

O problema é que o cumpadi Antonho nunca tinha lidado com essa história de trem e gado. Era a primeira vez dele na função. Mas, enfim, depois das recomendações, o fazendeiro pegou o rumo da cidade e só voltou um mês depois. Chegando na fazenda, a notícia: dez cabeça de gado tinham virado pasto pro trem! O fazendeiro, vermelho de raiva, chamou o cumpadi Antonho e já foi logo dando um chega pra lá:

“Seu Antonho, eu não avisei pro sinhô tomar cuidado com o trem? Como é que o sinhô deixou acontecer isso, homem de Deus?!”

Aí o cumpadi Antonho, sem perder a pose, respondeu:

“Ô, seu coroné, o trem matou dez cabeça, não é mesmo? Pois então, eu vou dizer uma coisa pro sinhô: o sinhô teve foi muita sorte, sorte daquelas! Sabe por quê? É que o trem veio de frente, assim, compridão. Se ele tivesse vindo de banda, de lado, tinha passado a máquina em toda a boiada! Aí ia ser um estrago dos grande, sô!”

O fazendeiro só balançou a cabeça... e pensou: ‘esse não tem jeito não!’

66 - Caçador de onça

Ô, cumpadi, deixa eu te contá um causo que aconteceu aqui por essas banda há muito tempo atrás. Tinha tanta onça que dava até medo de sai de casa à noite. E tinha uma onça danada, sô, que tava fazendo a limpa nos bezerro do fazendeiro aqui perto, tava virando um prejuízo danado! O fazendeiro, desesperado, ofereceu trezentos contos pra quem desse cabo nessa onça. Aí, aparece um cumpadi meu, magrinho que só ele, de chinelo de dedo, chapéu de palha e mais umas roupa meio esquisita. Chegou pro fazendeiro e falou:

"Patrão, deixa comigo que eu resolvo esse problema da onça!".

O fazendeiro, meio desconfiado, mas sem muita opção, falô:

"Tá valendo cumpanheiro, se ocê pegar a onça, os trezentos conto é seu!".

Lá se foi o cumpadi, faceiro que só vendo, mata adentro. De repente, dá de cara com a onça pintada, bicho bonito, mas perigoso que só a gota! O cumpadi, sem pensar duas vezes, virou as costa e correu que nem se o coisa ruim tivesse atrás dele. A onça, é claro, veio atrás, naquela correria de "pega não pega". O fazendeiro, sentado na varanda, tomando um cafezinho, vê aquela cena: o cumpadi correndo e a onça atrás, quase alcançando ele.

Na hora H, quando a onça já tava quase dando o bote, adivinha o que acontece? O cumpadi tropeça numa pedra e cai de cara no chão! A onça, que vinha embalada, voa por cima dele e cai de fuça no terreiro, bem na porta do fazendeiro. O cumpadi, mais ligeiro que um foguete, levanta rapidinho, aponta pro bicho caído e grita pro fazendeiro: "Segura essa aí, patrão, que eu já tô indo atrás da mãe dela!".

Eita cumpadi esperto, sô! Saiu de herói sem querer querendo!

67 - A caminhonete de Frauzino

Eita, rapaziada, tô aqui moído de cansaço por causa da trabalhadeira que tive ontem pra lavá a caminhonete do cumpadi Frauzino! Uai, véi! Tá mexendo com lavador de carro agora? Queria eu que fosse só isso, sô! Foi um estrago dos bão!

“Nossa, Olegário, conta aí! Acidente com o sinhô?”

Que nada, mininu! Foi com o bode!

“Com o bode, Seu Olegário? Não tô entendendo é nada!”

Calma, moço, já vô contá tudinho, que cêis vão vê só! Pois num é que ontem peguei a caminhonete do cumpadi Frauzino pra ir lá pras banda de Jardim buscá a mudança do cumpadi Ludovico? Chegando lá, carreguei a mudança na bichona, ficou até com a carroceria arriada! Aí o cumpadi Ludovico vem e fala que eu tinha que trazê o bode de estimação dele! Vai vendo, mininu! Como não tinha mais lugar na carroceria, amarrei o bicho foi em cima da cabine mesmo!

“Ô, Seu Olegário, que judiação!”

Pois é, mininu, aguenta firme que a história é boa! Cê conhece aquela serra de Maracajú lá, né? Pois então, taquei uma banguela na caminhonete que ela pegou uma velocidade mais ligeira que o chute do Roberto Carlos da seleção! De repente, escuto um estouro... BOOOOOOOM!

“Ixi, véi, já sei! A caminhonete não aguentou o peso da mudança e estourou um pneu!”

Queria eu que fosse só isso, sô! Aí num tinha virado a lambança que virou!

“Mas o que foi, então, Seu Olegário?”

Rapaz... a banguela foi tão forte, mas tão forte, que o bode, lá em cima da cabine, abriu o bocão pra berrá... e num é que o bicho explodiu?!

68 - Cavalo bão

Meu avô sempre teve cavalo bão, mas iguarzinho o Ventania, sô, nunca mais vai tê outro, não sinhô! O cavalo era bão mesmo, de dar gosto.

Um belo dia, meu avô resolveu ir inté na fazenda do cumpadi dele, Seu Genésio. Selou o Ventania e lá foram eles, sem mais nem menos. Chegando lá, o cumpadi apeou do Ventania, deu água pro bicho e depois amarrou ele num pé de eucalipto que tinha por lá. E ficaram proseando – proseia daqui, proseia dali, quando meu avô se deu conta, já tava quase de noite e uma tempestade daquelas tava se armando pras bandas de lá. Meu avô então botou na cabeça de vortar pra casa. Montou no Ventania e vieram num galope só, que nem oiava pra trais.

Quando chegou em casa, meu avô desceu do Ventania e, sem mais nem menos, o cavalo tombou. E caiu seco, estirado no chão, coitado. Meu avô então correu e chamou o veterinário. Chegando lá, o veterinário disse pro meu avô:

"Escuta aqui, seu moço, o sinhô teve uma sorte danada. Pelo que tô vendo aqui, esse seu cavalo já bateu as botas faz umas duas horas e o sinhô chegou aqui só no embalo da carreira dele."

Esse cavalo era ligeiro mesmo, viu? Tô falando, sô!

69 - Os dois caipiras e a onça

Cumpade Zé o Tonho, eram dois cumpanheiro que aproveitavam as horas de folga na fazenda lá onde eles morava para caçar em uma pequena mata que tinha sobrado lá na propriedade. Munidos de velhas espingardas, vez ou outra eles entravam no mato á procura de algum veado, capivara, paca, ou coisa assim. Certa vez estavam no mato seguindo a trilha deixada por um veado, quando de repente surgiu na frente dos dois uma onça. espantado e de boca aberta. Nós olhava pra onça tremendo de medo, porque por mais que nós dois nunca tivessem ouvido falar que naquele mato tinha onça, e não é que nós tinham se deparado com uma. Vencendo o medo, o Tonho percebendo que a onça olhava pra nós dois e começou a se movimentar na nossa direção já falou:

— COMPADRE do céu, essa espingarda véia de um tiro só num pode faiar agora, senão tâmo perdido.

E ele movimentou a velha espingarda, mirou na onça e atirou. Quando percebeu que devido seu nervosismo tinha errado, o tiro, desesperado gritou para o compadre.

— Manda bala Zé pelo amor de Deus porque eu errei.

E mais nervoso que o Tonho o Zé também atirou e errou. Os dois olharam um pro outro e vendo que a onça continuava caminhando para dar o bote neles, jogaram as espingardas na direção da onça e saíram correndo desesperados gritando:

— Ai Jesus, salva nós.

Até que em determinado momento, olhando para trás e vendo que a onça corria atrás deles se aproximando cada vez mais e fatalmente alcançaria eles, o Tonho com cara de choro se dirigindo ao Zé disse:

— Não adianta compadre, estamos perdidos, nunca que nós vai correr mais que a onça. Zé então respondeu:

— Olha compadre, o senhor sabe que eu nunca fui um homem mentiroso, e não seria agora nesse momento de aflição que eu ia menti pra você. O Tonho com cara de espanto perguntou:

— Ué compadre, claro que sei disso, mas... porque isso agora?

E o Zé apertando o passo para fugir da onça que já fungava no cangote dos dois desabafou:

— É que nessa altura dos acontecimentos, eu não estou preocupado em correr mais do que a onça não, estou mesmo preocupado é em correr mais que você O TONHO. E você que se vire com a onça, daí eu vou tá é longe!!!

70 - Veneno pra matar cupim

Isto aconteceu a uns 60 anos atrás no distrito de Vila Rica, na época pertencente ao município de Fátima do Sul. A população estava sofrendo, pois na região estava tendo uma infestação de cupins. Um homem, aproveitando-se da situação inventou um "veneno pra matar cupim". Pegava tijolo, moía e colocava em saquinhos e saía vendendo dizendo que aquele era o melhor veneno pra acabar com a tal praga. Vendeu todo o seu estoque de "veneno", não deu pra quem quis, ficou no máximo uns 15 dias na Vila e sumiu sem dar notícias. Passados uns 10 anos o tal vendedor resolveu dar uma passada na Vila Rica imaginando que ninguém o reconheceria, mais se engano. Quando ele apeou do seu cavalo, foi tomar uma água na venda do seu José e levou um baita susto, pois alguns moradores tinha reconhecido ele.

Foi aquele atropelo, pois os moradores foram pra cima dele querendo explicação pelo acontecido senão levariam ele pra pracinha pra ser linchado.

E o vendedor não perdeu tempo, foi logo se explicando e lançou uma pergunta ao povo:

— Como é que vocês aplicaram o veneno?

Um dos moradores falou:

— Simples, abri o pacote e fui colocando os montinhos do veneno nas estroncas e cantos da casa.

Rápido e rasteiro o vendedor já foi falando:

— Tá tudo errado!... Vocês tinha que ter feito o seguinte: reunido os cupins da casa, coloca-los em fila, pegar uma colher de café e dar o veneno na boquinha deles, até encher a barriguinha e apertar matando cada um com a unha.

E foi desta forma que o tal vendedor de veneno pra matar cupim se entendeu com os moradores daquela vila.

Se não acredita, pergunta pro finado meu avô

71 - Vaca atleta!

Tinha um caipira indo pela estrada de terra, puxando sua vaquinha de leite, naquele passinho, beeemmm devagarinho! Aí parou um rapaz da cidade num vectra e perguntou uma informação. O caipira respondeu e disse:- Já que o sinhô vai pra cidade, e tá fartando uns 20 quilômetros pra chegá, não qué me dar uma carona?

O rapaz falou:

— Pra você eu dou, mas e a vaca?

O caipira:

— Num tem pobrema, é só amarrá a Malhada no para-choque do carro, e ela acumpanha nós!

O rapaiz:

— Que é isso? Você acha que essa vaca acompanha êsse carro?

O caipira:

— Pode amarrá, moço, eu garanto!

O rapaiz da cidade não quis teimar com o caipira e amarrou a vaquinha no para-choque do carro e começaram a viagem.

O carro começou a correr a 20 Km por hora, o rapaz olhou no retrovisor e a vaca estava acompanhando o carro. Ele pôs o carro a 40 Km por hora e a vaca continuou a acompanhar o carro. Aí o rapaiz, que não estava entendendo nada, enfezou e pensou:

— Vou colocar 80 Km por hora pra ver essa vaca, se é possível que ela vai me acompanhar!”

Quando o carro estava a 80 Km por hora, o rapaiz olhou na retrovisor e disse pro caipira:

— A sua vaca está com a língua pra fora, e agora?

O caipira falou:

— Pra que lado tá a língua?

O rapaz:

— Pra esquerda.

Aí o caipira falou pro rapaz sem olhar pra trás:

— Então cê encosta, que ela qué passá!

É MOLE?

72 - Pescador pesca tamanduá e surubim

Aconteceu que num feriado prolongado eu e meu cumpade Toninho nós saímos para pescar ali no Rio Brilhante.

Chegando lá armemos o acampamento fizemos uma feijoada, tomamos esquentinha o peito e tale coisa, até ai tudo bem.

O meu Cumpade Toninho arresolveu pescar de linha, e já colocou a isca e a lançô... mais lançô com tanta força que a isca atingiu a outra margem do rio, e enquanto esperava o peixe físgá o Cumpade Toninho acabou dormindo ali mesmo na barranca do rio.

Enquanto dormia as formigas ajuntou na isca comendo e tentando carregar, foi aí que apareceu um tamanduá faminto e engoliu a isca, pensando que só era formiga.

Quando o tamanduá percebeu que estava físgado, começou a se debatê e caiu no rio, com isto o meu cumpadi acordou assustado e começou a gritar que tinha pegado um enorme dum peixe.

Aí foi aquela algazarra, todos nós corremos lá pra ajudar ele a puxar aquele enorme peixe, que era muito valente por sinal, e lutava como ninguém, só que o tamanduá naquela aflição no fundo do rio, quase morrendo afogado, apalpando tudo o que aparecia pela frente dele, acabou abraçando com um enorme dum surubim pensando que era a raiz de um pau, agarro e não soltou mais.

Depois de muita luta conseguimos retirar o peixe da água, mas até o momento não conseguia imaginar que era possível pescar um tamanduá e um surubim numa única linha, prá você vê, como são as coisas hem!

É desse jeito.

73 - Cachorro biguá

Presta bastante atenção. Tem um cumpade aqui (TOINHO) que tem um cachorro que chama biguá

Antigamente Toinho gostava muito de pesca lambari, aqueles zoio de fogo que tava pestiado no Rio Santa Maria.

Então ele acabou desenvolvendo uma massa especial para pesca lambari, ele fazia uma mistura de farinha de trigo com leite de cabra com dois ovo de pata e uns dois dedinho de açúcar que era pra da liga na massa... Pegava o biguá, o cachorrinho dele, lambuzava ele todinho de massa e jogava o pobre no rio, a massa ficava tão grudenta que na hora que o peixe ia mordê, eles ficava tudo grudado, e tinha tanto lambari que cada pelo do biguá saia um lambari grudado.

Só pro ceis tê uma ideia, hora que o biguá balangava para saí a água caía por baixo por baixo uns 200 lambari, o cumpade pegava tanto lambari que o biguá já tava ficando sem pelo.

Mas isso eu aposto que o ceis já tinha ouvido fala.

Mais o que o ceis precisava vê mesmo foi a esperteza do biguá, que já tava cansado de tanto pulá no rio que ele arrumo uma peruca pro cumpade lambuza e joga no rio.

Agora o cumpade lambuza a peruca amarra uma linha no rabo do biguá e joga no rio quando ele percebe que já tá cheio de lambari ele da uma latida e o Toinho já sabe que tá feita a pescada, mais se o ceis não acredita e só liga pro Toinho... ou tenta fazê a massa né!!!

74 - Matei duas onça com um tiro só

Tenho um amigo que gosta muito de caçar e volta e meia ele me aparece com uma história nova e olha que a gente tem tudo para acreditar nele.

Dia destes chegou contando mais uma de suas façanhas que foi mais ou menos assim: Saí para caçar capivara lá no pé do morro onde passa o riacho das antas e levei póca munição. Pensei cá comigo: - Vô levá só treis

bala. Posso errá duas, mas as treis eu num erro. Aí eu trago uma capivarona prá passá a semana cumeno carne assada.

Andei a parte da manhã todinha e arresorvi dá um tirozinho à toa. Gastei uma bala e fiquei cum duas na certeza de matá uma capivara se aparecesse. E ia aparecer.

E o pior é que um cabocro já tinham me falado que por aquelas bandas tinha onça também, mais cumo nunca acriditei nisso, andava tranquilo pensando em achá era uma bela duma capivara, gorda e ruliça.

Já tava mei chatiado pur num achá nenhuma inté aquelas hora e dei mais um tiro pra cima. Inda tinha uma bala. Já num podia errá mais, quando eu visse uma capivarona.

Num foi nada não, moço! Fui andando já mei que vortano prá casa e depois de um grotão parei escutando um rosnado atraiz de mim. Fui virando divagá, cum a cartuchera na mão cum uma bala só na aguia e quando cabei de virá, fiquei gelado: Duas cavalas de onça parada oianho pra mim cum cara de fome. Aí eu pensei depressa: Corrê num vai dá, tava muito perto. Se eu atirá, eu posso matá uma e a outra mi pega. Ficava oiando prelas e elas pra mim só analisando. As bichas rosnava que fazia medo de oiá... e olha que eu sô corajoso em. Lembrei dum canivete que tinha no borço e sem perder tempo, tirei o bichinho e abri bem devagar a apoiando o corte na ponta do cano a espingarda e fiz mira bem caprichada e rastei o dedo no gatilho. Foi aquele estrondo... bummmm....! um barui medonho e quando a fumacinha foi acabano, lá estava as duas bichonas isticada. Cada uma com um buraco na garganta?

Tem gente que não acredita nessa história, mas o meu amigo não é de mentir e afirma que ela é a pura verdade.

75 - Caçada de pomba

Seu Nico, sapateiro de profissão e caçador fanático de pomba, certa vez saiu de sua casa até um sítio perto da cidade para fazer sua caçada como de costume.

Chegando lá na paiada de milho debaixo de uma grande árvore seca fez a sua choça (cabana de galhos para se esconder) pra esperar as pombas, depois de mais ou menos umas cinco horas de espera e de ter errado diversos tiros.

De repente veio em sua direção uma revoada de pombas que tinha mais ou menos umas 40 pombas.

Seu Nico ficou desesperado quando viu as aves sentando na árvore onde tinha feito sua choça e ao começar carregar a sua espingarda pica pau (espingarda que é carregada pela boca do cano).

Pois bem colocou a espoleta, a porva, a bucha, e socou para dar pressão na porva e na hora de colocar o chumbo notou que tinha acabado o chumbo que ele tinha trazido, desesperado seu Nico não queria perder a chance de abater algumas aves, colocou a mão no bolso e encontrou tachinhas de sola de sapato, umas 40, não teve dúvidas enfiou as tachinhas mesmo no cano da espingarda, colocou a bucha de vedação e disparou, para surpresa do caçador com o barulho do disparo nenhuma das pombas se assustou ficando tudo paradinha ali no galho.

Passado cinco minutos seu Nico cismado saiu de dentro da choça e chaqualhou a árvore e se espantou quando viu que as aves não se mexiam, subiu até a copa e notou que o tiro que tinha disparado com as tachinhas tinha pregado as pomba no galho que elas tinha pousado, Nico não teve nem dificuldade para colher as pombas, colhia como se fossem frutas, colocando uma por uma no seu bernal.

ACONTECIDO...

76 - Mula zebrada

— Cumpade FRAUZINO!!! Ô cumpade FRAUZINO!!! Era o coroné Justino berrano feito um cão raivoso e babando de raiva, na frente do portão da casa do cumpade FRAUZINO. Daí o cumpade FRAUZINO saiu meio assustado e perguntô:

— Que é, coroné? Que berrera é essa?

— Óia só o que fizeram com a minha mulinha Branca de Neve?! Pintaram ela de zebra. Quero sabê quem foi o fio duma égua que fez isso pra minha mulinha.

— Cruz credo, coroné!!! Mas que judiação, que maldade! A coitadinha tá com os óio triste, parece inté tá percebendo o que fizeram com ela.

— Será que num foi o Zuzinha, cumpade FRAUZINO? O seu rapazinho é virado no avesso de arteiro.

— Foi Zuzinha não, coroné Justino. Porque já faz uma semana que o guri tá com a mãe na casa do avô, lá pras banda do Arraiá da Picadinha. Mais faz o seguinte coroné: acabei de chegá da venda do Lalá e o pessoal tava lá morrendo de rir com alguma marvadeza que algum deles ando fazendo na noite passada. É mió o sinhô perguntá por lá, tá bom? Lá se foi o coroné, ou como dizem por aqui, o coroné Justino pra venda do Lalá pra vê se descobria o dono da marvadeza. Já chegou na frente da venda berrando. Feito cão raivoso. Babando de réiva.

— Quero sabê quem foi o desavergonhado e atrevido que fez isso pra minha mulinha Branca de Neve. Quero sabê se tem home aqui que é capaz de dizê que foi êle!!!

Nisso se alevanta o Tonelada, uns cem quilo de músculo, dentes à mostra, branco dos óio que inté cintila, retinto não... aquelas coisa:

— Fui eu, coroné!!! Fui eu que pinteí a Branca de Neve desse jeito!!! Vai encará??? O que ocê tá quereno? E o coroné Justino abaixô a voz, se acalmô e arrespondeu pro Tonelada:

— Não tô querendo muita coisa não, Tonelada. Eu só queria sabê quando que ocê vai passá a segunda mão na pintura...

77 - Mentira de cumpadi

Quem é que nunca ouviu uma mentirinha? De caçador? Ou de pescador? Se falar que não conhece, quem tá mentindo é o dito-cujo. Eu, como gosto muito de contar causos e cousas, tenho na cachola um montão de causos. E dos bão mesmo! Por exemplo, quero contar pros ceis do cumpadi Frauzino que nunca fica sozinho, pois quando ele começava a desfiar das suas presepadas, arrodia de candango, pois as histórias eram de arrepiar qualquer cristão. Mas deixa eu contá pros ceis mais uma das suas proezas:

Vinha ele montado no seu cavalo alazão, que pra andar três légua era mió que quarquê artomóve. De repente, começou uns trovejo (trovões) e uns relâmpio que anunciavam uma tempestade maió do que essas que aconteceu lá em Santa Catarina. Os raio começaram a riscar no céu e vinha batê bem pertinho de nós, dizia o cumpadi Frauzino. Pensa que ele tinha medo? Ele já tinha visto coisa muito pior. E o cavalo dele? Continuava na sua marchinha de ôreia arribitada pra cima. Passava cada raio de dez metro encostando nas costa dele, relando na cacunda que

fazia inté cóska. A chuva estorô que parecia um barde d'água revirado na cabeça deles. Inté que o Frauzino parô perto dum corguinho pra descansá. Só aí que o cumpadi Frauzino foi percebe que tava amuntado só na metade da frente do cavalo. Num é que um raio grandão tinha cortado o cavalo dele no meio! E ele nem percebeu, nem reclamô. Ficou com dó e vortô pra móde encontrá a outra metade do cavalo. Tava lá a outra metade do cavalo caída no meio da estrada. Pegô, ajuntô uma metade na outra metade, e imendô as duas parte. Mas num ficou tão bão não. Intão o cumpadi Frauzino cortô um pouco de cipó e reforçô a operação.

Aí eu perguntei pro cumpadi Frauzino se daí tinha ficado bão. "Pois foi aí que me disse que agora sim que o trem ficou bão mesmo, cumpade. Os cipó que eu amarrei tava meio verde ainda, criou uns brotuêjo, formô um carramanchão pru riba da minha cabeça. E aquele cipó foi criando uns ramos e foi nascendo umas foiage, e se que sabe duma coisa?! Eu terminei a viagem galopando na sombra!" E Frauzino veio...

78 - Cachorro esperto

Este causo aconteceu no interior de Minas. Dois cumpadre, um caçador e o outro pescador, saíram para uma caçada. Conversa vai, conversa vem, um dos cumpadre, o pescador, contando uma de suas histórias disse:

— Cumpadre, eu tava pescando ontem quando, de repente, puxei a linha. Rapaiz cê acredita que era um dourado duns 20 kg. Briguei um tempão com ele até conseguir tirar o danado d'água. Quando fui limpar, cê nem imagina o que tinha dentro.

- O que que era, cumpade???
- Rapaz... Tinha um curimba de 7 kg dentro dele.
Assustado, o cumpade respondeu:
 - Isso num é nada. Vim caçar outro dia e trouxe aquele cachorro, o Tomate, o mió perdiguero da região. Ele levantou uma perdiz, ela voou, eu atirei.
 - Errou – disse o cumpade.
 - Que isso! Acertei foi em cheio, só que ela caiu dentro do rio. Falei pro Tomate buscar... pega!!! Ele correu e pulou no rio. De repente, ele boiou e saiu com um dourado na boca.
 - Mas e a perdiz?!
 - Aí é que tá! Quando fui limpar o peixão no que eu abri ele, cê nem imagina o que tava lá dentro.
 - O que?
 - A perdiz uai...

79 - A espingarda turbinada

Depois vocês falam que o Veio Olegário é que conta mentira. Escuta só essa que o meu cumpade Zé veio contando pra mim. Esses dia ele chegou e já foi falando assim pra mim: “Cumpade, estou voltando duma caçada e tô muito cansado.” Nesse saco aqui eu tenho mais ou menos umas 78 codorninha que cacei em menos de 5 minutos com minha espingardinha de carregar pela boca. Cê precisa vê! No primeiro tiro que eu dei numa codorninha, as outra se assustaro e levantaro voo, e eu fui só derrubando uma atrás da outra, depois só fui colocando elas no saco...

Fiquei só assuntando aquela conversa fiada do cumpade Zé, e ele ali, sério... Mas eu num aguentei não e falei pra ele: “Cê tá é com lorota, cumpade...” A sua

espingardinha não é daquelas de carregar pá boca, um tiro só de cada vez???

Ele falou: “É essa dita cuja mesmo....Então..... Mas quem disse que dava tempo de recarregá? As codorninha levantaro voo tudo duma vez só....”

80 – Rio Torto

Um velho pescador da cidadezinha de Rio Torto contando a um pesquisador de uma universidade famosa sobre a origem do nome da cidade.

– Ele disse: Foi nos tempos em que nosso riozinho dava peixe grande; meu tataravô saiu de manhã bem cedinho, antes de raiar o sol. Lá pelas tantas, ele sentiu o puxão, tão forte que quase arrancô o braço do meu tataravô. Sentindo o tamanho do bitelo, ele começou a puxar; puxava, puxava e não conseguia tirar o bitelo.

– Nossa!!! – falou o pesquisador.

– Daí continuou o pescador:

Foi quando meu tataravô avistou um homem a cavalo que passava e chamou ele para ajudar

– Ah, aí sim... dois homens ia consegui tirar o danado né ? – disse o pesquisador.

– Que nada... Passado 01 hora e nada..., chincharraram o cavalo na vara..., mais 01 hora e..., nada.

(O pesquisador já estava olhando torto)

– Cansados os três, o home que tava a cavalo lembrou que tinha visto um agricultor arando a sua lavoura e disse: "Aguenta aí que eu vou falar com ele e vê se ele empresta o trator pra nós..."

O pesquisador, já querendo chamar o pescador de mentiroso, falou:

– Ah! Aí tiraram o bitelo então, né???

E o matuto respondeu: — Tirar não tiraram, mas que entortaram o rio, entortaram!!!

81 - O melhor caçador

Lá pras banda do sítio do João Pedro, ali no canhadão, tem lá um vizinho, um home caprichoso. Esse home tem o dom de treiná animais, cavalos, éguas, cachorro e outros. E como naquela região tem muito tatu, só que cê sabe que pegá tatu no mato não é muito fácil, não! Só com a ajuda dum cachorro bem treinado. E o cumpade Arialdo, vizinho do João Pedro, costumava emprestá um cachorro que ele tinha lá, que era o melhor caçador de tatu da região.

Pois bem, um dia o João Pedro me convidou pra mode nós ir caçá tatu e pediu o cachorro do Arialdo emprestado, que já emprestou com muito orgulho. Saímos logo cedo, pois o tatu era pro almoço. O tal do cachorro já saiu correndo na frente e entrou mata adentro, e nós atrás do bicho. Acompanhando, mas depois de muito andá, num é que perdemos o cachorro de vista! Chamemos umas par de vez, demos tiro pra cima, porque o bicho era muito treinado, não perdia um tatu de maneira nenhuma. O cachorro não aparecia e já tava escurecendo, tava marcando chuva e, se chovesse, num tinha quem subisse o carreador do João Pedro, o trem era mais liso que quiabo. Resolvemos vortá pra casa muito sem jeito, pois o Arialdo tava esperando dois bichos na nossa volta: o cachorro dele, é claro, e um tatu de presente. E nós num tinha nem um nem outro. O jeito era falá o ocorrido pro Arialdo o dono do cachorro, e até pensamos que ele ia ficá bravo com nós, mas isso não aconteceu, não. Ele falou pra nós não se preocupá, não, que o cachorro vorta sozinho, pode deixar.

Depois de uns trinta dia, nós encontramos o Arialdo, o dono do cachorro, e ele falou pra nós: “Olha, o cachorro não vortô, não!!! Mas eu tô treinando um melhor ainda e, se vocês quiserem fazer um teste, eu empresto.” E lá fomos nós de novo. E não é que, depois de caminhar por umas duas horas mata adentro, encontramos o esqueleto do cachorro na boca de um buraco num barranco? E o pior é que dentro do buraco tinha também um esqueleto do tatu! O bicho perdeu a vida, mas não perdeu o tatu... Esse era caçador mesmo!!!

82 - A visita do secretário de educação

Vou te contá um causo que aconteceu comigo a muitos anos atraiz quando a gente ainda estudava O causo foi o seguinte: Naquele tempo o Manezinho da farmácia era o mais estudioso da turma. Certa vez, o colégio foi visitado por um tár de Secretário de Educação que nunca tinha passado por estas bandas.

Nóis tinha cabado de merenda quando ele chegou e foi visitar as crasse. Quando ele chegou na nossa crasse, tava todo mundo quietim...

O professor, seu Anastácio da dona Nêga, disse que se nós fizesse um barulin só, a parmatória ia cantar doida...

O tár Secretário, antão, arresorveu fazê uma pergunta e escolheu justamente o Manezinho. Ele virou prele e perguntou: - Me diga, meu filho, quem botou fogo em Roma?

O pobre do Manezinho, pêgo de surpresa, começou a chorar e disse para o Secretário:

— "Seu" Secretário, eu juro que não fui eu!!!! Não fui eu!!! Não fui eu!!!

E chorava que nem bezerro desmamado...

O Secretário vendo aquela cena, virou-se pro "Seu" Anastácio e falou:

— Professor, eu não acredito no que estou ouvindo!!!!

Seu Anastácio começou a suar frio e disse pro o Secretário:

— Sr. Secretário, esse menino não é de mentir... Se fosse outro, eu ainda podia duvidar, mas eu boto a mão no fogo que o Manezinho tá falando a verdade...

O Secretário balançou a cabeça e falou!!!

— Chamem o Diretor do colégio aqui, imediatamente!!!

Veio o Diretor, "Seu" Bento Carneiro. Após se inteirar do ocorrido, "Seu" Bento disse para o Secretário:

— Sr. Secretário, o Sr. pode ficar tranquilo, pois eu conheço a família desse garoto.

São todos gente de bem. Se ele disse que não foi ele, o Sr. pode acreditar sem medo, pois ele não é disso. E para encerrar o caso, o Sr. pode dizer quanto foi o prejuízo, que eu pago!!!

83 - Pescaria do barulho

Um belo final de semana, eu e mais uns cumpanheiro de pesca fomos lá pras banda do Rio Brilhante. Já na chegada, eu e mais o cumpade Frauzino decidimos colocá o barco na água e partir pra uma breve pescaria, e os outros dois ficaram arrumando as traíais.

Pois bem, o tempo foi passando e nada de peixe, até que puxei a minha linha pra vê se tinha isca ainda e o trem foi ficando pesado, foi ficando pesado, aí dei um puxão mais forte e escutei um baruío forte... Bummm!... Dei outro puxão e Bummm de novo e vim recolhendo a linha pra ver

o que era, até que o trem chegou na minha mão. Era uma arma de fogo, um revólver 38 que tava dentro do rio, o anzol tinha enroscado bem no gatilho dele e cada puxão que eu dava era um tiro que saía. Ficamos foi assustado com aquele aranzel e resolvemos foi jogá aquele revólver fora pra não criar confusão.

Foi então que decidimos vortá pro rancho, e quando nós tava vortando imhora na descida do rio foi aí que aconteceu o inexplicável: encontramos dois dourado duns 15 quilos cada um, morto, cada um com um tiro de 38 na cabeça... boiando na flor da água. Juntemos os bicho, coloquemos no barco e viemos embora... He he.

Depois dessa, decidimos não contá pra ninguém pra não passá por pescado mentiroso.... Te juro!

84 - Relógio danado de bom

Certa vez, saímos para dar uma caçada lá nas bandas do Carumbé, naquele tempo ainda tinha por lá uma mata fechada que fica nos arredores da Vila. Embrenhamos na mata atrás de uma Paca, ficamos na tocaia à espera da danada, quando o meu amigo Galdino, furioso, virou pra mim e disse: “Olegário, perdi o meu relógio, relógio de estimação, um Omega ferradura, herança de meu avô.” Ficamos um tempão lá e não achamos nada. Irritados, pegamos nossas traíás e fomos embora.

Sete anos depois, vortemo na mesma mata, eu e o Galdino, nós vortemos para uma nova caçada naquela mata do Carumbé. Embrenharam mata adentro e ficamos na tocaia da danada paca. Naquele silêncio total, quando começaram a ouvir um tic-tac, tic-tac, quando, de repente, olharam para cima e viram um relógio pendurado pela corrente a uns 10 metros de altura na ponta de uma árvore.

Quando o Galdino subiu na árvore e pegou o relógio, logo viu que era o seu relógio de estimação. Aí que ele ligou os fatos: o relógio havia agarrado num arbusto e ficou pendurado. O arbusto cresceu, virando uma enorme árvore, e com a árvore, o seu relógio de estimação. E o relógio tava trabaiano ainda! Era um relógio automático e o vento balançava ele e dava corda. Eta relóginho bão, sô...

85 - Pescando com grão de milho

Foi num desses domingo, aresolvi dá uma pescadinha. Acordei bem de manhã, fazia um frio de lascá. Era lá pelas bandas do Rio Santa Maria. Logo que cheguei, já fui pegando a vara, iscando um grão de milho e já mandei. Eu tava meio que com sono e não reparei que o anzorl garranchou num capinzeiro atrás de onde eu tava pescando, e eu achando que o anzor tava na água, quieto ali fiquei.

Num é que, daí a pouco, vi a vara puxando e pensei: "É um dos bons!". Num tive dúvida, mandei uma fisgada. Se eu conta, cêis num vai acreditá, pois quem pegou o milho foi uma pomba juriti. No arranque que eu dei, ela caiu na água e aí a coisa entornou de vez: um lasca de um dourado duns vinte quilo agarrou na pomba.

Quando vi aquilo, dei outra fisgada pra traz, ainda com mais força ainda. Aí vocês nem imagina: uma capivara ia passando atrás de mim e levou uma varada na cabeça e já caiu morta ali mesmo. Vou falar uma coisa pro cêis: foi a maior pescaria que eu já fiz! Uma juriti, um dourado de vinte quilo e uma capivarona que pesava, por baixo, por baixo, uns setenta quilo, tudo só com um grão de milho!

86 - Olhei para cima e...

Meu avô sempre viveu na roça, era um caipira mesmo. Muito simples, sempre de bem com a vida, tanto que nos finais de semana nós sempre se reunia (filhos, netos e amigos) na "casa da roça", como ele mesmo dizia, sob a luz de lamparinas para ouvir as histórias do meu avô. A família dele morou uns tempos lá em São Joaquim, lá pras bandas do Rio Grande do Sul, e quero contar algumas dessas histórias para vocês. Em uma delas, meu avô contava que, nos anos 50, quando tinha vinte, vinte e dois anos por aí, precisava buscar uma boiada na fazenda de um compadre, a umas 10 léguas de distância.

Então, levantou bem cedo, mas o burro estava empacado e não saía de jeito nenhum. Meu avô, então, resolveu arriá o cavalo mesmo e pensou que, quando o cavalo estivesse muito cansado, ele continuaria a viagem a pé (afinal, os cavalos não conseguem andar por longas distâncias). Isso aconteceu no inverno e estava muito frio. Meu avô dizia que olhava para os pastos e estava tudo branco, coberto de neve. Mas, mesmo assim, ele seguiu viagem e, passando um pouco da metade do caminho, o cavalo já estava muito cansado. O caminho estava coberto de neve e ele, de repente, avistou uma cruzinha no caminho e pensou: "Mas que cruz é esta no meio do caminho? Vou apeiar do cavalo e amarrar ele aqui nessa cruz." Meu avô assim fez e continuou o caminho a pé.

Na volta, já uns três dias depois, estava sol e a neve já tinha se derretido toda. Mais ou menos na metade do caminho, meu avô pensou: "Mas eu tinha deixado meu cavalo aqui em uma cruz. Será que roubaram meu cavalo?! E ainda por cima levaram também a cruz?!" Continuou a viagem de volta e, um pouco depois, pensou: "É, foi aqui mesmo que eu deixei meu cavalo, mas onde ele está?" Meu

avô terminou de contar essa história dizendo: "Eu olhava para todo lado e não achava o bendito cavalo até que olhei pra cima e vi meu cavalo pendurado lá em cima na cruz de uma Igreja." Eeee, deu foi trabalho pra tirar o pobre animal lá de cima!

87 - Pasto meu

Um cumpadi meu mora num sitiozinho distante da correria das cidade grande. É o Seu Juca. Caipira esperto, vivido, mas que não gostava muito do povo da cidade, porque todas as vezes que o pessoal da cidade ia pros sítios vizinho, aprontavam maior algazarra

Numa tardizinha o cumpade Juca tava sentado debaixo de uma antiga figueira de seu sítio, admirava de olhos cheios uma linda criação de ovelhas que ele tinha lá.

Olha de lado e vê um rapaz, com pinta de empresário, bem apresentado se aproximando que vai logo perguntano....

— Quanto que é que vale essas ovelhas aí?-

O Cumpade pergunta:

— Quar as preta ou as branca?

— Ah! Tanto faz, as brancas?...

— Oia, as branca é sessenta.

O rapaiz pergunta:

— E as pretas?

— As preta tumbém.

E a carne delas é boa?...

— Quar das branca o das preta ?...

— Das brancas.

— AHHH das branca é boa...

— Mas e das pretas?

— Das preta tumbém.

O rapaz já irritado pergunta mais uma vez:

— Qual que é a melhor para engordá?...

— Sê qué sabe das branca ou as preta?

A pra mim tanto faz tudo que eu te pergunto das brancas você fala.

— Das preta tumbém...

— Num é seu moço, eu te prergunto e por móde que as branca são minha!!!!...

— Mas e as pretas?

— As preta tumbém.

88 - As 10 onça

Meu pai sempre foi caçador de onça.

E ele tinha portanto muitos causo assombroso sobre a marvada.

O causo que vô contá, aconteceu quando ele tinha 17anos.

Um dia ele acismou de caça, era de tardinha, quando ele parou de frente dum barranco muito arto, e viu lá em cima uma onça.

Como ele tava cuma ispingardinha dessas de carregá pá boca, aí ele carregô ela e deu um tiro,..... a marvada sumiu.

Intão ele esperô mais um bocado pra confiri a morte da bichona.

No que ele ia saindo pra vê a bixona, ela apareceu de novo, ele carrega outra vez a espingarda e dispara outro tiro,..... a bicha some de novo.

Ele esperou mais uns 30 minuto e aí apareceu ôtra onça ele carregou de novo e deu otro tiro,e ela desapareceu de novo lá encima do barranco.

E assim foi ate que na décima vez que ela apareceu, meu pai já tava cum as pórva acabano.

Ele, ele carregô a espingarda e compretô cum sal e disparou traveis.

A onça tornô a sumi. Ele espero umas 2 hora e nada da bichona aparece, aí ele foi lá encima confiri.....Subiu lá no barranco e foi aí que ele teve uma surpresa,ele tinha matado era 10 onça.

89 - Churrasco do Juvenal

Uma vez eu fui convidado prum churrasco na casa dum cumpade meu, o Juvenal. Nós tava tudo acomodado no quintal da casa do Juvenal, nas mesas e cadeiras que o Juvenal tinha alugado pra ocasião. Nós ali, ôiano pra churrasqueira cheia de carne assando, ainda meio desconfiado de tamanha fartura, pois o cumpade Juvenal tinha a fama de ser munheca, num gostava de gastar muito, não. Pois bem, quando de repente a cumade Zefinha, que tava lá também, deu um grito:

— Aíiiii, é um sapo! E apontou com o dedo prum canto perto da churrasqueira. O Juvenal, rapidinho, pegou o sapo com as mão e jogou ele por cima do muro, dizendo:

— Com terreno vazio na redondeza, é comum ter sapo por aqui. Enquanto alguém dava um copo d'água pra cumade Zefinha, que se assustô, e o Juvenal lavava as mão pra de novo mexer com as carne, o pessoal comentava a respeito do sapo, com o zóio fixo na churrasqueira, esperando começá a sê servido o churrasco. Até que, finalmente, o Juvenal cortou uns bife tirado da churrasqueira e jogou os pedaço dentro duma travessa que tirou dum armarinho. E enquanto ia pras mesa, dizia:

— Prepara o bucho, moçada, que lá vai carne! Mas chegando na primeira mesa, que era justamente a da cumade Zefinha, assim que ele ia começá a servi, de repente os pedaço de carne começaram a saltá da travessa e pulá pra tudo quanto é lado no meio do pessoal. Zefinha, ligeiro, gritou desesperada antes de desmaiá:

— O Juvenal, esse "mão de vaca", tá servino pra nós é carne de sapo!

Aquilo foi um burburinho só, a algazarra começou com palavrão, depois virou discussão. Num dando chance pro coitado do cumpade Juvenal tentá explicá, o pessoal ofendeu, humilhou e até mesmo deu uns empurrão e sopapo no coitado do cumpade Juvenal.

Depois de muito tumulto e alguém consolando o coitado do Juvenal, que chorava debruçado numa das pouca mesa que ainda tava em pé, eu arresolvi investiga aquela situação. Aconteceu que o cumpade Juvenal se esqueceu de lavá a travessa que tava guardada num armarinho perto da churrasqueira, e como tinha uns grilo dentro dela, que deviam ter vindo dos muito terreno vazio que tinha lá por perto, assim que foi jogada a carne quente na travessa, a carne grudou na costa dos grilo e eles, sentindo o calor, saíram pulando desesperado. Pra tudo tem uma explicação.

90 - O muquirana

O causo que eu vô contá aconteceu mesmo comigo, envolvendo meu cumpade Zeca. Embora sendo meu cumpade, além de muito mintiroso, como já falei pros ceis, ele possui uma outra particularidade que o ceis não conhecem, mas é bom o ceis sabe, porque se por um acaso o ceis um dia for convidados por ele pra um almoço ou uma

festa, cuidado. O ceis podem cair numa esparrela. Esse meu cumpade tem fama de muquirana, munheca e mão de vaca, de pão duro, mas nem eu sabia que chegava a tanto. Acontece que outro dia ele chamou eu e mais uns cumpanheiro meu que nós é costumado a cantar junto – nós forma uma duprinha sertaneja, só pro gasto, e é aí que tá a vantagem. Sabendo disso, ele nos convidou pra um almoço na casa dele, mas cuma única intenção de que nós fosse cantá na festa de casamento da fia dele de graça, na faixa, pra pagá o almoço. Chegamo lá, adivinhe o que tinha na mesa? Arroz, feijão e salada de serralha. Eu pensei cá com meus botões, vermelho de vergonha do meu cumpanheiro:

— Será que num vai pintá nem um bifizinho? Foi quando a muié dele, a Dona Léia, gritou lá da cozinha: – Zeca, já pode levá o frango pra mesa? E ele arrespondeu:

— Ainda não, ainda é cedo. Passada mais meia hora, a Dona Léia gritou de novo:

— Já posso levá o frango, Zeca?

— Ainda não, espere mais um pouco!

Quando ele pensou que nós já tinha acabado de comê, afinal de contas já passava do meio-dia, e ele achou que nós já tava sastifeito, ele gritou pra Dona Léia:

— Agora ocê já pode trazê o frango, Léinha! E eu pensei: “Brincadeira... até que enfim, porque eu só comi o necessário pra tampá o buraco do dente, esperando esse mardito frango.”

Quando me sai lá da cozinha a Dona Léia cum frango *vivo* nas mão, e pôs ele em riba da mesa pra cumê os farelo que ficaram na mesa! Durma com esse barulho, e ainda ele pensa que nós vamo cantá de graça na festa da fia dele. Vá esperando sentado, seu muquirana...

91 - O colecionador de cavalos

Um fazendeiro, cumpade meu, colecionava cavalo e só faltava uma certa espécie que ele ainda não tinha conseguido. Um certo dia, ele descobriu que o seu vizinho tinha desse tipo de cavalo. Assim, ele atazanou tanto o seu vizinho até conseguir comprá o cavalo dele.

Um mês depois, o cavalo adoeceu e não teve jeito, ele teve que chamá o veterinário. O veterinário chegou e já foi logo vê o cavalo e falô:

— Bem, seu cavalo tá com uma virose, precisa tomá este remédio durante três dia. No terceiro dia eu vorto aqui e, se caso ele não tiver melhor, vai sê preciso sacrificá o bicho.

Neste momento, o único porco que o fazendeiro tinha escutava toda a conversa. No dia seguinte, deram o remédio e foram embora. O porco se aproximou do cavalo e falô:

— Força, amigão! Levanta daí, senão cê vai sê sacrificado!

Mas o cavalo num se animou muito, não. No segundo dia, deram o remédio e foram embora. O porco se aproximou do cavalo dinovo e disse:

— Vamo lá, amigão, levanta senão cê vai morrê! Vamo lá, eu te ajudo a levantá... Upa! Um, dois, três...

O cavalo começou a se levantá, mas, vencido pelo cansaço, capotou dinovo. No terceiro dia, deram o remédio e o veterinário falô:

— Infelizmente, vamo tê que sacrificá ele amanhã, pois a virose pode contaminá os outro cavalo.

Quando foram embora, o porco se aproximou do cavalo dinovo e falô outra vez:

— Cara, é agora ou nunca, levanta logo! Coragem! Upa! Upa! Isso, devagar! Num desista! Num desista!

Ótimo, vamo, um, dois, três, legal, legal, agora mais depressa, vai... Fantástico! Corre, corre mais! É isso aí! Cê venceu, campeão!

Então, de repente, o dono chegou, viu o cavalo correndo no campo como ele nunca tinha visto e gritou, muito contente:

— Milagre, milagre! O cavalo melhorou! Isso merece uma festa! E chamô os pião da fazenda e falô.... Matem o porco...vamos festá !!!!

92 - O vendedor e os ovos

Um vendedor pracista, desses viajante acostumado a visitá uma cidadezinha do interior e ficava hospedado sempre no mesmo hotelzinho, um dia ele chegou por volta das 10 horas da noite e a cidade tava em festa. Foi logo pro hotelzinho e a dona do hotel informou que tava lotado e que não tinha nenhum quarto disponível. Depois de muito insistir, conseguiram um lugarzinho na dispensa, onde dava pra armá uma rede. Foi quando ele perguntou o que tinha pra comê e foi informado que o jantar, como acontece nas cidade do interior, já tinha sido servido às 6 da tarde e o que tinha era uns ovo cozido, mais precisamente uns 50. Daí ele falô:

— Vai esse mesmo.

Perguntou se tinha farinha, foi informado que tinha... e pediu uns dois quilo e começou a comê. Quando já tinha comido uns 30 ovo e mais ou menos um quilo de farinha, o marido da dona do hotel começou a falá baixinho no ouvido da muiê:

— Esse cara vai morrê do jeito que tá comendo, não chega de manhã.

Foi quando o vendedor disse que já tinha acabado, tinha comido os 50 ovo e toda a farinha e pediu água pra bebê. Bebeu mais ou menos um litro e foi durmi. A dona do hotel e o marido também foram deitá e, por volta das 2 horas da madrugada, foi quando ouviram um gemido. E esse gemido vinha da dispensa. Eles correram até lá, chegando bateram na porta e tornaram a escutá o gemido:

— Ai... Ai... Ai...

A dona do hotel perguntou:

— Moço, o senhor tá passando mal?

E tornou a ouvi:

— Ai... Ai... Ai...

O marido da dona do hotel falô:

— Acho que o viajante tá morrendo, eu não falei pro cê!

A dona do hotel perguntou de novo:

— Moço, o senhor quer um chá?

Foi quando se ouviu a resposta:

—Só se for com biscoito, que tô morrendo é de fome!

93 - O Corisco (trovão enroscado)

O tema da conversa daquela roda de amigos era chuva. Naquele final de tarde, na barbearia do Tônico, cada um dava sua opinião. O Sidnei dizia que o ano seria bom de chuva, porque tinha visto a boca de um formigueiro muito alta, era sinal de muita água. Outro dizia que tinha pescado uma curimatã tão ovada que mais da metade do seu peso era só de ovo, o que significava que ia haver correnteza. Enfim, cada frequentador da barbearia dava sua opinião sobre o período chuvoso que se aproximava. Zezinho Cantor, caçador, pescador e contador de causos, que só

escutava aquela conversa mole, resolveu tecê seu comentário:

“Eu num gosto muito de falá de chuva, porque no período chuvoso aqui na nossa região, as chuva são muito violenta. Raio, corisco, trovão e muito relâmpago. Falando nisso, acabei de me lembá que semana passada eu tava na minha rede, só *de olho* na distância que aquela chuva tava no poente. Quando dava o relâmpago, eu contava quantos segundo demorava pra escutá o trovão. Fiquei assim, fazendo as conta e a chuva se aproximando, até começá a chovê. Agora, o que me encabulô foi que, quando começou a caí os primeiro pingo, deu o maior relâmpago da noite e eu tapei até os ouvido esperando aquele baruião do trovão e nada! Fiquei um bom tempo assistindo, deitado na minha rede, a chuva, e escutando e esperando o baruiio, e nada do trovão acontecê, até que adormeci. Quando foi de manhã, eu me levantei pra espiá pro mundo e vi num galho da mangueira do quintal lá de casa uma bola igualzinha a uma bexiga de festa de menino, sendo que da cor de alumínio. Meu nego, eu não lhe conto! Pois bem, não é que eu inventei de cutucá aquela bola com um cabo de vassoura e não é que a bicha explodiu?! Foi o maior baruião que já ouvi na minha vida! Tinha sido o bendito do trovão da noite anterior que tinha ficado enganchado nos galho da mangueira lá de casa. Inté hoje ainda tô moquim dos ouvido!”

94 - O vento

Numa tarde dessas, eu arresolvi visitá o meu cumpade Frauzino. Arriei a minha mula baia e saí cortando as estrada e cheguei lá no rancho do cumpade Frauzino já no finzinho da tarde. Depois de cumprimentá meu

cumpade, sentemo ali nós dois na varanda pra mode tomá um tereré caprichado e punhá os causo em dia. E a cunversa vai, cunversa vem, nessa tuada nós ficamo conversando inté tarde e quando arresolvi vortá já era tarde da noite. Montei na mula e vinha vortando pra casa num trote só, pois a minha mula é marchadeira que só vendo, e nós já ia longe pela estrada quando arresolvi acendê um paiero. Mas como tava um vento de lascá, tive que virá a mula pra trás pra podê botá fogo na ponta do pito e, com muita dificuldade, eu consegui acendê o danado. E com ele aceso, eu chucheí as espora na mula que já saiu marchando pra frente.

Se eu contá pra vocês, cês num vão acreditá: eu fui percebê, quando cheguei de novo no rancho do Frauzino, aconteceu que, quando virei a mula pra acendê o pito, eu esqueci de desvirá ela pra trás. Depois, eu nem percebi que tava indo de novo invés de vortá. Cheguei lá de novo no rancho do cumpade Frauzino, e ele falô:

— Uai, cumpade Olegário, que aconteceu?

Falei pra ele:

— Liga não, cumpade, é que o trem atrapaiô ali... Já tô vortando.

95 - Pescando com pernilongos

Era fim de outono, durante o dia aquele sol forte, fim da tarde começa aquele ventinho, começa esfriar, muda completamente a temperatura, e foi num dia mais ou menos anssim que eu e o FRAUZINO resolvemos pescá lá perto do seu rancho, num corguinho perto do rio Sta Maria. Descemos até a beira do corguinho e começamos os preparativos, acendemos até uma fogueira.

Lava isca daqui, prepara isca dali, e já começaram os borrachudo os pernilongo, mesmo a gente estando perto da fogueira, era tapa pra todo lado, a gente não aguentava mais.

Foi aí que vimos perto da gente uns sacos de adubo, sabe aqueles sacos de plástico grosso.

O que fizemos pegamos alguns e se enrolemos neles, o que serviu pra proteger a gente dos pernilongos e pra esquentar um pouco e continuamos a pescaria.

Aquele silêncio profundo, tudo quietinho à espera de um peixe... de repente uns barulhinhos bem baixinho bem do nosso lado: SSSSSSS!!!!!!!!!! Parava... sssssssss... parava... sssssssss...!!! E aquele barulho tava encabulando nós

Levantemos devagarinho pra ver se descobria o que era aquilo, fomos ver o que era. O que num vai acreditar !!

Os pernilongos iam até a fogueira, esquentava o ferrão.

E vinha voando até nós para furar os sacos plásticos pra picar a gente

Já não se fazem mais sacos de adubo como antigamente...

Haja saco!!!!!!!!

96 - Dia de sorte

Dizem por aí que o velho Olegário é meio metido a caçador, e que é o mais sortudo da região. E sô mesmo... Um dia, eu saí com uma cartucheira e um balde, pra, no caso de não achar uma caça, de repente eu poderia tirar uns mé de abelha de alguma colmeia que encontrasse pela mata.

Pois bem... Beirando o rio, que tava quase seco naqueles dias, eu vi, do outro lado, passando atrás de uma

árvore véia, uma paca de uns cinquenta quilo mais ou menos. Ela tava meio atrás da árvore, mas, como eu tinha confiança no poder de força do meu pau de fogo, mirei e rastei o dedo no gatilho. E fez um estrondo e um rombo na árvore! Pra minha surpresa, caiu morta do outro lado a paca e, do rombo da árvore, começou a jorá mel. Não é que eu tinha matado a paca e, na árvore, tinha mel de uma colmeia! Eu atravessei o rio a pé, passando pro outro lado pra pegá as duas caça e senti que as botina tava pesada. E quando eu tirei as bota pra vê por que tava pesada, olha só: em cada uma das botina tinha uma traíra de mais de quatro quilo cada uma. Eu fiquei até assustado com o acontecido e pensei: “É milagre! Vou agradecê ao bom Deus”.

Quando ergui as mão pro céu, não é que, ao fechá os braço, peguei dois pato que tava passando por cima de mim?! Ê, isso é que é caçada de sorte! E num é mentira, não, foi um dia de sorte mesmo.

97 - Isso que é mandioca

Essa história aconteceu de verdade num sítio dum cumpade meu que tinha criação de galinha. Certo dia, no final da tarde, quando meu cumpade Frauzino voltava da lida na roça, foi buscá os ovo das galinha no galinheiro, como fazia todas as tarde.

Frauzino, de repente, viu um buraco *na tela* do galinheiro e se deu por conta que algumas galinha tinha sumido. Com isso, foi à procura delas ao lado do galinheiro, num terreno cheio de mato que ele não limpava fazia um tempo, onde era uma antiga plantação de mandioca.

Procurando pelo mato, ele achou uma galinha embrenhada mato adentro, mas não conseguia achá as

outras, já que eram oito que tinha sumido. Procurando por mais uns instante, ele escutou um barulho que vinha debaixo da terra. Com isso, achou um buraco e, chegando mais perto, percebeu um barulho de galinha lá dentro, mas achou meio estranho, pois galinha não entra em buraco, só se for levada por algum bicho. Então, pegou logo um enxadão e começou a cavá o buraco.

Foi quando, cavando, viu que tinha uma coisa grande debaixo da terra, parecia uma raiz grande de árvore, mas, na verdade, era uma mandioca que ele não tinha colhido e, de tanto tempo ficá plantada, cresceu tanto que as galinhas acharam e começaram a comê e, com isso, cavaram um buraco dentro da mandioca e estavam lá todas as sete galinhas que tinham desaparecido.

Encurtando a história, ele achou todas as galinhas e, ainda por cima, ficou com a mandioca pra ele e pros vizinhos tudo por mais de um mês. Aquilo, sim, que era mandioca!!!!

98 - O pito do pescador

O cumpade Frauzino, certa vez, foi pescá no rio Miranda. Estava ele pescando bem sussegado, fumando seu pito (cachimbo), e já tinha pego uma boa quantia de piapara. De repente, ele escutô um barulho de motor de barco e percebeu que era os guarda florestá. Na mesma hora, Frauzino teve uma ideia: tirou o anzol da linha e amarrou o pito no lugar do anzol, e jogou na água rapidinho. Ficou ali calmo, segurando a vara como se estivesse pescando. Os guarda chegaram, já dando bronca e gritando:

— O senhor tá preso! Não sabe que não pode pescá aqui?

— Sei sim, sinhô, mas eu num tô pescano, não...

— E essa vara na água aí?

Os guarda puxaram a vara e viram o pito no lugar do anzol. Olharam um pro outro e disseram:

— Esse cara é louco, vamo deixá ele quieto aí.

Os guarda foram embora, e o Frauzino guardou o pito, pôs o anzol dinovo e continuou a pescá. Pegou um saco cheio de peixe. Já bem de tardezinha, o Frauzino foi embora com o saco nas costa, a vara na mão e o pito na boca.

Mas, na estradinha de terra, o cumpade Frauzino não esperava por essa: de repente, os mesmos guarda que também iam indo embora deram de cara com o Frauzino. Os guarda viram o saco de peixe e falaram:

— Te pegamo, hein? Não vai dizê que o senhor pegou todo esse peixe com o pito?

E o cumpade, meio sem jeito, disse:

— Óia, seu guarda, co pito eu só peguei mesmo foi vocês, porque os peixe eu peguei co anzó mesmo.

99 - O trem e o Rio Aquidauana

Lá nas entranhas de Maracajú tem uma serra. A famosa serra de Maracajú. No pé da serra, um rio, o Aquidauana. Ladeando esse rio, a estrada de ferro. Bem antes da ponte, a estaçãozinha que desmoronou quase tudo.

Restou o desvio, com as alavancas e trilhos enferrujados. Entre as duas, estaçãozinha e uma ponte e tale coisa...Pois bem, tinha lá um corte no barranco de uns 30 metros e lá vai pedrada. Lá de cima do barranco, o velho Totonho aprecia o movimento dos trens que passam rápido, 20 a 30 km por hora, no máximo uma vez por dia. Totonho não perde um. Ouve o ronco do bicho, tá lá ele, de

cima do barranco, sentado nos carcanhá, pitano, vendo o trem passar... A turma da estrada de ferro resolvero colocar o Totonho pra cuidar do que restou da velha estação. Foram fazer um teste com o veio...

— Totonho, se a ponte do rio Aquidauana cair e o trem tá vindo, o que o senhor faz? — Uai Vô ali e mudo a chave da lavanca do desvio pro trem mudá de rumo e pará, uai!

— E se a chave estiver emperrada?

— Aí arranjo um pano vermeio, vô pra riba da linha e fico abanano.

— Ai o maquinista me vê e pára o trem, uai!

— Mas, Totonho, e se o maquinista não te vê, se estiver cochilando?

— Aí acho que é mais mió eu tê sempre um apito, quem desses de juiz de futebol, e apitá até o maquinista acordá e fazê o trem pará...

Totonho foi ficando agoniado com tanto perguntamento. Doido pra garantir o emprego e ganhar uns trocados.

— Mas, Totonho, e se o trem vier à noite?

— Aí só tem um jeito: eu acendo uma fogueira pro maquinista me vê e grito e pulo até ele pará o trem!...

— Mas, fogueira, Totonho!? E se estiver chovendo?

— Ai, meu Deus!... Aí o recurso é eu tê também uma lanterna e fazê pisca-pisca pro maquinista, uai!...

— Tudo bem, Totonho! Vamos supor agora que você tem a lanterna, mas não tem pilha?... O que você faz?

Totonho entregou os pontos. Desanimou de ganhar o emprego. - Óia, meu amigo, aí num tem jeito não! É muita desgraça prum cristão só. Aí eu chamo a Cota!

— Chama a Cota? Quem é Cota, Totonho?

— Óia, moço, Cota é minha muié. Chamo ela, a gente vai pra riba do barranco, acendo meu paieiro e vamo oiá e

escuitá o trem disgringolá e virá pedaceira, todo espatifado, ali bem dentro do Aquidauana!...

100 - A onça agradecida

Um fazendeiro, depois de perdê muitas cabeça de gado por ataque de uma onça que vivia na redondeza, chamou seu melhor caçador pra dá cabo do bicho, justamente o cumpade Frauzino.

O Frauzino arrumou suas tralha pra caçada, pegou sua espingarda e saiu pelos mato da redondeza à procura do animal. Logo ele já achou as pegada do bicho e começou a seguí o rastro. Quase no final do rastro, ele já avistou uma onça enorme devorando um bicho que tinha acabado de matá.

O Frauzino empunhou sua espingarda e fez mira no bicho. A onça, percebendo sua presença, avançou em sua direção, rosnando e com sua enorme boca aberta. O Frauzino logo deu o tiro, mas falhou. Num momento de desespero, vendo aquele enorme bicho vindo em sua direção, o cumpade Frauzino esticou seu braço pra se defendê.

Por coincidência, o braço do cumpade entrou pela boca da onça, passou pela guela, estômago e chegou até o final do rabo do bicho. O Frauzino, vendo seu braço inteiro dentro da onça, num movimento rápido, segurou o rabo dela e puxou em sua direção. Com esse golpe, a onça foi virada pelo avesso e ficou ali estendida na sua frente.

O cumpade, vendo ali o bichinho indefeso, todo do avesso, com o coração batendo pelo lado de fora bem ali na sua frente, ficou morrendo de pena e falou pra si mesmo:

“Não posso deixá esse bichinho morrê do avesso e indefeso”.

Da mesma forma, ele enfiou seu braço denovo pela boca da onça até chegar no final do seu rabo e, num contragolpe, desvirou a onça do avesso. A onça, agora em seu estado normal, balançou a cabeça pro Frauzino em sinal de agradecimento, enfiou o rabo no meio das perna e saiu andando mata adentro até desaparecê da visão do cumpade Frauzino. Desse dia em diante, nenhuma cabeça de gado mais foi atacada na fazenda. Essa é a tal da onça agradecida.

101 - Papagaio esperto

Certa vez, lá em Fátima do Sul, aqui mesmo no Mato Grosso do Sul, um cumpade meu, que era caçador conhecido por seu José, criava um papagaio desde fiotinho. E ele pôs o nome do papagaio de Frederico.

Todos os dias, o cumpade Zé punha o papagaio na área pra tomá sol, trocava sua água, limpava o puleiro, punha comida... Era uma amizade que ocê precisava vê. Certa feita, o cumpade Zé tava limpando sua espingarda de caçador e, sem querer, a arma disparou. O papagaio levou um susto tão grande que avuô pra longe e o Zé nunca mais teve notícia do pobre do loro. O cumpade ficou muito triste por tê espantado o bichinho. Pobre ave, acostumada a sê bem tratada, com tudo na mão, com semente de girassol fresquinha, com banho de sol toda manhã e tal coisa... Enfim, tudo que um bom animal de estimação merece.

Passado alguns anos, o cumpade Zé preparou sua tralha de caça pra mais uma de suas aventura e foi lá pras banda da Quarta Linha caçá. Em meio ao mato fechado, andando meio curvado pra mode não enroscá nos galho, o

cumpade Zé avistou um papagaio e, de raiva, apontou a espingarda pro papagaio no galho e fez a mira. Quando o papagaio viu que era o alvo daquela poderosa arma, eis que se arrepiou todo, abriu as asas e gritou:

— Não, não atira, não, Zé! Sou eu, o Fredi! Num tá lembrado de mim, não?! Ficou louco? A nossa amizade não vale nada?!

Eeeee papagaio esperto!!!

102 - A caça

Isso aconteceu há muito tempo atrás quando eu mais o Cumpadi Zé lá de Fatima do Sul arresorvemo caça capivara.

Junto nós levemos o coroné nosso cachorro caçador um vira-lata de porte pequeno, nós começamos andar rio abaixo e nada de capivara até que de tanto anda arresorvi parar um pouquinho pra mode de descansa e tirei a bota do pé direito que era pra mode de coça as frieras do pé.

Quando meu cumpade Zé avistou uma capivara... e falou pra eu ficar quieto... e a bicha foi chegando mais pra perto de nós e ele atirou e já gritou dizendo que tinha acertado a danada e antes que a bicha merguiace.

Instiguei o coroné o nosso cachorro caçador:

— Falei pega, pega.

— Era pra ele não deixá a bichona afundá, não teve jeito, de repente a bichona afundou e o coroné que já estava grudado no gangote dela afundou junto.

Eu e meu cumpade corremos até o local pra mode de pega a danada e socorrer o coroné e quando chegemo lá, não achamos foi mais nada, nisso minha bota ficou pra trais por que esqueci de carça a bota de vorta. Rapaiz depois de uns quarenta minutos mais ou menos, a capivara

levanto do rio e saiu correndo rio abaixo e o coroné no cangote da bicha grudado firme sem sortá.

Nois saímo correndo atrás da bicha de novo rio abaixo e como eu tava com um pé descarço pisei num estrepe e o trem enfiou dentro do meu pé, aí a caçada acabou pra nois, a capivara acabou conseguindo fugi.

Chamemo o coroné de vorta fumo imhora pra casa sem caça sem nada, o duro foi durmi a noite com uma baita dor no pé e um barulho esquisito tipo assim bizzzzzzz bizzzzz... levantei bem cedinho pra mode de ir no medico tirar o estrepe do pé - rapaiz ocê precisa de vê o tamanho do estrepe o bicho era grande e o que era pior que aquele baruío que fazia:

Biiiizzzzz, biiiizzzzz que tava me incomodano era a mangagava aquele bizorao preto que tinha dentro do estrepe.

Pura verdade!!!

103 - O contrabando

Eu tinha um amigo que sempre arrumava um jeito de passá a perna na fiscalização. Uma vez, lá tinha um guarda que farejava contrabando a distância. Na hora que ele ia passando com uma moto e um saco bem grande na garupa por um posto de fiscalização. O guarda o parou ele e perguntou:

— O que cê traz aí nesse saco?

O rapaz respondeu:

— É areia, seu guarda!

O guarda não acreditou e pediu pra ele abri o saco. Na hora que ele abriu, era areia mesmo. Intão, o guarda mandou ele seguí em frente.

E assim por diante, todo dia ele passava pelo posto e todo dia o guarda parava ele e sempre era areia.

Certo dia, o guarda, na hora que fiscalizou o saco dinovo e tinha areia, aresolveu perguntá pro rapaz:

— Por favor, eu sou um fiscal de muitos ano de profissão e nunca fui enganado. Me diga o que realmente você contrabandeia. Juro que não vou te prendê.

O rapaz olhou bem nos zóio do guarda e, tendo certeza de que não ia sê preso, falou:

— Sabe o que é seu guarda?... eu contrabandeio é moto!

104 - Plantando braquiária

Os pastos de braquiária lá em São Paulo, onde eu morei por um tempo, eram formados da seguinte maneira:

A gente plantava um alqueire do capim da forma tradicional. Nisso nós já tinha preparado outros 500 arqueire com grade. Em seguida nós aguardava a época das sementera, quando as pombas em bando vinham comer as sementes, daí quando as pombas ficavam com os papos bem cheios, um companheiro espantava elas e nós aguardava elas levantar voo pra nós atira com chumbinho no papo delas. E aí as semente ia vazando pelo furinho do papo e uns 10 trator já vinha atrás enterrando as semente com as grade. É claro que esses trator tinha que ser equipado com faróis, pois a nuvem de pombas era tão grande que tampava o sol.

EEE... era bonito de vê aquela proeza.

105 - Pesqueiro tô à toa

Outro dia encontrei com o cumpade Frauzino, cujo passa tempo favorito dele é pescar. Ele tava me dizendo que já tinha repassado praticamente todos os “Pesque e Pague” da região. E depois de proseá um pouco com ele e especulá sobre as diferença no atendimento, no preço do peixe, e coisa e tal., perguntei pro Frauzino de algum fato curioso que ele viu ou ouviu falá que tinha acontecido num “Pesque e Pague” desses da vida.

Foi então que ele me contou do dia em que ele pescou um tatu.

— Pescou um tatu?! Ocê só pode tá brincano! — disse eu, admirado.

— Nãããooo, Olegário, foi a pura verdade! Tava eu pescando tranquilamente, quando, de repente, fisguei um dourado enorme. Não tive dúvida: depois de conseguí tirá o danado da água, resolvi mandá limpá ele ali mesmo no pesqueiro pra levá ele embora já limpo. Qual não foi minha surpresa quando me avisaram que nos bucho do danado do pacú tinha um tatu inteirinho que ele tinha engolido!

Quando eu ouvi isso, eu, que já tô escolado com essas história de pescador, falei:

— Eu não devia, mas vou perguntá: como que o dourado engoliu o tatu?

E o Frauzino, então, percebendo meu deboche, olhou sério pra mim e falô:

— Acontece que perto do pesqueiro Tô a Toa tem um matinho. Foi o único matinho que sobrou por ali depois que transformaram aquela área, que era inteira de mato, no pesqueiro. E os tatu que sobraram não têm muito espaço pra fugí quando se sentem acuados. E sempre que alguém vê um tatu ali por perto e corre atrás dele, quando não dá tempo dele se escondê no buraco, ele invade o pesqueiro e,

desesperado, se atira dentro dos tanque de peixe. Aí, então, os dourado maiores e mais espertos costumam, com um salto espetacular fora da água, abocanhá eles no alto e engoli.

E, olhando pra mim com cara de poucos amigos, terminou:

— Ocê para de rí cumpade, senão eu munto você na minha charrete e levo você lá pro pessoal do pesqueiro confirmá minha história.

E eu, sem alternativa...

— Tá bom... tá bom, gostei dessa...

É... chique no úrtimo.

106 - Frio de lascá

O cumpade Bolita, da borracharia lá do posto Guaíba, disse que outro dia desses se reuniram ali na borracharia. Tava ele e mais uns cumpanheiro o Marcio, o homi das vassora também, tudo batendo os queixo, pois tava frio demais. Tavam todos eles lá reunido, tomando um chimarrão pra esquentá o peito. Só o Bolita que fingia que era um friozinho à toa. Dizia ele:

“Ocês num conhecem frio! Lá na minha chácara, ali pras banda da fazenda do Clovis Batista, é que faz frio mesmo. Nós tem umas terra lá praquelas banda e, um dia, eu fui tomá conta duns camarada que nós contratamo pra carpí a roça. Eu tinha levado água pra eles lá, só que era numa cuia, aquelas feita de cabaça, a tal da purunga que o povo fala. Pois bem, eu pendurei a purunga num gaio de uma árvore e fui cuidá dos camarada carpino. Mais tarde, quando deu sede na peãozada, que eu fui pegá a água... Rapaz! Quando eu fui pegá a cabaça, a água tinha

congelado e os danado dos cupim tinha comido a purunga e só ficou uma bola de gelo pendurada no gaio da árvore.”

O Marcio, falou: “Eu acredito mesmo, eu já ouvi falá que lá pras banda da fazenda é frio mesmo! Mas eu falo uma coisa procê: aqui no assentamento é mais frio ainda!”

O Bolita já retrucou: “Mais frio do que isso? Eu duvido!

“Pois pode acreditá! Aqui antigamente era mais frio ainda. Em 1960, eu fui fazê umas cobrança pro meu pai e tava muito frio. Fiquei de durmí na casa dum cumpade dele. Cheguei lá, a comadre arrumou uma cama com uns seis coberto e tal coisa.”

O Bolita perguntou: “E daí?”

“Daí que eu falei pra comadre: ‘Me arruma uma lamparina que eu não consigo durmí sem lê um pouquinho’. Ela não tinha lamparina, mas me trouxe uma vela, e eu fiquei ali lendo o livro até o sono chegá. O sono chegou e eu deixei o livro de lado e soprei a vela pra durmí. Num apagô! Soprei de novo e nada! Aí que eu levei a mão pra apagá ela com os dedo, foi quando eu descobri que a chama da vela tinha congelado... Eita frio de pêga!

107 - Rio Santa Maria

Por volta dos anos 70, aqui o Rio Santa Maria era uma beleza de rio. O cumpade Haroldo, acostumado a pescá e nadá neste rio, uma vez acordou cedo, como sempre fazia. Pegou suas traia de pesca, inclusive seu canivete, que não tirava da cintura pra nada, e deixou o filho dele cuidando da vendinha que tinham perto da fazenda véia.

Pois bem, o cumpade Haroldo foi pra beira do rio pescá uns dourado. Já pela manhã, o calor era intenso por

demais, tava quente mesmo, e então o cumpade Haroldo arresolveu dá um mergulho no vistoso e veio Rio Santa Maria. Pulou e saiu nadando rio acima. A água tava um pouco turva e, de repente, tudo ficou escuro. O cumpade Haroldo achou estranho e começou a apalpá pros lado e, então, percebeu: tava dentro da barriga de uma sucuri.

Foi então que sacou de seu canivete (aquele que não tirava da cintura de jeito nenhum), nadou até o fim da cobra e rasgou o couro da bicha, saindo de lá pelo rabo da cobra. Voltou pra casa correndo e ficou vários dia sem vortá pra beira do Rio Santa Maria...

Êta presepada!

108 - O jatobá seco

Quando eu era ainda muleque, antes de nós se mudá pra cá, pras banda de Mato Grosso do Sul, nós morava na beira do rio Parana ali próximo a Panorma, divisa de Mato Grosso do Sul com São Paulo. Meu pai era plantadô de roça de arroz no varjão do rio. O arrizal tava bonito que só vendo, mas o tal do passo-preto, ô bicho danento, não dava sossego. E olha que nós era em nove irmão e mais o Baiano veio pra espantá os passo-preto, e adiantava pouquinho. Meu pai dizia que a metade da prantação os bichinho comia.

Na beirada do rio, tinha lá um pé de jatobá seco, era até pequeno, uns sete metro de altura. Era onde os escumungado assentava, esperando a hora pra baixá no arroiz. Meu pai aresolveu vingá desses bicho. Fez uma cola de leite de mangava, o tal do "visgo". Aquilo colava inté pensamento! O jatobá já tava meio veio, as casca já tinha caído, aquilo tava lizinho igual buraco de cobra, e nós lambuzemo o jatobá da ponta até no pé... E os passo-preto

vinha assentando e ia ficando grudado. Quando já tava bem de tardinha, aquele pé de pau tava pretinho que nem asfalto, e meu pai falô:

“Agora ocêis vão me pagá!”.

Ele tinha comprado um punhado de foguete, aqueles rojão de doze tiro, e foi lá pra baixo do jatobá e pôs fogo naquilo tudo de uma vez só. Menino, mas foi tiro que não acabava mais! Os bicho levaram um susto tão medonho que, no arranque, levou o pé de jatobá, arrancou a árvore inteira e sumiram com aquele trem pendurado e atravessaram o rio pro lado de Brasilândia no Mato Grosso do Sul. Tivemo notícia daquele aranzel lá pras banda de três Lagôa.

“Óia, cê vê aquilo atravessando o rio, cê custava acreditá!”

109 - Uma caçada sensacional

Essa caçada aconteceu no ano de 1986, lá pras banda do cerrito, na região da Fazenda Itamarati. Dois cumpade, o Cipriano Moreno e o Donizet Holsback, foram pra ceva “esperá” uns cateto e tale coisa.

O tempo foi passando e, lá pelas duas hora da madrugada, a porcada apareceu na ceva pra se alimentá. Foi só um tiro e acertaram o maior que tinha na manada. Só pelo tamanho do bicho, eles já tinham percebido que tinha ganhada a noite. A caçada terminou por ali. O bicho era tão grande, mas tão grande, que tiveram que carneá o bicho ali mesmo. Acenderam um pendente com uma bateria de doze volts e começaram o trabalho. Já tava amanhecendo o dia quando terminaram.

O resultado, além da carne, foi quatro lata de banha e uma lata de mel. Pois é, uma lata de mel mesmo! Além de

grande, era um porco veio e, no ouvido esquerdo do suíno, encontraram muita cera e, quando tiraram, descobriram uma cachopa de abelha. Aí foi aquela festa! Não acreditam? Podem procurá o Donizete Hosback, um dos personagens dessa caçada sensacional, hoje moradores em Dourados.

110 - Pescaria a laço

Esse causo aconteceu comigo há muito tempo, quando eu ainda era jovem no interior de São Paulo, na minha terra natal. Eu fui lá pras banda de Panorama com uns primo meu passeá. Lá, eles inventaram de pescá. E como eles eram da capital, eles não entendiam muito desse negócio de prepará as vara. Pra prepará a vara de pesca, eu dei os nó na linha, prendendo a chumbada e o anzol. Na minha vara, ficou uma laçada aberta entre o anzol e a chumbada, até aí tudo bem.

Começamos a pescaria e só dava cascudo e lambarizinho, mas muito pouco. Mas, pra quem só queria brincá de pescá, tava uma maravilha. Passados uns trinta minuto, eu tava impaciente, até aquele momento sem nenhuma fígada, até que, de repente, um lambarizinho, aqueles que têm boca pequena e só roubam a isca, puxou a minha linha. Mais que depressa, eu fisquei e puxei o peixinho pra fora. Quando fui retirár o anzol, o danado não tava fígado pelo anzol, tava malhado na laçada entre o anzol e a chumbada. A pena é que só meu primo viu essa presepada, e mais ninguém. E faz tempo que eu num vejo eles, se não eu ia trazê ele aqui pra confirmá essa minha proeza. E quando conto essa história verdadeira, só ouço gente tirando um sarro e dizendo:

“Fala aí, pescador de laço!”.

Já pensaram se fosse pescaria com vara de peixe grande?

111 - Num consurto bêbado!

Eu tava contano esse causo pro seu Juca e ele quase teve congestão de tanto rí da presepada que o cumpade Reimundo aprontô. Pois intão, ele foi fazê uma consulta com o dotô. Chegou e já foi falano desse jeito:

“Bão dia, bá tarde, bá noite... cunfórmi ficá mió procêis, tá bão?”

E assim começou a presepada. Iscutem só essa do cumpade Reimundo. Ocês lembra dele? Ele mesmo... o pedrero de meia colher que ajudou a construí as casa na Porciúncula...

Poucas hora depois, as parede da casa tava quase caindo. Como eu tava contano... Um dia desse apareceu por essas banda um dotô médico da saúde púbrica. Pois é, o home, além de sê dotô, ainda é médico. Cuma enfermera que tinha cara de lobisome... Credo em cruz! Como o cumpade Reimundo tava coas mão ferida, cos curativo tudo sujo de terra, um cumpade dele falô:

“Ô Reimundo! Pruquê que ocê num aproveita e vai fazê uma consulta co dotô médico? Ansim, aquela enfermera, faz um curativo decente nas suas mão. Ocê num tem higiene, não, home? Óia só que sujeira tão suas mão, seu porco!”

O cumpade Reimundo, mais preocupado em tomá os costumeiro gole na venda do Lalá, que toma um dia sim e no outro também, arrespondeu pro cumpade dele:

“Num esquentá a cabeça, viu cumpadi! Depois eu vô... Pois é. Mas você viu que enfermera estranha cumpadi?”

E ali ficou mais um par de hora tentano convencê o cumpade Reimundo a se consurtá.....Lá pelas tantas o Reimundo arresolveu comparecê pra consulta. Já tava mais pra lá do que pra cá, quase trançano as perna. Foi lá, pegô a fichinha pra sê atendido e ficou esperano. Cum uma sem paciência de dá dó... E falano arto pra daná. Bêbado, não... Aquelas coisa! Quando chegou a vez dele, foi entrano no consultório e falô pro dotô médico:

“Tudo bão, seo dotô? Eu só o Reimundo, muito conhecido aqui pur essas banda. Eu queria que o sinhô fizesse uma consulta nas minhas mão, que eu machuquei no trabáio. E quero que o senhô faça um curativo também. Pode sê?”

O dotô médico, vermelho de tanto consulta o dia inteiro, ou vermelho de raiva do estado lastimável do cumpade Reimundo, arrespondeu bem arto pra ele:

“Olha eu num consulto bêbado não!!!”

O cumpade Reimundo virô e falô baixinho pro dotô:

“Tá bão, seo dotô... Intão eu vô isperá o sinhô miorá ...ade pois eu vorto...”

112 - Billy - o dalmata do betão

Certo dia, um amigo meu, o Beto, me contou sobre o cachorro que ele tinha lá na casa dele. Era um cachorro de raça - era uma tal duma raça chamada Dálmata, isso mesmo é aqueles cachorro branco cheio de manchinha preta, vocês já devem ter visto desses cachorro por aí, né? O nome do cachorro era Billy. Pois então, o Billy era um amigão, cuidava da casa de dia e de noite, brincava com as criança, não estragava as planta do jardim, fazia suas necessidade sempre no mesmo lugar, enfim, um verdadeiro cão educado.

Mas, certo dia, o Betão começou a notá que, a cada semana que passava, as mancha do Billy tavam sumindo. Começou a investigá e descobriu, ele andando pelo quintal, que várias das mancha do Billy tavam espalhada pelo chão, mas não sabia como aquilo podia ter acontecido. Até levou o cachorro no veterinário, mas nenhum dos veterinário consultado pode desvendá que doença o Billy tava sofrendo.

Mas, pra felicidade do Betão, um dia, quando foi almoçá em casa, notou, quando o carteiro se aproximava do portão, que o Billy saiu em disparada, bravo pra cima do pobre do carteiro, as mancha caí de tanta velocidade que este cão atingia! O bichinho é muito rápido, ocê precisa vê!

O pior é que é verdade!

113 - A história do burro

Um cumpade meu, o Frauzino, possuía um burro do qual tinha a maior estima. Ocê sabe que antigamente, cavalo, burro, carroça e carro de boi eram os único meio de transporte pra se locomovê por estrada esburacada e cheia de atoleiro em tempo de chuva. Valiam ouro! O cumpade Frauzino entupia de carga o coitado do burrinho de estimação e ia pra cidade trocá suas mercadoria. Naquele tempo, não corria dinheiro. A gente trocava mercadoria! Produto da roça por produto da cidade, como sal, querosene, ferramenta e outras coisa mais.

Então, de tanto o cumpade Frauzino ir na cidade puxando o burrinho, o danado do burro já fazia o trajeto sozinho depois de um tempo e seu dono já podia ficá cuidando do roçado. O dono da venda já sabia do que se tratava, retirava a sacaria do lombo do burrinho e, de dentro dos saco, um bilhete instruindo sobre a troca: tava lá

escrito “um litro de querosene, sal, um maço de vela pra muié pagá promessa, uma lamparina, uma foice boa de corte, sal amargo, duzentas grama de porva e meio quilo de chumbo pra espingarda, um par de butina e... se desse, uns comprimido pra dor de cabeça da muié...”

O dono da venda embalava as mercadoria e colocava no lombo do danado do burrinho e encaminhava de volta com uns bom tapa no traseiro. Anos e anos o burrinho fazendo a mesma coisa...

Um certo dia, o cumpade Frauzino, o dono do burro, começou a notá que seu burrinho de estimação não vinha mais todas as manhã no curral e sempre encontrava ele pelo pasto encostado nas árvore dormindo tranquilamente. Praguejando, laçô o danado do burro e entupio ele de mercadoria e mandou dinovo pra cidade. Quando olhou pra porteira, já de tardinha, o coitado do burro tava lá de vorta, parado e, como sempre, de olho completamente fechado!

Mal o cumpade Frauzino acabou de retirár a carga do pobre animal, ele caiu pelo chão! Surpreso, o cumpade Frauzino apalpou, tentando encontrá uma explicação pra aquilo! O danado do burro tava geladinho! Mortinho da Silva! Não acreditou no que ele tava vendo! Imediatamente, mandou chamá na fazenda vizinha um veterinário que trabalhava pro governo fazendo vacinação contra febre aftosa nas redondeza...

O veterinário veio imediatamente! Examinou! Examinou... e ficou olhando pro dono do burro...

— O que aconteceu com meu burrinho, seu dotô? Ele trabaiô direitinho inté agora mesmo!

O veterinário falou pro cumpade:

— Olha, esse teu animal tá morto há mais de uma semana, meu amigo!

— Chiiii! Intão ele tava tão acostumado a ir na cidade e vortá... que fez isso a semana inteira morto!

114 - Pescador de tatu

Como toda boa pescaria, não pode deixá de ter um bom causo. Certa vez, três cumpade meu resolveram pescá. Arrumaram as traia de pesca e foram pras margem do Rio Brilhante no pesqueiro do Nerizão. Chegando lá, se ajeitaram e começaram a pescaria, mas só um dos pescador teve a paciência de virá a noite na beira do rio, enquanto os outro já foram durmí no rancho. Quando amanheceu, os dois pescador retornam pro rio e lá tava o coitado que passou a noite inteira na beira do rio, levando picada de pernilongo, passando frio e tudo mais, além de não pegá nenhum peixe, né?

Só que, como ninguém é de ferro, o coitado cochilo e pegô no sono, na beira d'água ali mesmo sentado ele dormio. E foi aí que os dois cumpade resolvem aprontá com o pobre do companhero. Os dois saíro mata adentro e conseguem pegá um tatu-peba. Foram até a beira do rio e amarraram a linha da vara de pescadô já sonolento, amararo no rabo do tatu e soltaram o bichinho dentro d'água, dando aquele susto no amigo. Com o susto, ele acordou e viu a vara totalmente envergada e, pela primeira vez, ele explodiu em felicidade. Aí, os dois sacana saem de trás de uma árvore se fazendo de impressionado e falaram:

— Uai cumpade, mas que que é isso?! Veja só que pescador dos bom que ocê é, hein?!

Tô vendo que ocê é o único pescador que é capaz de pegá um tatu na vara de pesca!

O cumpade que “pegou” o tatu falou pra eles:

— Uai! Cêis num viram foi nada! Esse já é o terceiro que eu pego, mas é que eu solto os Pebas, porque eu gosto

mesmo é de tatu-galinha! É mais gostoso e num tem espinho!

115 - Caçando patos com cabaça

Era uma vez, quando não existia e nem precisava de fiscalização, nas lagoa que se formavam nas baixada dos rio. Em certa época do ano, aparecia muitos pato, paturi. Pois bem, um cumpade meu que se achava muito esperto e criativo, morria de vontade de variá a mistura com uns daqueles pato selvagem. Intão, ele bolô o seguinte: cortô lá no mato umas quarenta ou cinquenta cabaça aquelas purunga e jogô todas elas na lagoa. Os pato se assustaram de início, mas depois de uns dia nem ligavam mais.

Intão, ele cortô o pescoço de uma cabaça bem grande, fez dois furo pra enxergá e enfiou a cabaça na cabeça dele e foi lá pra lagoa. Com um saco de estopa nas mão, ele entrou na água lá no meio das taboa e só com a cabeça, ou melhor, a cabaça de fora, conseguia chegá perto dos bando de pato sem assustá eles.

Aí, ele escolhia um bem gordinho e pegava ele pelos pé, puxava pra baixo tão rápido que os pato do lado nem percebia. Aí, ele dava uma torcidinha no pescoço do danado, escolhia mais um e pronto... e a mistura do domingo tava garantida. Êta cumpade esperto!

116 - O buraco do tatu

Certa vez, voltando da roça pra dá água pro cavalo por volta do meio-dia, quando mais ou menos uns quinhentos metro antes de chegá em casa, vi um tatu esparramado tomando sol na porta do buraco dele. Apiei do cavalo e, segurando pela rédea, fui devagarinho, mais

ou menos uns meio metro do tatu. Quando o tatu acordou e correu pra dentro do buraco, mais que depressa consegui pegá ele pelo rabo.

Só que ele já tava com meio corpo pra dentro, então fiquei com uma mão segurando o tatu pelo rabo e a outra mão segurando a rédea do cavalo. Então pensei: se eu soltá a rédea, o cavalo foge; se escapá o rabo do tatu, ele vai pra dentro do buraco. Aí tive uma feliz ideia: amarrei a rédea do cavalo no rabo do tatu e corri em casa buscá um enxadão pra cavá mais.

Quando voltei, tive uma surpresa: só tava o rabo do cavalo pra fora do buraco.

117 - A pata

O Cumpade Jão Mala Seca é um rapaz bonzinho que hoje tá trabalhando na garagem da prefeitura. Morava na fazenda, mas como tudo tá difícil na roça, inventou de se mudá pra cidade e assim conseguiu este abençoado emprego. Chegou acanhadinho, quietinho, mas aos poucos foi conhecendo os companheiros de trabalho e foi se soltando e se revelando um contador de causos, tudo verídico, é claro, como ele mesmo afirma.

Virava e mexia, tava lá o Jão Mala Seca relatando sua infância e os ouvintes juram, de pés junto, que o “Chico Lorota” é fichinha perto dele. Vou contá pra vocês só uma pra arrematá: A mãe do Jão fez ele pegá uma pata pra mode assá no Natal do ano passado. Tudo foi preparado pro abate: facão bem amolado, bacia grande e água fervente pra depená a criatura.

Com uma das mão, a mãe do Cumpade Jão Mala Seca segurou a cabeça e com a outra empunhava o facão. Cabia ao Jão só segurá as pata da pata. Quando veio o

golpe certo no pescoço, a cabeça saiu na mão daquela senhora, muito prática, por sinal, pois a ave nem parecia ter sofrido. Tendo pena da patinha e pensando que tava tudo acabado, Jão Mala Seca soltou a pobrezinha e, para espanto deles, aquela coisa saiu correndo sem pescoço por aí e ninguém conseguiu alcançá-la.

Dois meses depois, me aparece a pata no sítio com um monte de patinho atrás... tudo sem cabeça!!!

118 - O tizil e a estaca

Pois é, o cumpade Frauzino ouviu a história do cumpade Zé Aleixo, naquele domingo de abril, do tal do tizil que conseguiu aterrá até o chão uma estaca de Angico Preto de cinco metro de altura com duas braça de diâmetro. Você conhece esse tal de tizil? É aquele passarinho pretinho que canta e dá uns pulinho pra cima, fica o dia inteiro nessa toada, dando uns pulinho em cima da cabeça da estaca. Pois bem.

No outro domingo, o cumpade Frauzino chegou na venda e pensou: “Hoje eu venço o cumpade Aleixo”. Então falou:

— Compadre Aleixo, aquele tizil que soterrou sua estaca, esteve lá na minha fazenda.

— Como você pode afirmá isso, cumpade Frauzino?

— Eu tenho certeza que era ele, sim, pois eu também tinha problema com a estaca do meu curral. Então eu mesmo fui no mato, tirei uma sucupira preta de dez metro de comprimento e umas três braça de grossura, enfiei ela no chão uns seis metro e deixei quatro metro pra cima. Mas lembrei do tizil e coloquei no topo da estaca um visgo espalhado. Pensei: “Se ele acentá, vai grudá daí eu pego ele pra mostrá pro cumpade Aleixo”. Nu é que o bichinho veio

e sentou mesmo? Então peguei uma escada pra pegá o danado. Quando já ia encostá a escada na estaca, ele saiu voando com a estaca e tudo, ainda foi quebrando o meu cafezal já cheio de café maduro.

Êta tizil danado!

119 - Fato verídico acontecido mesmo

Conta o meu Vô que, quando ele era jovem, era excelente caçador e que, em toda a volta, não tinha ninguém que juntasse na banha do pilão mais carne que ele, a não ser se matasse uma vaca ou porco. Uma noite, aquelas de lua clara, ele se inspirou a caçá tatu. Entonce, atrelou os cachorro, encilhou o petiço e se bandeou mato adentro.

Lá pelas tantas, ele andava desanimado. A caçada tinha sido uma porcaria, nenhuma batida, a não ser um zorrilho que deixou os cachorro fedendo por três dias. Já tinha tomado toda a pinga da guampa quando o Brazuca, um cachorro americano urrador daqueles de dar inveja em qualquer guaiepeca, bateu num bicho e entocou. Meu Avô puxou o cachorro pelo rabo, gritando com ele, e meteu a escavadeira pra tirá o tatu dali.

Daqui a pouco, o Canastra escapou pela outra saída logo adiante e se pôs a corrê. Meu avô, que era bão a bessa, pulou pra cima do petiço e disparou atrás do dito cujo. Como nessa hora a cachaça tomada era muita e ele tinha perdido as ferramenta, resolveu laçá o bicho com seu laço de seis tento. Não foi diferente: atirou a armada e foi certaíra, mas já o bicho entocou de novo, levando pra dentro o laço no pescoço.

Então, batuta como ele era, ele chinchou o bicho e o petiço, bão demais da conta, espichou as perna e estaqueou que nem mula bardosa enquanto ele voltou pra pegá a cavadeira pra mode tirá o tatu. Diz ele que, quando voltou,

sentiu inté pena do seu pobre cavalo, que foi arrastado pelo laço e tava a essa altura só com as orelha de fora da toca.

Mais que depressa, ele começou a cavá e então achou o bicho mais ou menos uns dez metro terra abaixo, matando então com cinco tiro. Isso é verdade e, pra quem duvida, é só ir lá pras banda da Fazenda Esperança, donde o seu Jacinto pediu pra ele o casco do tatu pra fazê cobertura do tanque da dona Almerinda lavá roupa.

120 - Pescaria com o Ncreto

Ocê quer saber qual o peixe maior que eu já peguei? Vou te contá um causo aqui... Eu pescava sempre com o cumpade Ncreto... Um veio... Um veio muito sabido... Veio pescado veio... E nós conhecia um lugarzinho bom pra pesca... Lá pras banda das Marvinas, no Rio Brilhante... Naquele tempo, nós colocava o anzol lá e no outro dia nós vortava lá pra vê como é que tava... Às vez num tinha nada... Mas resolvemo dá uma melhorada lá e começamo a jogá um trato, e o trem foi miorando...

O cumpade Ncreto, que mora num patrimôniozinho ali no Montese, mandô fazê um anzol bem grande ali na oficina do Gaúcho e iscamo um curimbatá duns quatro quilo e levemo pra lá. E o cumpade Ncreto falô:

"Vamos pô o anzol aqui pra vê se nós pega esse peixe".

Falei:

"Vamo".

E era cedo do dia e nós vortemo pra casa... Quando foi à tarde, nós fumo lá pro barraco fazê a janta e tal coisa... Jantemo e daí falei pro cumpade:

"Agora vamos lá vê o anzol". "Vamo".

Cheguemo lá, o peixe tava no anzol, o dito peixe... Pois bem... Eu tava na proa do barco e o veio Negrêto no piloto... Falei:

"Veio, veio! O peixe tá no anzol, veio!"

Mas o anzol nosso era grande, tinha uns treze metro de linha no comprimento... Daí eu falei pro cumpade:

"Espera aí! Deixa eu fazê primerô um cigarro aqui..."

Num sei se ocê sabe, toda vida eu usei fumá fumo preto na paia. Enrolei um paieiro ali bem tranquilo e o veio ali no piloto. Eu fui e desatei o anzol do tronco da árvore, nós num amarremo no gaio, não, amarrei no tronco da árvore... Falei:

"Óia, veio, segura aí que eu vô mexê com o peixe".

Quando eu mexi com o peixe... Na primeira embarrada dele, ele tombô a canoa... Tombô a canoa e me carregô pelo fundo d'água... E nós viajemo uns seis quilômetro rio acima e eu pelo fundo d'água grudado no rabo do pexão....e falei num sórtio:

"Quero vê a cara desse peixe!"

E eu pelo fundo d'água... Fooooi!... Quando ele deitô que eu vi encima d'água, que eu saí na flor da água, que eu sacudi a água, fui percebê que já tava era de noite, escuro que só vendo... Que eu sacudi a água de uma vez... Que eu olhei... O cumpade Negrêto tava com a canoa encima de mim... Daí eu falei:

"Uai, veio, como é que ocê me acompanhô?"

Ele falou:

"Te acompanhei pela fumaça do seu cigarro..."

Eee, cumpade sabido!

121 - O limoeiro assombrado

Meu tio comprou um sitiozinho, depois que o caseiro saiu, muito apressado por sinal. O Tio tratou de se mudá pro sítio. Pois ele é aposentado e queria o sossego do campo, mas o que ele encontrou deixou ele muito assustado. Quando ele fez sua primeira ronda pelo sítio, já por volta das três hora da madrugada – Ocê sabe, gente idosa não dorme mesmo –, ele se deparou com um pé de limão enorme, com os galho arrastando pelo chão, e, parando pra admirar o pé de limão, eis que sopra um vento muito forte e balança o limoeiro.

E, no mesmo instante, começa a cantá parte de uma música que era mais ou menos assim: “Amélia, que era mulher”, e então parava e voltava a repeti, e isso por um longo tempo. E o meu tio, vendo aquilo, percebeu que a música vinha do limoeiro e, como não via ninguém por perto, ele falou:

“Esse troço é assombrado!”.

E isso no mesmo momento que, aos tropeços, ele corria em direção da casa da sede do sítio. Quando chegou lá, se trancou e começou a rezá.

E essa história se repetia todas as noite, mas meu Tio só ouvia, muito apavorado, aquele trecho de música ecoando pela mata. Foi quando decidiu procurar o antigo caseiro e ele contou como teria morrido ali uma mulher que se chamava Amélia. E nasceu um pé de limão em cima do local onde ela tinha morrido e tal e coisa... e por isso esse limoeiro era assombrado.

Mas o Tio queria acabá com isso de assombração e foi até na cidade e trouxe um outro primo meu, muito corajoso, e contou pra ele a história e ele logo duvidou, num tava acreditando nessa história, não... e, chegando a madrugada, foi conferi. Com quinze minuto que ele tinha

saído, já tava de volta aos berro, pedindo que o Tio lhe abrisse a porta. Após ele se recompor, resolveu acabá com isso duma veis, então se armou com um facão de aproximadamente sessenta centímetro e voltou lá. É claro, só depois de ter tomado um litro de alcatrão, e lá estava ele em frente do limoeiro e bradava, meio soluçante:

“Que era mulher da onde?! Que Amélia?! Que era mulher de quem?! Canta agora!”.

Foi quando uma rajada de vento soprou e o limoeiro balançou e começou a cantá. Logo o primo sacou do facão e, como um louco, começou a cortá o pobre e indefeso limoeiro. E, quando só restara um pequeno toco, já com o efeito do álcool passando pelo grande esforço que ele fez pra destruí o pé de limão, ele descobriu do que se tratava. Era somente um disco de vinil... aqueles disco preto antigo que estava quase enterrado no chão embaixo do limoeiro. Quando batia o vento, os galho que se arrastavam no chão corriam seus espinho em cima de uma parte do disco. E por isso só cantava um pequeno trecho de uma música:

“Amélia, que era mulher de verdade”.

É como diria meu avô: tudo tem uma explicação lógica... Que assombração que nada... o medo faz vê coisa!

122 - Eta mandiocão!!!

Vocês já devem ter visto mandioca grande, mas do tamanho que deu uma lá no Sitio do meu avô, eu garanto que ninguém conhece!

O negócio lá foi o seguinte: Meu avô tinha uma sitio lá pras banda de tupi Paulista, aliás a divisa das terras era o rio, num lugar que ele fazia uma baita curva, e o rio neste lugar era muito largo, mais ou menos uns 400 metros.

Bem, meu avô plantou lá um mandiocal beirando o rio e ele criava uns porcos também.

Quando foi um dia de manhãzinha, ele notou que os porcos tinham sumido e saiu procurando os bichinhos.

Foi aí que ele viu os porcos dele do outro lado do rio e ficou encafifado caquilo:

"Uai Como é que esses porcos tinha ido parar lá do outro lado do rio, se aqui não tem ponte e nem pinguela?"

Aí deu aquele trabalhão pra trazer os porcos de volta, passando um numa canoa.

Quando foi no outro dia, lá estavam os porcos de novo do outro lado do rio. Então ele aresolveu procurar direito onde era que os porco tavam passando. E não é que ele achou rapaiz ?

Lá no mandiocal na beirada do rio, deu uma mandioca muito grande, mas tão grande, que os porcos foram comendo ela, comendo e inté que fez um túnel por baixo do rio, e os bichos acostumaram passar no túnel onde era a mandioca.

Pena que, que meu avo não achou essa mandioca antes dos porcos, né? Senão ia ser um sucesso...

123 - Rifa da mula

Um cumpanheiro meu que ocês conhece muito... meu cumpade Frauzino era doido pra comprá uma mula. E a mula que ele queria comprá pertencia a seu cumpade e amigo de longa data, Coroné Turzinho. Tratava-se de uma mula que era uma cruza de um Pêga premiada do Coroné e que ele não vendia de jeito nenhum. Várias vezes Frauzino foi até a fazenda Pinga Marvada, do Coroné Turzinho, propor pra ele negócio e sempre recebia um “não” como

resposta. Acontece que o Coroné era um negociante muito astuto e queria ganhá o máximo nesse negócio.

Mas um certo dia, a mula tava pastando no campo quando, de repente, foi picada por uma jararaca e lá se foi. Da varanda da fazenda, Coroné Turzinho viu a mula deitada e estranhou. Foi verificá o que tinha acontecido e viu que a mula tinha morrido mesmo e pensou com seus botões: “Ah! Mas eu não vou ficá nesse prejuízo, não”. Pensou um pouco e resolveu vendê ela pro Frauzino, que sempre quis a mula. Então, foi até a casa de Frauzino e propôs:

— Frauzino, eu sei que ocê sempre teve vontade de comprá a “Morena”. Intão eu arresolvi vendê ela procê, já que ocê é meu amigo...

A única coisa que o Coroné não contou é que a mula já tava morta. Combinaram o valor de trezentos real, que Frauzino pagou na hora, e a entrega do animal ficou para o dia seguinte.

No dia seguinte, Coroné Turzinho chegou no sítio do cumpade Frauzino todo tristonho e comunicou a ele que, durante a noite, a mula tinha sido picada por uma cobra e tava morta e tal e coisa, não podendo ser entregue. Frauzino coçou a barbicha, pensou um pouco e falou pro Coroné:

— Bão! O negócio já tava feito e eu só tenho uma palavra. Já que a mula era minha, eu quero que Coroné Turzinho mande entregá ela aqui no meu sítio... mesmo morta do jeito que tá.

Coroné Turzinho, que esperava uma reação bem diferente, ficou contente com o desfecho do negócio e mandou que Zé Macachera, seu empregado, botasse uma junta de boi na canga e levasse a mula para Frauzino. Mas a atitude tão serena do cumpade Frauzino deixou o Coroné preocupado.

Dias depois, intrigado com a reação de Frauzino, Coroné Turzinho resolveu fazer-lhe uma visita de cortesia. E papo vai, papo vem, finalmente Coroné Turzinho abordou o caso da mula:

— Frauzino, inté agora eu num consegui intendê a tua reação quando eu falei que a mula tinha murrído... Ocê num fez nadica de nada, sô...

— Ora, cumpadi Coroné Turzinho, se a mula já tava morta, num tinha mais o que fazê, né memo? — respondeu Frauzino.

— Bão, é verdade! — respondeu o Coroné. — Mas eu pensei que ocê ia brigá... Afinal, o que que ocê fez com a mula, uai?

— Bão! Ocê qué memo sabê? No memo dia de noite, eu fiz uma rifa da mula e vendi tudin na quermesse. Fiz cem bilhete e vendi cada um por dez real. Ganhei mil real com a mula morta... Como eu tinha pago trezentos, saí no lucro de setecentos... Ô negocinho bão que nós fez, né memo?

Coroné Turzinho ficou boquiaberto com a esperteza de Frauzino, mas atreveu-se a perguntar:

— Bão, Frauzino, mas... E quem ganhou a rifa, num reclamou?

— É claro que reclamou, uai! Intão eu devolvi os dez real pra ele e ficou tudo bem...

124 - Os 99 pardais

Óia, gente, esse caso aconteceu com meu avô Jesuino, e é a mais pura verdade. Um belo dia, ele tava indo no caminho da roça, pra iniciá mais um dia de trabalho. E eis que, passando por um pé de mamão que ficava no meio do cafezá, ele viu um pardal saindo de dentro de um

mamão maduro. Então ele parô e ficô ali observando aquela presepada, e saiu o segundo pardal, saiu o terceiro, o quarto pardal, o quinto, o sexto, o sétimo pardal... Fiele ficôquei ali parado por mais de uma hora, e foi saindo pardal... e foi saindo pardal...

Eu fui contando. e o trem não parava de sair pardal daquele mamão. Óia, gente, ele ficou lá até saí o último pardal, contô um por um que ia saindo, e veja que coisa, do mesmo mamão saiu noventa e nove pardal.

O curioso é que ele correu pra contá esse caso pro cumpade Frauzino que mora no sítio do lado, e quando ele terminô de contá pra ele, ele duvido e falou:

— Cumpadi, por que ocê não fala logo duma vez que saíu cem pardal do mamão?

E meu Vô arespondeu:

— Cumpadi, ocê acha que por causa de um pardal eu vou contá uma mentira pro cê? Tá loco?

Minto não, cumpade!

125 - A primeira bicicleta do veio

A topada minha com essa tal bicicreta pela primeira veis me esfolou tudo. Uai minino, nessa épica que pegou a sair essa tal bicicreta, esses recurso, a minha muié arrumou ima perringuisse, uma cramura, uma gemura esquisita, aquilo não miorava, eu rançava uma saroba ali do terreiro mesmo, fazia uma charopada, dava prela bebe, foi ficando era pió ai eu maneí dá nó,... foi aí que eu tentei levá ela pra cidade prum doto dá uma reformada nela pra mim, arrumei um agazaio, coloquei nela e levei ela lá na cidade pro dotô e falei assim prele: oia seu dotô eu truxe a muié aqui pro sinhô dar uma espiada nela e vê o que ta fartano nela, ai o sinhô dá uma arrumada nela pra mim, eu vô

deicha ela ai, porque eu tenho um serviço e é longe ...

Ai eu larguei ela lá e fui embora, e era deapé mesmo, no sábado eu vortei lá pra vê cumo ela tava, segunda de madrugada eu virava pra traiz deapé mesmo e era uma dificuldade, naquele tempo esse recurso que tem hoje era poco, então foi ino assim. Um dia eu cheguei lá dia de sábado já prumas deis hora da noite, e tinha lá um cumpanheiro me esperano, queria faze um negocio comigo, eu cheguei cansado, ai nois prosiamo um prazo, eu cramano prele foi aí que ele falô: UÉ OLEGARIO PRUQUE OCE NUM COMPRA UMA BICICRETA, eu falei :

— Deus me livre sô, nunca muntei nesse trem não sô, não sei mexe caquilo não.

Aí ele falô:

— CÊ BOBO !! COM DUAS VIAGEM QUE OCÊ ANDA OCÊ APRENDE, É SÓ OCÊ ESPRUMENTÁ QUE OCÊ ANDA. E EU SEI DUM MININU QUE TEM UMA, E VENDE ELA BARATIM...

Rapaiz eu fui me infruino com aquela proposta, e falei pra ele, então faiz anssim, OCÊ cumbina com ele lá e toca esse trem pra cá pra mim. Nem busca esse trem eu num sei não. Ai ele foi embora, quando foi domingo já de tardinha ele chego lá com aquele aranzel rapaiz, quando ele me entrego ela, rapaiz me deu um arrependimento, falei esse trem num presta !!, ai arudiei ela dum lado e dotro, pra mim tava tudo afiadinho pois eu num cunhecia mesmo, peguei ela e falei:

— Eu vou lá pro campo de aviação, assim que tinha começado esse campo lá, vou pra lá que lá eu to susinho mesmo num tem ninguém lá pra faze bagunça comigo lá, ai eu fui de pareia com ela, e eu não sabia andá de pareia com ela não, ela ia me puchano ansim, e eu trupicava naqueles estrivo e já muntuava enrriba dela, daí eu já fui disgostano daquilo e falei:

— Esse trem num presta !!!

Oia da rua até o campo ela me derrubô umas treis veis, mais eu fui ali teimano com ela, vamos vê, cheguei lá no campo que era grande demais, virei ela pra trais e pensei,é já que eu tô na cidade, ajeitei o cinto direito, dei um tapa na aba do chapéu, e quando tranquei no chifrinho dela, rapaiz que eu pisei naquele estrivo que eu joguei a perna no lombo dela, invéis dela rompê, ela virou anssim ela ataiô e eu ataiei junto com ela e já fui com a cara na puera, já cumeço a sair coro nessas ponta de osso, eu tornei a levantá limpei a terra do zoio e tonei a trancá no guampim dela, que quando eu passei de novo a perna no lombo dela, ela torno a refugá eu maniei denovo.... e eu lutei lá até escurecê, e ela num ando nem um metro, ficou pulido lá no lugar onde eu aninhava, ai eu infesei demais, falei:

— Eu num dô conta de amanssá esse trem não.

Aí eu fui embora traveis de pareia com ela, ai eu pensei comigo eu vô é jogá esse trem fóra, mais pensei mió como segunda feira eu tinha que ir pro serviço, levantei mais cedo e como eu já tinha refrescado aquela giriza, ai eu levei ela comigo pra dá um esfrega boa nela no caminho, rapaiz a rua lá perto era descambada anssim e pensei HA!!! Vou começar o jogo é aqui mesmo, tramquei no chifrim dela sô!, quando joguei a perna no pelo dela ...ela já aluiiu.... Aí eu saí com aquele trem uma hora duma banda outra hora dotra, e eu pelejando pra ponhá ela no prumo e ela foi azedano, quando ela aprumo memo que o vento já tava zuano ai nois aprumemo mesmo, só que eu não sabia administra ela no rumo que precisava não, eu equilibrei enriba e no rumo que ela apontasse ela ia, e pro meu azar lá no final da descambada tinha um lote fechado com arame farpado...rapais a valencia e que era um araminho antigo, inferrujado e ela marcô no rumo do arame e eu ali

pelejano prela vim pro meio da rua, mais eu não sabia... eu tava quereno que ela viesse era tudo não sabia que tinha que intortá o pescoço dela não, e ela inquexô no rumo do arame e eu ali pelejano e pelejano, e quando vi que nós ia no arame mesmo, foi aí que eu me lembrei....mininu, eu vejo o povo falá que santo acode a gente, agora só aburrecendo ele, se não morre mesmo. Daí eu gritei um santo, ele não tava em casa, gritei outro ele tava acudindo outro pra outras banda, até que eu gritei um mais agraduado, mais como nós já tava chegando no arame, aí quando eu vi que ia mesmo, eu pensei... eu vô aprumá nem que eu bato o estrambu e caio de costa, quando eu aprumei rapaiz, o rodado da frente levanto também e TAAAAA, nós vazo. O santo não pode pará ela pra mim, mais judô torá o arame pra nós passá, num deu nem pra agradecê o santo não, porque a hora que eu desacupeí daquele aranzel lá embaixo eu num fiquei sabendo qualé o santo que eu tinha que agradece, pois eu tinha chamado eles tudo, falei: teve bom, mais a bicicleta num paro não nós cuntinuava naquela disparada depois de cortá o arame, só que a rua lá foi cabando aquela decida e nós ia manerano a tuada, foi manerano, quando pegou um rojãozinho anssim devagá, eu fui aprendendo a a munheca aquele trem, eu pisava de cá, ela virava, eu acudia de lá ela virava, eu falei:

— Esse trem é loco.

E aí vai naquela labuta. Dai me deu vontade de fumá e lembrei que não tinha nem paia de pito e com eu ia passá berano uma venda e eu vi que o vendero já tinha levantado, ali eu compro um potinho de cigarro, ali eu acendo um no caminho mesmo, chego lá em casa eu do essa bicicleta prus mininu...Pois bem e a bicicleta ia passano mais pro rumo da venda e eu quereno que ela viesse pra banda da rua e quando eu vi que ela ia passa adiante eu dei um bote no chifrim dela, no que eu apertei aqueles bigode

que ela tem por baixo do chifre anssim ela fez: RAAAAK e nós entremo porta a dentro da venda com a unha no chão pra não levá o nariz no chão, aí o vendero ainda danô comigo, falô anssim :uai rapaiz ta caino aí sô !!!

Ai eu falei:

— Não!... é que o trem atrapaiô aqui, ...Dai eu comprei um potinho de cigarro dum antiguiño que era branquinho tudo até saí La na ponta, num era daqueles que tinha o pesinho amarelo não, eu furei o potinho, tirei um e coloquei no beijo, e chamei a binga nele e tornei a muntá na bicicleta e luitano, uma hora num barranco, outra hora notro e eivô, naquela peleja e logo perto tinha denovo uma adescambada anssim duns treis quilometro e pra parar ela num tinha aquele ricurso de mingúá a tuada não, só tava aquela forminha de ferro, num tinha aquela borrachinha não, rapaiz quando ela virô anssim, tornô anela comigo no mundo, e o trem foi zuano, foi zuano e eu chamava o dedo naquele bigode dela embaixo do chifrim e a coisa só fazia TIAAAAA e a toada tava do mesmo jeito, eu levava o carcanha no rodero dela, queimava o pé e eu tirava e aí evamo e o vento zuano, acho que ela num tava nem encostano no chão, e lá ia ela mesmo, e eu quando senti o calorzinho do fogo do pito no beijo parece que eu nem puchava a fumaça não, o vento mesmo e que vinha trazeno aquilo, e como eu não podia largá do chifre dela pra cudí, senão levava, daí eu pensei comigo:... a hora que o pito queimá eu cuspo ele fora!!! E já pensando, porque sabia que lá na frente tinha uma ponte, e pra entrá na ponte tinha uma curva, falei: a curva eu num vô da conta de fazê, eu vô e dentro do rio... rapaiz quando o fogo do pito aperto, que eu fui cuspi ele fora, ele tinha já colado no beijo. OCÊ precisa de vê que massaroca rapaiz, eu bufava que nem jumento pra vê se aquilo desapregava e o trem quando eu abria a boca pra bufá, o vento fazia anssim 00000 e ainda

levava o fogo pra dentro, mininu, aí lá nós já ia chegando no mata-burro, eu pensei: ali nós vamos marrotá e eu desaprumo com a mão pra acudi,... nun te conto nada, pois num é que ela passo que nem encosto no mata-burro, quando eu vi que ela passô o mata-burro, eu já gritei o santo que tinha cortado o arame lá pra mim, pra me dá uma cambota pra mim desacupá a mão pra acudi o beijo que tava dueno demais, acho que o santo não podia pula na frente senão ainda ia machucá ele, mais ela judô aponta ela num cupim que tinha na bera do caminho, acho que ele ficou duma banda e deu um empurrãozinho nela no rumo do cupim, só que quando nós bateu nesse cupim, ela prumô pra riba, eu choreio estrambo na nuca dela, passei pro riba do cupim, maniei pra lá e ela caiu de costa, quando eu levantei que fui acudí, porque o boca tava dueno e já tava aquela pipoca no beijo, a boca pruma banda e dueno demais mesmo, o estrambo dueno tamem, eu olhei no estrambo e falei:

— Uai num tinha botão de camisa, até a barguia da carça tinha relachado, e fartano uma garra de coro também no estrambo, ai eu maniei e fiquei de pé, olhei um toco, se é que eu bati inrriba dele, mais não!... olhei o cupim também, tava tudo lizinho, falei: mais e esse estrago??? Quando eu rudiei o cupim, que eu panhei a bicicleta e ergui ela que eu descobri o defeito, ela tem uma berruga na nuca, quando ela subiu eu chorei o estrambo naquilo, virei, tava cheinho de linha de botão, coro de estrambo tudo em vorta daquela birruga, ai eu falei comigo mesmo:

— Rapaiz!.... AAAAA aqui a miséria que me estrago... ai intero duas coisas que eu não tenho mais confiança ...é bicicleta e cigarro de papel.

126 - Oração do matuto (Veio Olegário)

Oi Deus! Nós ta sempre pedindo as coisas pro sinhô, nós pede dinheiro, nós pedi trabaio, nós pede pra chovê.... e se chove demais, nós pede pra parar, mode a coietá nao afetá. nós pede amô, nós pede pra casá, nós pede casa pra morá, nós pede saúde, nós pede paiz, nós pede proteção, nós pede pra disfazê os nó quando a coisa comprica, pra mode a vida corrê mió. e quando a coisa aperta nós ora pedindo tudo que nos farta. É uma pedição sem fim... se as coisas da certo, nós vai ali na igreja mais perto, canta lá uns corim de devoção, nós levanta as mão pro céu e coloca no saquinho das oferta uns tostão, mais hoje meu sinhô jesus, bateu uma coisa isquisita..... e eu me puis a matutá...

Nóis pede, pede, pede, mais nós nunca pergunta cumé que o sinhô está?

Se tá triste ou contente com nós, se carece darguma coisa que nós pode fazê... e por esse esquecimento todo o sinhô há de nos disculpá. Sô muito agradecido por tudo. Num sô merecedô de coisa alguma, mais amo muito o sinhô viu..., não só pelas coisas que pôde me dá, mais praquê o sinhô ama nós demais da conta. Perdoa as nossas farta.

Amém.

"Este livro também contém alguns causos da rica coletânea presente na obra "Até aqui o Laquicho vai bem": os causos de Liberato Leite de Farias – Dourados/MS 1998. de autoria de Wilson Valentim Biasotto (in memoriam), a quem rendemos nossas sinceras homenagens e agradecimentos pela valiosa contribuição à cultura local."

127 - Laquicho fixa-se em Dourados e toma carreirão de onça

Embora tivesse juntado um dinheirinho bom nessa viagem, Laquicho também desistiu da vida de boiadeiro. Resolveu fixar-se definitivamente em Dourados. Por volta de 1920, Dourados era, no dizer de Crispin Fernandes, “um povoadozinho... tinha o armazém do Sr. João Rosa, do Manuel Rasslan, tinha uma máquina de arroz, era de um turco velho, muito trabalhador... pra se ter ideia, a praça Antonio João era um campo de futebol, cercado de arame”.

Uma das filhas do Laquicho, Cecília Leite de Farias, lembra-se de que, na sua infância, alguns anos depois da vinda do pai para a cidade, havia “Duas casas comerciais das mais antigas aqui em Dourados, eram a do avô da dona Ercília, do seu João Rosa, e do seu Elias Milan, que é as que eu me lembro, as primeiras que tinha aqui. Tinha também a loja do seu Álvaro Brandão... Nessas lojas vendia mantimentos, vendia roupa, vendia calçado, era tudo sortido. Naquele tempo era tudo misturado.” No povoado, Laquicho nada tinha para fazer. Por isso pegou uma grande empreitada de uns parentes que já estavam estabelecidos na região: ele deveria abrir uma picada no mato e fazer uma cerca. De segunda a sábado, trabalhava de sol a sol com o objetivo de juntar algum dinheiro para buscar a sua bem-amada lá em Minas. Os fins de semana, passava-os na casa dos parentes. Foi numa dessas ocasiões que lhes contou um caso sucedido durante a lida no mato. A área era quase toda de mata virgem, mas logo o Laquicho arrumou um bom local para fazer o seu rancho. Armou a tarimba e ali começou a sua labuta. A vida era dura, no entanto, ele trabalhava por dez. “Bem adiantado já ia o serviço”, como disse Astúrio Monteiro de Lima, quando aconteceu um fato inusitado. Não chovia há vários dias e o calor era

insuportável. Laquicho, trabalhando sob o sol, não se aguentava: foi tirando as peças de roupa até ficar completamente nu. Nesse estado deu de cara com uma onça pintada. Como não houvesse jeito de enfrentá-la, largou o machado, pegou o trilheiro que já havia se formado e saiu em desenfreada disparada rumo ao rancho onde deixara uma arma de fogo. Mas a onça não era de brincadeira e corria muito mais que o Laquicho. Sua sorte foi que, quando estava próxima e ia firmar as patas para o golpe fatal, ela escorregava. No entanto, ágil, o felino se recuperava e aproximava-se novamente, mas ao armar o bote resvalava e caía. Foi assim que o Laquicho conseguiu chegar ao rancho e proteger-se, até que a onça esfaimada desaparecesse mato adentro. Um dos ouvintes não se conteve e comentou que se fosse com ele se borraria todo. Foi quando o Laquicho retrucou:

“E onde você acha que a onça escorregava quando estava pronta para me dar o golpe fatal?”

(Astúrio Monteiro de Lima)

128 - Uma plantação pitoresca

Pense o leitor que em razão da morte do galo cantor na beira do riacho, do fato de ter pescado um lobinho ao invés de peixe, ou ainda porque demorara para voltar para casa com o dourado pedido pelo padrinho, as coisas não andassem bem para o lado do Laquicho. Ao contrário, a paisagem continuava bonita, o lobinho fígado bem podia ser o mesmo que andava comendo as suas galinhas e, afinal, além de ter levado o dourado para o almoço, presenciara uma das cenas mais impressionantes de sua vida: um pagagaio falando com um João-de-Barro. Mas era preciso cuidar da subsistência que, naquela época, era

“produto das roças, era feijão, arroz, mandioca, carneava boi em casa, sempre fazia horta, tinha bastante verdura, comida era sempre com fartura.”

Mas para que houvesse fartura era preciso muito trabalho. Só que o Laquicho, com tantas ocupações no início de sua vida de casado, descuidou de um detalhe essencial: era época de plantio e ele não havia desmatado praticamente nada da área que comprara. Naqueles tempos, a região de Dourados era zona de mata, ainda que com significativas porções de campo. Mesmo assim desmatar uma área, quando ainda não tinham inventado a moto serra, era uma dificuldade enorme.

Mas falemos da pitoresca plantação feita pelo Laquicho, pois não deverá faltar oportunidade para falarmos da rua dos Velhacos. Sem contar com áreas de terra desmatada, a sorte de Laquicho foi existir um morro inexplorado bem em frente à sua casa. Segundo se dizia, lá em cima a terra era muito fértil; entremeando as pedras, havia uma terra preta onde tudo que se plantasse produziria. Mas como subir no morro? Não tinha jeito. O Laquicho falou:

“Pois eu vou plantar no morro. Vou plantar com espingarda.”

O primeiro passo foi tocar fogo no morro. Dito e feito. O morro ardeu. Naquele tempo, todo mundo sabia mais ou menos quando ia chover. O Laquicho sabia; bastava a lua começar a entortar e o burro velho a ferver, era sinal certo de chuva. Na véspera da chuva, Laquicho começou a dar tiro de espingarda com milho. Pra lá, pra cá, forrou o morro, e no outro dia veio a chuva... Enfim, formou o milharal mais lindo que já se viu. Milho pra ninguém botar defeito. E pra colher? Dono de uma porcada magra, o Laquicho soltou-a na direção do morro. Os porcos, magros como estavam, não tiveram dificuldades, subiram o

morro em disparada. Como o milho era farto, rapidamente os animais foram engordando. E engordaram tanto que não conseguiam sustentar-se em cima do morro. O que aconteceu? Eles acabaram rolando ladeira abaixo, parando bem na porta da casa. Foi um dos anos mais prósperos para o Laquicho.

(Jenoel Capilé)

129 - Laquicho na ilha que foi a sua primeira morada

Meio ressabiado, por questão de segurança, Laquicho viajava de madrugada e à noite. Durante o dia, nas horas do sol mais quente, aproveitava para descansar em algum capão de mato que encontrava ao longo da estrada ou à beira de uma aguada protegida por algum bosque.

Em Dourados encontrou uns parentes que o aconselharam a esconder-se por uns tempos numa ilha que havia no rio Dourados, até que as coisas se acalmassem. Na ilha Laquicho armou seu rancho e foi vivendo da colheita de alguns frutos silvestres, de raízes nativas, da caça e da pesca. Tratou também de plantar milho, batata e de formar um grande mandiocal, o que lhe garantiria o sustento quando escasseassem os frutos. Por companhia tinha um papagaio, com o qual trocava umas poucas palavras, uma galinha e um perdigueiro, fiel companheiro nas caçadas e que não permitia ao Laquicho voltar para seu rancho com as mãos abanando.

130 - ... Caçando na ilha

Quando morreu o Brigadeiro – este era o nome do cachorro –, Laquicho inventou a expressão: “agora estou no

mato sem cachorro”. É verdade que lhe restara o papagaio, mas papagaio não serve para caçar.

Certo dia, mesmo sem cachorro, entrou na mata, numa tentativa desesperada de encontrar algum animal que lhe servisse de alimento. O papagaio, que normalmente andava em seu ombro, voou logo na entrada da picada, abandonando-o. Laquicho andou mais de hora com a espingarda nas costas, mas era difícil; a caça não vem assim, ainda mais naquela ilha. De repente Laquicho escutou um barulho de cachorro que vinha se aproximando: “au, au, au, au, au, au, au, au...” Ficou à espera; à sua frente pulou um veado... Imediatamente ele pregou fogo e matou o bicho. No entanto, estava intrigado: que latido seria aquele? Haveria algum cachorro por ali? Olhou daqui e dali até que constatou que não havia cachorro algum: era o papagaio fazendo as vezes de cachorro...

(Jenoel Capilé)

131 - ...Laquicho é salvo por Negrita

Ainda na ilha, Laquicho ficou muito doente. Caiu de cama sem que conseguisse levantar-se para nada; não sabia como sobreviveria, pois, estava imobilizado pelo febrão. A salvação foi sua galinha preta, a Negrita.

Ela começou a botar ovo no pé da cama, aliás, no pé do Laquicho. Pra sorte do Laquicho, eram dois ovos por dia. E ele, o que fazia? Apesar da dificuldade, puxava, com o dedão do pé, cada ovo que a galinha botava e o trazia até o alcance da mão. Colocava-o sob a axila e ali imediatamente o ovo cozinhava, porque a febre era demais. E assim os dias foram passando. Laquicho alimentava-se

com ovos cozidos e recuperou-se da doença graças à galinha Negrita.

(Jenoel Capilé)

132 - Coleção de rabos de ratos

Após desvendar o mistério dos porcos, Laquicho só trazia um desejo: carnear um belo leitão. Embora vivesse sozinho, Laquicho não deixou de ser caprichoso na manutenção de suas ferramentas. Suas facas eram sempre muito bem afiadas. Como no dia seguinte carnearia o leitão, afiou com esmero uma das facas e deixou-a sobre uma mesa rústica, construída por ele próprio. Só que a faca ficou com o fio pra cima, ele não a colocou deitada: quando o Laquicho colocou a faca sobre a mesa, ela se encaixou numa fresta e acabou ficando com o fio para cima.

No outro dia, quando Laquicho levantou-se, a mesa estava coberta com um monte de rabos de rato. Os ratos, que não eram poucos naquela ilha, passavam e encostavam na faca; só de encostar no fio, os rabos eram cortados.

(Atilio Torraca Filho)

133 - ...Cobra encarangada

Graças ao aumento de suprimentos, Laquicho morou por mais uma temporada na ilha. Mas, num belo dia de madrugada, chegaram uns tropeiros. Vieram de canoa e ali conheceram o Laquicho. Eles eram três. Mesmo sem conhecê-los, o morador da ilha foi logo pedindo que se abancassem. Disseram-lhe os tropeiros:

“Nós estamos perdidos e achamos um barco e viemos até aqui”.

O Laquicho retrucou:

“Olha, comida eu tenho por fazer, aqui eu tenho um pedaço de carne, carne molhada, carne de caça, vamos fazer. Eu já estou tomando mate mesmo, vamos aproveitar a brasa. Enquanto ajeito a carne façam o favor de me arrumar uma vara pra servir de espeto”.

Um detalhe importante: naquele tempo a geada aqui era pra valer; “a geada, quando a gente pisava, era que nem vidro, quebrava sob os pés” . Um dos tropeiros prontificou-se e foi buscar a vara. Daí um pouco apareceu:

“Tá aqui o espeto”.

Laquicho imediatamente juntou o pedaço de carne e espetou. E ali ficaram todos, prosa vai, prosa vem, tomando o chimarrão, e o espeto no fogo. Quando menos se esperava, o espeto começou a andar. Só aí eles perceberam que aquele espeto era, na realidade, uma cobra encarangada de tanto frio.

(Jenoel Capilé)

134 - ... e o Laquicho tenta a profissão de foguista

Depois de ter recebido os três tropeiros na ilha, Laquicho certificou-se de que não corria mais nenhum perigo. Resolveu abandonar aquela vida de ermitão fugitivo para se radicar em Dourados, onde não mediria esforços para fazer a vida.

Resolveu então arrumar um trabalho na Noroeste do Brasil. Sim, na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, porque, segundo o Laquicho, fizeram uma estrada de ferro de Dourados a Corumbá. Mas ele com certeza estava se referindo à via férrea que liga Ponta Porã a Corumbá, passando pelo município de Dourados, onde existia e ainda existe uma estação no distrito de Itahum. Era, de fato, um

ramal da Noroeste que servia de ligação entre Bauru (SP) e Campo Grande e também Corumbá.

Era o tempo da famosa Maria Fumaça, tocada à lenha. O irmão do Laquicho era o maquinista e ele foi contratado como foguista. Pois bem, as estradas sempre têm curvas, não é? As estradas de ferro também. No Pantanal, para chegar em Corumbá, no tempo das chuvas, os trilhos eram encobertos pela água.

O irmão do Laquicho, muito bom maquinista, sempre que chegava na curva atalhava. Os passageiros gritavam; o maquinista acalmava: “não é nada, não é nada”. Nova curva, ele atalhava de novo... atolava na lama, virava uma confusão. Mas isso não era nada. O trabalho acontecia quando chegavam em Corumbá, lavar tudo aquilo, por fora e por dentro.

Aí é que era o trabalho... E quando chegavam em Aquidauana, era a mesma coisa, mas dessa vez a máquina levava os vagões pra beira do rio e ficava mais fácil.

(Albino Moraes Sobrinho)

135 - Laquicho tenta a vida de boiadeiro

Satisfeito com o emprego de foguista, onde conseguira angariar pouco dinheiro, Laquicho resolveu dar outro rumo a sua vida, tentar a sorte de boiadeiro. Bom peão, assumiu com outro companheiro a função de ponteiro de uma grande boiada. Os ponteiros têm funções importantes: dão o ritmo à caminhada da boiada e, principalmente, são os responsáveis por mantê-la mais ou menos compacta. A boiada partiu rumo a São Paulo. Depois de alguns dias de viagem, quando atravessavam um grande descampado, apesar de toda a experiência dos ponteiros e demais peões, a boiada estourou, estourou de

dar medo. Os ponteiros saíram a galope na frente do gado e quando o Laquicho percebeu, o seu companheiro já havia caído e a boiada passado por cima dele.

Não tendo como sair da frente da boiada, esporeou o cavalo, tentando manter-se à frente dos animais. Porém, o cavalo começou a cansar e caiu... quando caiu, o Laquicho saiu de cima... e boi passando...e ele catou o rabo de um boi e foi dependurado... e aquela boiada atrás... o boi passou perto de um cupim muito alto... então ele largou o rabo do boi e pulou lá em cima daquele cupim e tirou o chapéu... e balançando o chapéu de um lado pro outro, fazia a boiada desviar...ia abrindo. Depois que acalmaram a boiada, enterraram as partes que puderam encontrar do peão e seguiram viagem. Logo chegaram às barrancas do Paraná. E cadê a balsa? Espera que espera e nada. Foi quando o Laquicho decidiu tomar uma providência: pulou na água, meteu o braço e num instante estava do outro lado providenciando para que a balsa atravessasse logo e embarcasse a boiada para que seguissem viagem.

(Albino Moraes Sobrinho)

136 - Cobra falante do veneno forte

Laquicho vendeu o arroz, apurou todo o dinheiro que juntara e partiu para buscar quem tanto amava. Arreou o seu cavalo branco e saiu a passo. Não andara cinco léguas na picada que havia na mata quando ouviu uma voz fina: “Laquiiicho... Laquiiicho...”

Não era possível! Seria uma outra cobra falante ou a mesma, aquela que já o importunara tanto? Mesmo assim olhou pra trás, só pra conferir. Era de fato uma cobra. Ela vinha em seu encalço na ponta do rabo. Quando se aproximou mais um pouco, deu o bote. Laquicho foi

rápido, teve tempo de tirar o pé do estribo e levantá-lo na altura do pescoço do cavalo, que saiu em disparada. A cobra grudou no estribo e foi longe, ali grudada, se arrastando, até que, quando não aguentou mais os trancos, soltou-se. O Laquicho respirou aliviado.

O cavalo se acalmou e só então o cavaleiro voltou a pôr o pé no estribo. Mas, para sua surpresa, o pé não entrava: o estribo tinha inchado com o veneno da cobra.

(Arino Braga do Amaral)

137 - Poço caipira

Melica não cansava de elogiar o capricho, a dedicação que o marido tivera na construção do lar, feito especialmente para recebê-la. Elogiava também a bela paisagem natural que cercava a casa. Mal sabia, entretanto, que parte daquela beleza, ao menos o riacho que corria no quintal, fora obra do próprio esposo. Laquicho estava furando um poço, poço de corda, né? E um companheiro puxava a corda. Chegaram numa fundura tal que o companheiro já não enxergava mais o Laquicho lá embaixo... Então, quando ele enchia o balde de terra, precisava chacoalhar a corda pro companheiro puxar. Aí deu numa laje de pedra. O Laquicho pensou:

“Largar esse poço aberto não posso, fechar pra abrir outro?... pode dar a mesma coisa... eu vou tentar varar essa pedra”.

Mandou fazer uma alavanca muito pesada e muito boa e entrou novamente no poço. Tirou uma quantidade de pedra, aos pedaços, e o companheiro puxando tudo pra cima. De repente começou a minar água e ele escutou um barulho debaixo da pedra. Falou consigo:

“Uai, isso é água que está aí embaixo.”

Com muito sacrifício, muito trabalho, aquela pedra toda foi furando...foi furando, aonde ele furava, a pedra já estava bastante fina. Foi furando em volta, até que quando ele chegou ao ponto onde começara, a pedra estourou pra baixo. Assim, quando a laje estourou pra baixo, a água veio pra cima, na grossura do poço. E o Laquicho foi atirado pra fora. Quando ele bateu a mão na borda do poço, ele caiu de um lado e a alavanca de ferro caiu pro outro. Mas isso não foi nada. Aquela grossura do poço foi o veio d'água que se levantava numa altura de cinco metros além do nível do chão. Como havia um rio que passava a uns cinco quilômetros dali, o Laquicho abriu uma valeta pra água correr somente naquela direção. Dentro de poucos meses, formou um rio. E dava até peixe. O Laquicho enjoava de pegar peixe. Essa era a coisa mais bonita do mundo, esse olho d'água.

(Albino Moraes Sobrinho)

138 - Uma pescaria nesse rio estreito

Que o rio formado com a abertura do poço caipira dava muito peixe, nós sabemos, mas como a água era muito limpa não havia como pescá-los. Laquicho então resolveu fazer uma pescaria à noite. Como pretendesse pescar dourado, levou carne para fazer isca. Tentou, tentou, mas não pegava nada. A noite ia alta quando ele pensou:

“Vou tentar pela última vez, vou pôr esse resto de carne e tentar.”

Era um pedaço bem grande, maior que o costumeiro. Iscou o anzol e, com uma certa raiva, jogou-o ao rio. Estava escuro, né? Passou um pouco, a coisa correu... correu e ele fisgou e já pegou; o Laquicho não errava fisgada. E puxou, puxou... “Ah! é dourado!” E veio, veio, e

era um lobinho. Ele jogara a linha com tanta força que o anzol foi parar do outro lado do rio justamente quando ia passando um lobinho.

(Albino Moraes Sobrinho)

139 - Peixe por encomenda

Laquicho foi dormir meio chateado, pois não era homem de voltar de uma pescaria ou de uma caçada com as mãos abanando. De qualquer forma, dormiu tranquilo. Ao amanhecer, recebeu a visita inesperada de seu padrinho que foi logo avisando:

“Quero um dourado para o almoço.”

Laquicho, que não queria perder essa parada e ainda meio ressabiado com a pescaria da noite anterior, resolveu ir pescar no rio onde desembocava o córrego surgido do poço. Lá foi o Laquicho. Bateu, bateu, já passava das onze e nada de pegar peixe. Com muito custo pegou um e veio, veio, veio vindo, quando foi tirar o peixe, como o barranco era meio alto, o danado escapou. Quando o dourado caiu n'água, o Laquicho foi junto até conseguir pegá-lo pelo rabo.

Como o peixe fosse muito grande e liso, o Laquicho teve que usar as duas mãos pra poder segurá-lo. Com muito custo levou o peixe pra barranca e matou-o com uma pedra.

(Albino Moraes Sobrinho)

140 - No ninho da onça

Finalmente, depois de resolvida a plantação no morro, sobrou um tempo para Laquicho conhecer melhor o mato de sua propriedade. O casal havia levantado bem

cedo, como de costume, e Melica já começara a sua labuta diária. Não pense o leitor que a vida da mulher era fácil: “Lavava roupa no córrego, passava a roupa com ferro de brasa, puxava água do poço, à mão, e pra cozinhar fogão à lenha”.

Enquanto trabalhava, Melica nem se preocupava com a demora do marido, porém, quando anoiteceu, ficou preocupada. Passou a noite rezando, pedindo para que nada de mau acontecesse ao companheiro; maus presságios passaram-lhe pela cabeça, e só a chegada de Laquicho, já de madrugada, lhe trouxe tranquilidade. Conforme o próprio marido contou, saíra bem cedo, sem levar ao menos um canivete, pois pensava em voltar para o almoço. No entanto, depois do meio-dia, percebeu que se perdera no mato, um mato muito grande; o sol foi baixando, baixando, até que escureceu. Laquicho estava sem rumo. E no local havia muita onça. 18 Então ele pensou: “É agora que uma onça vai me comer.” Mas continuou andando, até que enxergou um pau muito grosso, quebrado, a uma distância de uns vinte metros. Junto do pau havia uma árvore torta que subia até a sua ponta. Aí ele falou consigo:

“Vou subir, vou pousar aqui, tá escurecendo...”

Subiu e ficou lá, sentado. Por dentro o pau era oco, e o Laquicho acabou cochilando... Pois não é que ele resvalou pra dentro daquele oco e foi bater lá embaixo?

“Agora estou perdido...no mato... agora, aqui, quem vai me achar? Tô morto...” – pensou ele.

No escuro, só se enxergava uma nesga da claridade que restava ainda, lá em cima. Era a mesma coisa que estivesse num poço. De repente uma coisa começou a arranhar os pés dele. Ele tinha aquele isqueiro... antigamente chamava binga. Quando ele riscou o fusível, deu de cara com um filhote de onça, aliás...dois.

“Agora sim acabou de esculhambar...a onça vem aqui, vai me comer.”

Como não houvesse outra saída, o Laquicho ficou ali parado. Não demorou muito e ele escutou a onça, quando ela foi subindo pelo pau afora... “Agora sim...” Finalmente ela chegou lá em cima e ele enxergou-a bem, aquele monstro de pintada. Foi aí que a onça deu de descer. Como não pudesse descer de cabeça pra baixo, veio descendo de costas.

“Ah! Tá dando na hora...” – pensou Laquicho.

Pegou os filhotes, pôs um em cada bolso. Quando a pintada chegou, ele catou no rabo dela e deu um grito. Assustada, ela descambou pau acima, com ele preso no rabo. Chegando lá em cima, ele bateu a mão na porta do buraco, e a onça guardou lá no mato... Mas isso não foi nada. Nisso o galo começou a cantar, a casa dele estava pertinho. Saiu e foi pra casa. Quanto às oncinhas... ele as criou, criou igual a cachorro solto dentro de casa. A coisa mais faceira que se viu.

(Albino Moraes Sobrinho / Miguel Ângelo do Amaral)

141 - Mandioca com tatu galinha

Aconteceu, um dia, de não ter carne de espécie alguma na casa do Laquicho. Mas ele só se lembrou desse detalhe quando acabara de arrancar as primeiras raízes de mandioca, os frutos daquelas ramas dadas pelo seu Pedro. Como comer mandioca sem carne?

Quando levantou a cabeça para pensar sobre o problema da carne, viu um tatu entrando num buraco. Tirou a faca da cinta e mal arremessou-a, saiu correndo para pegar o tatu pelo rabo. Ao mesmo tempo que pegou o

tatu, sentiu uma grande dor nas costas: havia corrido mais rápido do que a faca e fora atingido por ela.

(Albino Moraes Sobrinho)

142 - Gangorra e seus filhotes

Desde quando Laquicho levou os filhotes da onça para casa, passou uma temporada muito intranquilo. Toda noite, talvez por sentir o cheiro dos filhotes, a onça rondava a casa do Laquicho, mas a cachorrada dele, muito feroz, punha a pintada pra correr. Acontece que o Laquicho tinha uma cachorra muito especial, a Gangorra, que caçava qualquer tipo de bicho, especialmente onça. Aliás, Gangorra gostava mesmo era de caçar onça, tinha alguma espécie de tara por onça. Como era muito especial e, ainda por cima, estava prenhe, prestes a dar cria, Laquicho resolveu prendê-la para evitar que, prejudicada pelo seu estado, a cachorra sofresse algum ataque fatal da onça. Mas se a onça rondava a casa porque sentia o cheiro dos filhotes, a cachorra também sentia de longe o cheiro da onça.

Por isso, não teve jeito: uma noite, Gangorra, usando os dentes, cortou a corda que a prendia e partiu atrás da pintada. Logo pela manhã, Laquicho percebeu a fuga da cachorra e, vai daqui, vai dali, nada de achar a Gangorra. Até alguns rastros novos de onça foram encontrados, mas da cachorra, nem sinal. Com muita comoção, desistiu de procurá-la. Passados uns oito meses, Laquicho andava longe, lá pelo mato, quando encontrou Gangorra, ou melhor, o esqueleto da cachorra e os esqueletos de doze cachorrinhos bem debaixo de uma árvore torta; no galho da árvore, jazia o esqueleto da onça.

(Jenoel Capilé)

143 - Umas férias para a pescaria

Propriedade bem arrumada, tudo sob controle, uma pequena economia para qualquer emergência; a vida corria risonha para a família. Laquicho resolveu fazer um passeio com Melica na cidade. Chegaram sábado à tarde. Os parentes ficaram contentes; no domingo haveria jogo, o que não deixava de ser um grande acontecimento. Mas Laquicho não era muito chegado em futebol. Se fosse ao campo, começaria a contar os seus causos e já havia percebido que ali não era o local ideal. Por isso resolveu deixar Melica na cidade com os parentes e seguiu com um companheiro para a beira do rio. O rio não era largo, mas tinha muita água, muito peixe. Assim que eles chegaram, do outro lado, no mesmo poço, chegaram três outros pescadores.

Enquanto o Laquicho e seu companheiro não conseguiam nada, os outros iam só tirando peixe: dourado, jaú, pintado, surubim... uma beleza, aquele mundo de peixe. Era meia-noite e eles não tinham fispado um. E os outros lá, cheios de peixe. Então Laquicho falou pro companheiro:

“Você sabe que eu vou roubar peixe daqueles homens?”

O outro lhe respondeu:

“Não seja louco, larga mão disso... te dão um tiro lá”.

“Não, eu vou” – insistiu o Laquicho.

Naquele tempo tinha muito saco de estopa, daqueles bem grandes. Nosso pescador pegou um saco daqueles, entrou n’água e foi pro fundo. Chegou lá, procurou, procurou e achou uma linha n’água. Foi acompanhando a linhada até chegar no anzol, enganchou o

dedo nele e deu uma puxada na volta do anzol... deu outra puxadona... aí puxou de verdade.

“É pesado, é peixe de couro, é pesado...” – exclamaram os adversários.

Laquicho escutava tudo lá debaixo d’água. E o fogo aceso atrás dos pescadores e eles comentando:

“É pesado! É pesado!”

Quando chegou bem pertinho dos afoitos pescadores, Laquicho colocou a cabeça encapuzada pra fora d’água e falou:

“Boa noite, moçada!”

Não sobrou um pra saber o final da história. Então Laquicho encheu o saco de peixe, entrou n’água novamente e saiu do lado do companheiro: “Tá feita a pescada, vamos embora.”

(Albino Moraes Sobrinho)

144 - Caça ao veado mais ligeiro que se viu

De posse daquele saco cheio de peixe, Laquicho, que não era homem de ficar à toa, resolveu fazer uma caçada. Foi a caçada mais longa de sua vida. Laquicho tinha muito cachorro bom. Um dia, numa caçada, soltou um cachorro, chamado Baio – por causa da cor –, no rastro de um veado. A perseguição iniciou-se antes do meio-dia e ninguém sabe dizer ao certo quantos dias demorou, nem mesmo o Laquicho, que acabou perdendo as contas. O início da perseguição se deu aproximadamente onde hoje é o túnel que dá acesso ao Parque das Nações, no cruzamento da rodovia que liga Dourados a Ponta Porã.

O veado tomou o rumo do Paraguai, e o cachorro foi atrás. Laquicho saiu no encalço dos dois. Foi indo, foi indo, sempre perguntando, pedindo informações sobre os

perseguidos. Depois de ter andado mais de cem quilômetros, soube que caça e cachorro haviam cortado a divisa do Brasil com o Paraguai. E foi, foi... no caminho, ele conseguiu uma nova pista: os animais tinham ido lá para o lado de Maracaju. Seguindo a pista dos dois, Laquicho foi dar na região de Douradina. Nessas alturas, ele, o cachorro e o veado já tinham feito uma volta com a forma de um enorme U. Bem, ao abordar um morador na região de Douradina e perguntar sobre um cachorro baio atrás de um veado enorme, Laquicho obteve a seguinte resposta:

“Olha, moço, eu vi passar por aqui um cachorro perseguindo um veado, mas era cachorro pequeno, e o veado também era pequeno. - Então não é o meu. - Bom, pela cor que o senhor falou o cachorro é seu. - Não, meu cachorro é grande e o veado também.”

Apesar da resposta, o Laquicho arriscou um atalho. E andou, andou; lá adiante, ouviu uma carreira de bicho. Preparou a espingarda e acabou atirando num veado baixinho. Logo atrás veio um cachorro, também pequeno. Laquicho reconheceu o seu cachorro baio e compreendeu tudo: tanto o veado quanto o cachorro haviam corrido tanto que gastaram as pernas.

(Jenoel Capilé / Albino Moraes Sobrinho)

145 - Cana das grossas

Depois dessas duas aventuras, já estava na hora de voltar para a lida diária. Laquicho possuía um bom lote de gado e, apesar disso, não tinha problema com pastagem, mesmo na época da seca, pois não faltava cana, uma cana de qualidade. Para se ter uma ideia da qualidade da cana, precisamos abrir um parêntesis para explicar que, no tempo do Laquicho, as porteiras de mangueiras eram

simplesmente varões compridos e grossos que encaixavam em buracos de mourões.

Muito bem, as canas eram tão grossas que quando quebrava uma vara de porteira Laquicho, ao invés de ir no mato e cortar um pau, cortava uma cana e pronto, o problema estava resolvido. O Laquicho moía muita cana, sempre ajudado pelo Tonho, seu filho mais velho.

Por causa da qualidade da cana, cada vara precisava ser cortada em quatro partes, para poder passar no engenho. Um pau de cana dava oitenta, cem litros de garapa. Quando a cana era passada no engenho, só se ouvia aquela bica enorme caindo para os caldeirões: chô... choooooooooo... choooooooooooooooooo...

(Albino Moraes Sobrinho)

146 - Bois de engenho

“Naquele tempo o doce que tinha era todo feito no engenho. Era o doce caseiro, como se chamava. Não era um doce beneficiado com a técnica de hoje”.

Além de produzir uma garapa de boa qualidade, Laquicho fazia também muita rapadura, açúcar mascavo, melado, enfim, os doces da época. Na produção desses doces, ele usava uma junta de bois de fazer inveja: Formoso e Marmelo, tão pontuais quanto um relógio. Os bois estavam condicionados pelo barulho peculiar do engenho do Laquicho: em virtude de um defeito de fabricação, um dos dentes da moenda era defeituoso; cada vez que esse dente pegava em outro dente, fazia um barulho semelhante ao ronco do bugio. Quando punha o engenho para funcionar, a fim de facilitar o seu trabalho, Laquicho nem sequer desatrelava os bois: soltava-os no pasto atrelados,

pois assim ficava mais fácil trazê-los para o trabalho no dia seguinte.

Um belo dia, os bois sumiram. Procura, que procura, mas nada de encontrá-los, nem sombra. Melhor esquecê-los. Depois de uma temporada muito grande, o Laquicho foi caçar. Pegou a espingarda e partiu. Andou, andou e não achou nada. No caminho de volta, escutou um bugio urrando em cima de uma árvore.

“Ah! vou dar um tiro naquele bugio.” – pensou Laquicho.

E foi olhando... quase caiu num buraco. Qual não foi sua surpresa quando olhou para o buraco: lá estavam as pontas dos chifres dos bois e os lombos. Aí compreendeu tudo: os bois estavam tão acostumados à lida no engenho, estavam tão condicionados, que quando escutaram os gritos do bugio – mais ou menos parecidos com o ranger do engenho – puseram-se a rodar um torno de um pau seco, pensando que estivessem no engenho. E o que aconteceu? Os bois andaram tanto em círculo que afundaram. E o bugio parecia ter gostado de ver o serviço dos bois, porque não parava de urrar lá de cima da árvore. Para tirar os bois daquele rego, Laquicho teve que cavar uma rampa. Coitadinhos dos bois: saíram do buraco magros e cansados.

(Jenoel Capilé)

147 - Êta fumo forte

Num dia meio pachorrento, à tarde, Laquicho desceu até o rio, pegou a canoa e navegava tranquilo quando, de repente, entrou num túnel escuro. Ao se dar conta, estava dentro de uma enorme sucuri. Que fazer? Tirou o fumo do bolso e começou a enrolar um cigarro. Enquanto fazia isso, mascava um pouco de fumo e ia

cusbindo o caldo. Quando acendeu o cigarro, na primeira baforada que soltou, a sucuri vomitou-o pra fora. Não se sabe se foi por causa do caldo do fumo ou da fumaça do cigarro.

(Maria Goretti dal Bosco / Arino Braga do Amaral /
Idalino Arriola)

148 - Olho no carrascal

Como deve saber o leitor, as matas não são contínuas. Conforme a qualidade da terra, a zona de mata pode ceder lugar a outros tipos de vegetação, como o cerrado e o campo. Na propriedade do Laquicho, não havia apenas mata; suas terras tinham também uma parte de campo onde se desenvolveu um carrascal de enorme proporção.

Com as derrubadas que ele promoveu, havia alguma área formada para pasto e lavoura pois o carrascal foi palco de um dos acontecimentos mais interessantes da vida do Laquicho.

Um dia, estava ele empenhado em levar um boi muito bravo para a mangueira. Queria verificar se havia alguma bicheira para ser curada. Vai daqui, vai dali, e nada do boi enveredar para o lado da mangueira. Ao contrário, o tucura inventou de correr justo para o lado do carrascal. Boi na frente, Laquicho colado atrás. Quando o boi entrou no carrascal, Laquicho não se intimidou: enfiou a espora no cavalo e seguiu o bicho.

Finalmente, conseguiu sair num campo limpo e laçar o boi. Feito isso, levou-o para a mangueira. Ao chegar na mangueira, sentiu um ardume no olho. Passou a mão e percebeu que tinha perdido um olho quando passou pelo carrascal; uma taboca ou algo que o valha tinha arrancado

seu olho. O sangue quente impediu que ele sentisse a falta na hora do ocorrido. Depois de amarrar o boi, Laquicho voltou bem rápido para o local do acidente. De longe, já viu o olho pendurado num arranha-gato, piscando para ele... Pegou-o e colocou-o de volta no lugar. Pronto, ficou perfeito.

(Albino Moraes Sobrinho / Arino Braga do Amaral)

149 - Cachorro ovejão

Recuperado o olho e curado o boi, Laquicho entrou em casa para tomar um café. Melica logo reparou na mancha de sangue que ele tinha na face. Então ele teve que contar toda a história do olho perdido no carrascal.

“Vamos já pra cidade, ordenou Melica, vamos na farmácia ver isso!”

Nenhum argumento foi suficiente para demover a resolução da companheira. Quando deu por si, estava rumando pra cidade com mala, cuia e um de seus cachorros. Laquicho, como se sabe, tinha uma matilha, cães baíos – os de cor castanha – outros ovejões, isto é, malhados, enfim, havia cachorro de toda cor e para todo gosto. O cachorro que acompanhou o casal até a cidade era um belo animal de cor vinagre. Laquicho deixou a esposa na casa dos parentes e saiu, acompanhado do cachorro, dizendo que ia à farmácia. Na verdade, a ida à farmácia serviu como pretexto para formar uma roda de amigos.

“Belo cachorro! - disse um dos amigos.

“É, um belo ovejão, respondeu Laquicho.

“Ora, quem não vê que esse não é um cachorro ovejão?”

“Ara, claro que é oveiro, rebateu Laquicho, “se achar uma dúzia de ovos, come todos.”

(Albino Moraes Sobrinho)

150 - A fantástica traíra de Itahum

Na verdade, ninguém soube precisar exatamente onde se localizava a tal lagoa, morada de uma traíra gigante. É que lagoa é assim mesmo: ora existe, ora seca. Mas, com certeza, ficava próxima à estrada de ferro que liga Ponta Porã a Campo Grande. Dizem que todos os pescadores que iam à lagoa tentavam tirar a traíra, porém, não conseguiam. Quando alguém conseguia ao menos fisgá-la, era cada soco que quase arrancava o braço do indivíduo. E vai daqui, vai dali, o Laquicho falou:

“Espera aí, tem um ferreiro lá em Dourados, que é o João Preto, que vai fazer um anzol pra mim. Vou pegar essa traíra!”

Dito e feito. João Preto temperou um aço muito especial. Depois de pronto, o anzol pesou mais ou menos um quilo e meio. Isso só o anzol, sem contar o cabo de aço fino que servia como linha. Na beira da lagoa, tinha um toco, um toco muito forte, ainda meio verde. E como Laquicho também mandara fazer uma argola grande bem na ponta do cabo de aço que servia como linha, ele laçou o tronco, passou o anzol pela argola, de modo que não tinha como escapar.

Enganchou no anzol um bezerro inteiro, bezerro descorneado, e lançou a linhada na lagoa. Foi só jogar e o bicho beliscou; beliscou e arrastou... Laquicho fisgou, a traíra estava pega. Tamanho foi o tranco que o toco já estava cedendo, mas isso não foi nada, pois, por sorte, o

trem estava passando justamente naquela hora. Então o Laquicho falou:

“Vou enganchar essa linhada no último vagão, aí eu quero ver se essa traíra sai ou não sai.”

Quando passou o último vagão, Laquicho conseguiu enganchar a argola no pino do vagão. O tal do trem patinou e patinou, e o foguista meteu fogo e fogo e fogo... até que a coisa arrebentou: arrebentou o cabo de aço e o trem sumiu. Laquicho, que tinha enganchado a argola e ficado na beira dos trilhos, voltou pra ver o tamanho da traíra. O leitor não vai acreditar que, medido no passo, o trem arrastou a lagoa por sessenta metros, mas a traíra ele não conseguiu tirar.

(Jenoel Capilé)

151 - Como Laquicho recuperou o seu revólver

Laquicho possuía várias virtudes, mas a principal delas é que jamais desanimava. Não deu certo a pescaria da traíra? Nem por isso o mundo ia se acabar. Enquanto Melica descansava das lides do campo na casa dos parentes da cidade, ele reuniu dois companheiros e foram pescar num rio. Estavam já no meio do rio, remando calmamente a canoa, quando Laquicho falou:

“Pára um pouco aí, acho que foi aqui que há uns seis meses o meu revólver caiu n’água.”

“Deixa disso” – disseram os companheiros – “mesmo que fosse, você jamais acharia. Vamos embora, vamos pescar. Por que você não mergulhou logo quando o revólver caiu? Agora não tem jeito.”

“Não, vocês fiquem pescando aqui em roda nesse poço que eu vou mergulhar. No dia que o revólver caiu eu não pulei n’água porque estava muito frio, mas hoje vou procurar o revólver” – retrucou o Laquicho.

Os companheiros não tiveram outra alternativa, ficaram lá esperando. E o tempo foi passando.... meia hora e nada, e Laquicho lá no fundo, procurando o revólver. Uma hora e nada. Então os companheiros falaram:

“Vamos descer porque alguma correnteza deve ter puxado ele rio abaixo.”

E desceram. Iam já bem longe quando Laquicho achou o revólver e saiu fora d’água. E gritou, gritou, mas os companheiros não escutaram. Então ele deu uma balançada no revólver, pra jogar a água fora, puxou o gatilho, saíram seis tiros. Só aí os companheiros escutaram e voltaram para pegá-lo.

(Albino Moraes Sobrinho)

152 - Peixe na lata

Maravilhados com a fantástica qualidade do tal revólver que, apesar de ter ficado seis meses debaixo d’água, ainda funcionava, os companheiros continuaram a pescaria. Vai daqui, vai dali, Laquicho sentiu que um peixe puxou, puxou e puxou pesado. A vara até entortou...

Mas Laquicho estranhou, pois o bicho era pesado, mas não corria. Era a mesma coisa que tivesse pegado um pedaço de pau. Só se fosse jaú. Foi uma peleja. Quando conseguiu tirar o “peixe” d’água, ele viu que era uma lata, dessas de vinte litros, que tanto podia ser de querosene como de gasolina. Fisgou a lata justo no furinho que havia sido feito num dos cantos para retirar o produto. Os companheiros riram, mas Laquicho estava sério; tinha alguma coisa se batendo dentro daquela lata. O Laquicho falou:

“Uai, tem alguma coisa errada dentro dessa lata.”

Foi ver e tinha um baita peixe de mais ou menos três quilos lá dentro, um corimbatá, que, pelo jeito, entrou na lata bem pequenininho. Como não pôde mais sair lá de dentro, o peixe cresceu e criou-se por lá mesmo.

(Cecília Leite de Farias / Miéli Farias)

153 - Competição internacional de mergulho

Não se tem conhecimento exato de como foi, mas a fama de Laquicho como grande mergulhador correu mundo. Sabe o leitor como são essas coisas; às vezes aqueles companheiros que viram o Laquicho ficar mais de hora procurando o revólver, ou aquele outro que o viu enfiando um saco de estopa na cabeça e ficar um tempo debaixo d'água ... Um comentário aqui, uma observação acolá... O certo é que a fama era tanta que um belo dia apareceu um estrangeiro em Dourados, só com o propósito de mergulhar com ele, e logo no dia em que Laquicho voltaria para sua propriedade!

Como veio muita gente junto com o outro, e o Laquicho não queria fazer desfeita para ninguém, marcaram a competição para a tarde daquele mesmo dia. Foi uma verdadeira festa. As pessoas acorreram à barranca do rio, dos dois lados não sobrou lugar para ninguém. O rio era muito fundo. Laquicho entrou na água do jeito que estava, e o estrangeiro, todo apetrechado; ambos entraram juntos. Depois de uma hora no fundo d'água, o estrangeiro saiu quase morto, mal tendo fôlego para perguntar onde estava o Laquicho. O povo então começou a perguntar:

“Cadê o Laquicho? Não saiu ainda? Ah! tá morto, algum peixe comeu ele, porque o poço, o rio era muito fundo, né?”

O estrangeiro queria mergulhar novamente, mas o pessoal não deixou. Mais meia hora e o outro ansioso:

“Não, agora eu vou...”

E entrou novamente no rio. E mergulhou. Quando viu, lá estava o Laquicho, sentado numa pedra, perna cruzada, tinha fechado um cigarro e estava batendo o isqueiro, assim, pra acender, pra fumar, e só depois voltar para terra firme. Aí o outro falou:

“Ô Laquicho, já perdi mesmo, vamos embora.”

(Albino Moraes Sobrinho/ José Augusto de Matos)

154 - Receita para a cura de machucado

A vida em um povoado novo, naqueles idos tempos, era repleta de dificuldades e também de tristeza. Entretanto, sempre havia aqueles que ajudavam a minimizar os males da população. Antes da implantação do Hospital Evangélico, o primeiro de Dourados, alguns médicos e farmacêuticos foram bastante importantes no auxílio aos enfermos do local. Somente depois da morte de uma parturiente, motivo de bastante revolta na cidade, a população douradense organizou-se para a criação do Hospital Evangélico. Conta-nos uma de nossas entrevistadas. Se a vida das pessoas corria constante risco pela ausência de recursos médicos, imagine o leitor o que não era dos pobres animais. Laquicho mesmo teve muitas dificuldades para curar seus animais, como por exemplo, um cavalo, velho já, que um dia apareceu com uma ferida no lombo. Como não tivesse remédio, ensinaram pra ele socar bastante semente de melancia, misturar com terra, umedecer um pouco, colocar no local e amarrar, pra curar, né? E ele fez o recomendado. Pôs um litro de semente de melancia no pilão e socou, socou, socou, misturou terra, fez

uma bolota grande, pôs no ferimento do cavalo e amarrou. Aí soltou o cavalo, que sumiu de vista... O animal passou três meses alongado, justamente o tempo que demora para produzir melancia. Um belo dia, Laquicho estava tomando tereré com Melica na sombra da casa. De repente ele falou:

“Uai, que diabo de animal é aquele?”

O bicho veio se aproximando e quando estava bem perto, o Laquicho entendeu tudo: era o cavalo doente. Vai ver que alguma semente de melancia ficou inteira, nasceu e cresceu, cresceu tanto, mas tanto, que o cavalo mal podia arrastar aquelas ramas carregadas de melancias...

(Albino Moraes Sobrinho)

155 - A outra do relógio

Com certeza, o leitor se interessará em saber onde esteve o Laquicho durante o mês em que deixou o trato do cachorro cortado ao meio sob a responsabilidade de Melica: ele foi atender ao pedido de uns amigos, para caçar uma onça que estava fazendo muito estrago na região do Carumbé.

Mas antes de contarmos o episódio da caçada, o leitor deverá saber que na viagem de ida ao Carumbé, Laquicho perdeu novamente o seu relógio. Laquicho saíra bem cedo de casa e lá pela hora do almoço, resolveu dar pasto aos bois e fazer a sua sesta. Como a carreta estava vazia e a parada seria rápida, nem chegou a desatrelar os bois. Como era dia de muito calor, tirou o relógio, aquele que já havia perdido uma vez, mas recuperara. Tirou também a roupa, o sapato e colocou tudo na grama. Tomou um banho, vestiu-se, subiu na carreta e seguiu viagem.

Só no outro dia, lembrou-se do relógio. Na volta do Carumbé, resolveu parar no mesmo lugar para ver se

encontrava o seu relógio, alías, uma peça muito estimada. Não é que o relógio estava no mesmo lugar onde o tinha deixado? Pegou-o e levou um grande susto: ele estava marcando a hora certinha. Como poderia ser uma coisa dessas se o relógio era daqueles de corda? Depois de muito matutar, Laquicho descobriu do que se tratava: havia deixado o relógio bem na boca de um buraco que era morada de uma cobra enorme então, toda vez que a cobra entrava e saía do buraco, sem querer, dava corda no relógio.

(Miéli Leite Farias / Atílio Torraca Filho)

156 - Duas onças com um tiro

Se o leitor já nos permitiu contar como Laquicho achou o seu relógio pela segunda vez antes que contássemos a história da caçada no Carumbé, também nos permitirá contar como ele adquiriu fama como caçador de onças. Uma das filhas do Laquicho contou-nos que, certa feita, na fazenda Lagoão, Laquicho “matou uma onça pintada que andava comendo porcos e depois de uns dias, matou uma outra onça parda que estava numa árvore e quase lhe caiu em cima”. Enquanto a filha nos contava essa história, chegou um neto do Laquicho, Nielson Cristian Sorensen, que, como o leitor logo perceberá, puxou ao avô. Nielson lembrou à tia que não foi com diferença de dias que as onças foram mortas. Na verdade, Laquicho matara ambas no mesmo dia e com uma única bala. É que ele tinha uma única bala no revólver, então, pensou:

“Se atiro na parda, a pintada me come; se eu atirar na pintada, a parda me come.”

O que ele fez? Pegou o facão, enterrou o cabo dele no chão e ficou esperando. Quando as onças partiram para

o seu lado, atirou no fio do facão e a bala se partiu ao meio: metade entrou na cabeça de uma onça e metade na cabeça da outra. Morreram as duas duma vez. Um outro neto do Laquicho, o Miéli, confirmou, tintim por tintim, essa história.

(Ilda Freitas Arriola / Nielson Cristian Sorensen / Miéli Farias)

157 - A caçada... com cachorros amarrados

Laquicho chegou na região do Carumbé, hoje distrito de Itaporã, onde fora chamado para matar uma onça que andava comendo muito bezerro, carneiro, potranco. No dia seguinte a sua chegada, saiu para a caçada, mas foi meio desprevenido de cachorro, levou somente dois cachorros pequenos.

Os cachorros eram bons, mas, sendo pequenos, a onça corria, corria e os cachorros não conseguiam acompanhar a corrida do bicho. Logo, ele não conseguia matar a onça. Muito esperto, Laquicho resolveu a parada: amarrô um cachorro nas costas do outro e soltou na batida da onça; aquele que ia correndo, quando cansava, deitava, virava, e o outro que estava em cima continuava a corrida...

Com três dias, pegaram e mataram a onça. Se alguém duvidar da história, é só ir à casa do Nielson Cristian Sorensen: além de nos contar essa história, ele garante que tem o couro guardado até hoje.

158 - Briga de onça com sucuri

Um belo dia, Laquicho, acompanhado de toda a sua família, foi a uma festa num vizinho próximo. Não estamos certos se era o casamento de uma filha ou uma festa junina.

De qualquer modo, era uma festa, a principal diversão naquela época. Como lembrou um de nossos entrevistados, com um suspiro de saudade, se fosse festa junina.

Qualquer que fosse o motivo das festas, com certeza, elas deixaram saudades: “Ah! as festas eram boas: era baile, era churrasco, era doce, tudo o que era coisa. Durava dois, três dias, o povo festejando, dançando, brincando. Era aquela maior alegria.”

Mas o leitor já deverá estar se perguntando: o que tem a ver uma briga de onça com sucuri com todas essas festas? O certo é que no dia da festa no vizinho, o Laquicho não estava a fim de festar. Talvez algum trabalho no sítio o preocupasse. Então, já noitinha, falou para Melica:

“Vocês pousam aqui que eu tenho que ir para casa.”

E foi. Como o sol estava entrando, resolveu pegar um atalho que passava por uma matinha. Já conhecia bem esse caminho, por isso foi embora. Quando estava atravessando a pinguela, viu uma onça bem na sua frente. Quis voltar, mas uma sucuri já o aguardava na outra ponta da pinguela. Parou no meio, a onça vindo dum lado, a sucuri do outro. Quando as duas atacaram, o Laquicho, mais do que depressa, se jogou n’água e desceu correnteza abaixo, sem poder assistir a essa briga entre a onça e a sucuri.

(Ilda Freitas Arriola / Arino Braga do Amaral)

159 - A junta de bois Jacaré e Sucuri

Na época do Laquicho, a mata que ocupava a região de Dourados era bastante vasta e exuberante. Eram abundantes os ervais, de onde eram extraídas as folhas para a produção da erva-mate, largamente utilizada no feitiço de chá, chimarrão e tereré. Além dos ervais e bosques de

perobas, havia uma infinidade de outras árvores, dentre elas as aroeiras. Havia grandes bosques como aquele de onde o Laquicho havia tirado os palanques da cerca varada pelo seu gado.

Quanto ao caso da invasão do terreno vizinho, Laquicho não sabia se era para rir ou chorar. Matreiro, como bom mineiro, convidou o delegado e o vizinho para subirem até sua casa; ali ele iria carnear uma novilha e fariam um churrasco. No caminho, foi contando com detalhes como fez a cerca que crescera desmesuradamente e, apontando para o bosque, mostrou de onde tirara as aroeiras.

Para buscar a madeira no bosque de aroeira, era preciso fazer uma curva muito grande por causa do brejo muito mole. Com a carreta carregada de aroeira e com muita pressa, o Laquicho resolveu atalhar pelo brejo. E foi... foi... até que a carreta começou a atolar no brejo, acabando por sumir completamente. Mas isso não foi nada, pois, mesmo atolados, os bois continuaram a puxar o carro.

Laquicho, que era magrinho, não atolou e continuou andando pelo brejo, tangendo os bois:

“Sucuri, Jacaré, vamos... Jacaré, Sucuri, força...”

E assim foi. Tangendo os bois, Laquicho conseguiu chegar em terra seca: todos saíram do brejo e atingiram o local da cerca. Tudo graças aos nomes dos animais: Sucuri e Jacaré. (Arino Braga do Amaral)

160 - Galo músico

Que galo canta todo mundo sabe, mas galo músico, como o do Laquicho, era bastante raro. O galo músico é aquele que canta inicialmente com o bico aberto para cima; conforme ele vai se aperfeiçoando, continua ainda a cantar

mesmo com o bico abaixado. Pois bem, era um desses galos músicos que o Laquicho possuía. Mas ele deu azar: um dia o tal galo foi cantar exatamente à beira do rego d'água que começara se formar ao lado do poço. O rego estava cheio, por isso quando o galo começou a cantoria, no que baixou o bico para prosseguir a música, morreu afogado.

(Jenoel Capilé)

161 - Caçando e pescando ao mesmo tempo

Graças à cachorra Maiada Como o leitor deve ter percebido, outra diversão daqueles tempos eram as pescarias, estas mais reservadas aos homens, em razão das dificuldades que apresentavam: “Íamos a cavalo... quando muito pousava na beira do rio e noutro dia voltava,... levava uma carne pra assar ou levava... uma galinha, fazia uma farofa, fazia essas coisas, né? Uma matula como dizem...matula, quando se ia viajar antigamente era matula ...”

Que havia muito peixe na região, parece não haver dúvidas. Dourados não tem esse nome à toa. A cidade tomou o nome emprestado ao rio dos dourados: Como se pode notar, o rio Dourados foi, e continua sendo, muito importante para a região, especialmente para Dourados. Além de fonte de diversão (as pescarias), nas suas margens se fazia muito plantio de arroz. Logo após a colheita, na palhada, encontrava-se em grande quantidade uma ave cuja carne é bastante apreciada, a perdiz. Pois foi numa dessas palhadas que Laquicho foi caçar certo dia, levando a sua perdigueira Maiada, uma cachorra cujo faro nunca se viu igual. Ela não somente amarrava a perdiz como a atraía, era impressionante.

Por volta das cinco e meia da tarde, o sol já estava se pondo, quando o Laquicho estava beirando o rio. Foi quando Maiada levantou uma perdiz, e Laquicho atirou. Quando a perdiz caiu, caiu dentro do rio. Maiada, que nunca havia deixado uma perdiz pra trás, pulou n'água. Laquicho gritou, assobiou, chamou a cachorra de volta e nada. Então foi descendo, quebrando mato no peito, seguiu, seguiu... e nada. Depois de ter andado mais ou menos um quilômetro, concluiu que cachorra havia mergulhado e morrido.

Em casa, contou a história e ninguém se conformou. Foram todos deitar, mas Laquicho e Melica não conseguiram pegar no sono, lastimando a perda da Maiada. Meia-noite, mais ou menos, escutaram um arranhado na porta.

“Esse arranhado é da Maiada”, disse Laquicho.

Levantaram, foram ver, pois não é que era mesmo a cachorra? Ela estava na porta, com um peixe ainda vivo na boca, um dourado de mais ou menos uns oito quilos. Quando cortaram o peixe, perceberam tudo: lá dentro, na barriga do dourado, estava a perdiz.

(Jenoel Capilé)

162 - A onça e o gaúcho

Já nos referimos, no início de nossa narrativa, a uma vaga de migração nordestina e gaúcha acontecida no final do século XIX e início do século XX. Mais recentemente, duas grandes vagas de migrantes mineiros e gaúchos causaram profundas transformações em Mato Grosso do Sul e especialmente em Dourados. Deixemos que um de nossos entrevistados explique o significado desse movimento para a região: Ramão Torraca, ao falar que o

gaúcho branco dispensa terra de mata e quer campo, refere-se à época em que aconteceu a expansão da cultura da soja, no início dos anos 70. Com técnicas apropriadas para plantar nas terras menos férteis, as chamadas terras de campo, os gaúchos aproveitaram o baixo preço dessas terras em relação às de mata e provocaram uma verdadeira revolução agrícola na região. Alguns vendiam suas pequenas propriedades no Sul, para comprar áreas maiores na região de Dourados; outros vinham somente com a cara e a coragem, arrendavam grandes áreas e, com os lucros obtidos, iam adquirindo a sua propriedade. Portanto, o Laquicho deve ter se estranhado com algum gaúcho descendente dos primeiros migrantes que se estabeleceram na região, haja vista que ele faleceu em 1946.

Em nossas entrevistas, nunca ouvimos falar que Laquicho tivesse algum tipo de preconceito, seja de raça, cor ou religião. Consequentemente, estranhamos a peça que ele pregou no tal gaúcho. Por isso, levantamos a seguinte hipótese: talvez o gaúcho dessa história estivesse interessado em alguma das filhas do Laquicho e ele, para se ver livre do pretenso genro, aprontou esta. O leitor já deve ter percebido que, em vários causos contados, aparecem expressões do tipo “Laquicho não tinha nem um canivete no bolso”. Naquela época, praticamente todo mundo usava algum tipo de arma: O Laquicho, no entanto, não acompanhava a maioria; somente levava arma, normalmente espingarda, quando ia caçar ou quando tinha a perspectiva de encontrar algum bicho em seu caminho.

No causo do gaúcho, Laquicho saiu com ele mato afora, sem nem sequer um canivete no bolso. E o gaúcho só gostava de matar onça. O tal gaúcho ia andando na frente e só falava de matar onça. E o Laquicho desconfiado dele... muito prosa, né? Lá adiante, havia duas árvores muito grossas e um vãozinho entre elas, pequenininho assim.

O Laquicho foi indo e no vão daquelas árvores, viu alguma coisa se mexendo. Fez sinal para o companheiro ficar quieto e foi devagarinho espiar: era uma onça que tinha se deitado lá, e o rabo ficou entre as árvores. Era uma onça muito grande, uma pintada enorme, e o rabo se mexendo. Laquicho chegou perto, pegou no rabo do animal e deu um grito. A onça foi lá em cima e voltou cá para baixo, e ele gritando. E o gaúcho gritando:

“Larga, larga... vai te comer!”

Que nada! O Laquicho aguentou firme. A onça virava, se contorcia, mas não o alcançava. Como as árvores eram muito grossas, a pintada virava pros lados e não o alcançava, só arranhava a árvore. Foi, foi, até que a onça cansou. Então Laquicho falou pro gaúcho:

“Vai, gaúcho, vai buscar uma foice... um machado lá pra nós mata essa onça.”

“Não vou, chiru, não vou. Pode ter outra aí...anda de casal... não vou.”

“Então segura aqui que eu vou lá buscar. Segura, fica segurando aí, gaúcho, tá cansada, pode ficar aí que tá cansada.”

Laquicho largou o gaúcho segurando a onça e foi embora pra casa. Não voltou. O gaúcho não apareceu mais. Não se sabe o que foi feito dele: se foi comido pela onça ou se deu no pé. O certo é que nunca mais voltou.

(Albino Moraes Sobrinho)

163 - Laquicho perde-se no mato

Pelos causos já contados, o leitor deve ter notado que havia muito mato na região de Dourados. Ercília de Oliveira Pompeu confirmou que a Avenida Weimar Torres, antigamente denominada Rio Grande do Sul, era conhecida

por rua dos Velhacos, pelo motivo alegado por Miguel Ângelo do Amaral.

Ela acrescentou que a atual Avenida Joaquim Teixeira Alves era conhecida como rua dos Sujos, porque as pessoas que vinham dos sítios, todas sujas, tinham vergonha de passar pela rua principal. Mesmo com essas ruas abertas, o mato frequentemente tomava conta dos lugares; abundavam os vassourais e os rebentões. Se na cidade era assim, imagine o leitor como eram as coisas nas zonas de mata fechada.

Uma ocasião, Laquicho andava pelo mato, provavelmente em busca de madeira boa para um esteio, e se perdeu. Ficou três dias perdido, sem comer. Ele estava andando quando viu um pau arcado, torto, e um bichinho lá em cima. Ele se aproximou bem devagarinho. Era uma irara furando mel. E tinha um filhote atrás da irara, né? Quando faltava comida, a irarinha arranhava as costas da mãe; a mãe tirava o mel e passava pra trás. O que o Laquicho fez? Morto de fome, com todo o cuidado, pegou a irarinha pelo pescoço... e passou a arranhar as costas da irara que, movida pelo instinto maternal, lhe passava o mel. Depois de encher a barriga de mel, ele devolveu o filhote, e a mãe nem se deu conta dele.

(Albino Moraes Sobrinho)

164 - Continuando a caçada, Laquicho perdeu um veado muito rápido

Depois que deu um jeito naquele cavalo que carregava uma árvore no lombo, Laquicho continuou a sua caçada. Laquicho já sabia, de ter ouvido falar, que mais ou menos onde se encontrava era a morada de um veado muito rápido, tão rápido que ninguém ainda o abatera.

Deu certo que naquele dia Laquicho estava

acompanhado por um cachorro muito ligeiro e parece que quando as coisas têm que acontecer, não há o que impeça. O cachorro encontrou o rastro do tal veado, e Laquicho logo o soltou em seu encalço. E o cão saiu latindo. O veado logo ganhou uma distância boa, mas a sorte é que ele não corria muito longe, sempre fazia curvas e voltava a passar no mesmo lugar. Numa dessas passagens, Laquicho errou o tiro, coisa que era difícil de acontecer, o que prova que o veado era mesmo muito rápido. O pior é que ficou sem munição. Mas Laquicho nem pensou em desistir da caça e continuou à espera, estudando os caminhos que o veado fazia. Já na boca da noite, pegou um facão, posicionou-se atrás de uma árvore e ficou na espreita. Quando o veado passou, vapt, desferiu o golpe. Mas o veado era tão rápido que quando o facão baixou, não o encontrou; a vítima fora o seu valente cachorro, que vinha logo atrás, e foi cortado ao meio. Meio desesperado, Laquicho catou umas ervas cicatrizantes que ele conhecia e que tinha por ali, fez um curativo e amarrou bem as duas partes do cachorro. Colocou o cachorro num saco e amarrou bem a boca para que ele não saísse enquanto não estivesse bom; só deixou a cabeça do cachorro pra fora. Então seguiu de volta para casa.

No outro dia bem cedo, teve que se ausentar, ficaria fora de casa mais ou menos um mês. Por isso pediu para Melica que tratasse com boa comida e água aquele seu cachorro de estimação. Depois de um mês, Laquicho voltou para casa. A primeira coisa que fez foi abrir o saco para ver como estava o cachorro. Tudo bem, as duas partes haviam colado, só que, na pressa, Laquicho colou errado, e o cachorro ficou com duas pernas pra cima e duas pra baixo.

Aí sim que o cachorro ficou melhor ainda: quando cansava de correr de um jeito, virava e corria de outro.

(Jenoel Capilé)



2026